

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

MARIA CAROLINA DE SOUZA SILVA

**AQUISIÇÃO DE TRAÇOS DE TEMPO E ASPECTO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Rio de Janeiro

2022

MARIA CAROLINA DE SOUZA SILVA

**AQUISIÇÃO DE TRAÇOS DE TEMPO E ASPECTO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado em Linguística apresentada
à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação em
Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.a Dr.a Adriana Leitão Martins

Rio de Janeiro

2022

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP - Catalogação na Publicação

da de Souza Silva, Maria Carolina
AQUISIÇÃO DE TRAÇOS DE TEMPO E ASPECTO NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO / Maria Carolina de Souza
Silva. -- Rio de Janeiro, 2022.
127 f.

Orientadora: Adriana Leitão Martins .
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa de Pós
Graduação em Linguística, 2022.

1. aquisição de linguagem. 2. tempo. 3. aspecto
gramatical. 4. aspecto semântico. 5. português
brasileiro. I. Leitão Martins , Adriana, orient.
II. Título.

**AQUISIÇÃO DE TRAÇOS DE TEMPO E ASPECTO NO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Maria Carolina de Souza Silva

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Leitão Martins

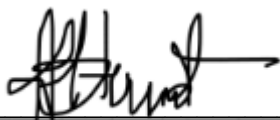
Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

Examinada por:



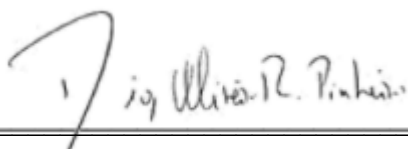
Prof.^a Dr.^a Adriana Leitão Martins

Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof.^a Dr.^a Arabie Bezri Hermont

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais



Prof. Dr. Diogo Oliveira Ramires Pinheiro

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Aniela Improta França

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Universidade Federal do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus por ter me capacitado e me dado saúde e forças até aqui. O período de desenvolvimento desta pesquisa coincidiu com os dois primeiros anos da pandemia que, infelizmente, levou muitas vidas. Acredito, mais do nunca, que a vida é um dom e, se escrevo hoje, é porque Ele é perfeito. A Ele devo toda glória e toda honra.

À minha mãe e à minha avó, que sempre me apoiaram e trabalharam muito para tornar a minha formação acadêmica possível. Agradeço a elas, sobretudo, por terem me ensinado os valores que carrego comigo, pois, sem eles, nenhum título acadêmico teria significado.

A toda a minha família que sempre acreditou em mim e me ensinou que o caminho se abre ao caminhar. Em especial ao meu tio Marcelo, minha tia Myriam, aos meus primos Layane, Andressa e Arthur, meu pai Maurício, meu irmão Vinícius e minha madrasta Rosana. Agradeço pelo amor, pelo carinho, pelos valores e pelos momentos reunidos que sempre me remetem à infância.

À Luana e à Raquel, por vibrarem comigo durante todo esse período e por cuidarem de mim quando precisei. Por me ouvirem nos momentos que achei que não ia conseguir e por me lembrarem, com muita leveza e carinho, da minha capacidade.

Às amigas que fiz em razão de vir morar na cidade do Rio de Janeiro para estudar. Especialmente à Miriam, Bianca, Juliana e Andreza. Agradeço por dividirmos tantos dias felizes que foram como uma balsa que me ajudaram a atravessar este caminho.

À minha querida orientadora, Adriana Leitão, por ser tão gentil e compreensiva. Agradeço por tanta dedicação, disponibilidade e cuidado para que este trabalho fosse feito com qualidade. A Dri me ensina muito além de ciência e me faz querer ser uma pessoa melhor em todas as áreas da minha vida. Ter a Dri como orientadora é um grande privilégio e sempre me faltarão palavras para retribuir tamanho comprometimento e sensibilidade.

A todos os professores que passaram pela minha vida, que, de alguma forma, me inspiraram a seguir o caminho do magistério. Agradeço, em especial, ao meu primeiro professor de Linguística, Diogo Pinheiro, que, graças a sua forma leve, ética e extraordinária de lecionar, me fez escolher a Linguística já no primeiro período da graduação e me trouxe até aqui.

Ao Jean Gomes, que sempre disponibilizou de seu tempo e de seu conhecimento para me ajudar com questões teóricas, e à Nayana Rodrigues, que disponibilizou os dados de fala que foram usados nesta pesquisa.

À agência de fomento CAPES, pela concessão da bolsa que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

“Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.”

Manoel de Barros, 1998.

RESUMO

SILVA, Maria Carolina de Souza. **Aquisição de traços de Tempo e Aspecto no português brasileiro**. Rio de Janeiro, 2022. 127f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

O objetivo geral deste trabalho é contribuir para o entendimento do processo de aquisição dos traços de Tempo e Aspecto no português brasileiro (PB). Tomando por base a Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996), propõem-se, como objetivos específicos, analisar a emergência das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente no PB e investigar (i) se todas essas morfologias emergem motivadas por um determinado traço aspectual semântico e, se sim, qual seria ele, (ii) qual o traço aspectual gramatical é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias e (iii) qual o traço temporal é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias. As hipóteses formuladas são de que, na aquisição do PB, (i) o emprego do presente simples é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos, (ii) o emprego do pretérito perfeito é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos, (iii) o emprego do futuro do presente é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos e (iv) posteriormente ao emprego das morfologias investigadas exclusivamente associadas a determinados traços aspectuais semânticos do verbo, seu uso é adequadamente feito para veicular os traços de aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente. Para tanto, adotou-se como metodologia um estudo de caso de caráter longitudinal a partir de dados secundários de Rodrigues (2019). Os resultados indicam que as primeiras produções de presente simples e pretérito perfeito, mas não de futuro do presente, emergem associadas a traços aspectuais semânticos do verbo. Por isso, a hipóteses (i) e (ii) não foram refutadas e a hipótese (iii) foi refutada. Analisou-se que as morfologias de presente simples e pretérito perfeito emergem primeiramente associadas ao traço aspectual semântico [*+/-event of change*] (ROTHSTEIN, 2008) marcado, respectivamente, de maneira negativa e positiva. Além disso, os resultados revelam que, depois que as morfologias não estão exclusivamente associadas a determinado traço aspectual semântico, a morfologia de presente simples é a primeira a consolidar-se enquanto veiculadora de traços de aspecto gramatical e tempo, veiculando apropriadamente os traços de imperfectivo e presente. Desse modo, a hipótese (iv) não foi refutada. Com base nos resultados, propõe-se um refinamento na Hipótese da Primazia do Aspecto em que se incluía também a morfologia de presente simples como inicialmente motivada pelo aspecto

semântico do verbo e o traço [*+/-event of change*] como motivador de morfologias verbais e discute-se a proposta de classificação de verbos considerando-se a pertinência de inclusão de diferentes propriedades aspectuais semânticas para tal classificação.

Palavras-chaves: aquisição de linguagem; tempo; aspecto gramatical; aspecto semântico; português brasileiro;

ABSTRACT

SILVA, Maria Carolina de Souza. **The acquisition of tense and aspect features in Brazilian Portuguese**. Rio de Janeiro, 2022. 127f. Master Thesis (Master in Linguistics) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

The general objective of this work is to contribute to the understanding of the acquisition process of Tense and Aspect features in Brazilian Portuguese (BP). Based on the Primacy of Aspect hypothesis (ANDERSEN; SHIRAI, 1996), we propose, as specific objectives, to analyze the emergence of present simple, past simple and future simple morphologies in BP and to investigate (i) whether all these morphologies emerge motivated by a certain semantic aspectual feature and, if so, which one it would be, (ii) which grammatical aspectual feature is initially conveyed properly by these morphologies and (iii) which temporal feature is initially adequately conveyed by these morphologies. The hypotheses formulated are that, in the acquisition of BP, (i) the use of the present simple is primarily motivated by semantic aspectual features, (ii) the use of the past simple is primarily motivated by semantic aspectual features, (iii) the use of the future simple is primarily motivated by semantic aspectual features and (iv) after the use of the investigated morphologies exclusively associated with certain semantic aspectual features of the verb, its use is properly made to convey the imperfective aspect grammatical feature and the present tense feature. To this end, we adopted a longitudinal case study as a methodology based on secondary data from Rodrigues (2019). The results indicate that the first productions of the present simple and past simple, but not the future simple, emerge associated with semantic aspectual features of the verb. Therefore, hypotheses (i) and (ii) were not refuted, while hypothesis (iii) was refuted. It was analyzed that the present simple and past simple morphologies emerge primarily associated with the semantic aspectual feature [+/-event of change] (ROTHSTEIN, 2008) marked, respectively, in a negative and positive way. Furthermore, the results reveal that, after the morphologies are not exclusively associated with a certain semantic aspectual feature, the present simple is the first to consolidate itself as a carrier of grammatical aspect and tense features, properly conveying the features of imperfective and present. Thus, hypothesis (iv) was not refuted. Based on the results, we propose a refinement in the Primacy of Aspect hypothesis, in which the present simple morphology is included as initially motivated by the semantic aspect of the verb and the feature [+/-event of change] is established as a motivator

of verbal morphologies and we discuss the proposal for classifying verbs considering the relevance of including different semantic aspectual properties for such classification.

Keywords: language acquisition; tense; grammatical aspect; semantic aspect; Brazilian Portuguese;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Representação de tempo segundo Comrie (1985).....	21
Figura 2: As formas temporais segundo Reichenbach (1947).....	28
Figura 3: Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976).....	30
Figura 4: A representação sintática de “ <i>man drive truck</i> ” segundo Radford (1990).....	47
Figura 5: Sistemas temporais segundo Weist (1986).....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Traços distintivos dos tipos de verbo de acordo com Smith (1997).....	34
Quadro 2: Traços distintivos dos tipos de verbo de acordo com Rothstein (2008).....	35
Quadro 3: Traços aspectuais semânticos motivadores de cada morfologia verbal.....	90
Quadro 4: Dados de marcação perfectiva em Lessa (2019).....	94

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de presente simples e a idade de AC.....	68
Gráfico 2: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de pretérito perfeito e a idade de AC.....	72
Gráfico 3: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de futuro do presente e a idade de AC.....	75
Gráfico 4: Relação entre as morfologias veiculadoras de aspecto gramatical e tempo e a idade de AC.....	82

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 AS CATEGORIAS LINGUÍSTICAS DE TEMPO E ASPECTO.....	20
1.1 A CATEGORIA DE TEMPO.....	20
1.2 A CATEGORIA DE ASPECTO.....	28
1.2.1 Aspecto gramatical.....	29
1.2.2 Aspecto semântico.....	31
1.3 RESUMO DO CAPÍTULO.....	37
2 A AQUISIÇÃO DE TEMPO E ASPECTO.....	40
2.1 A HIPÓTESE INATISTA.....	40
2.2 AS HIPÓTESES DE AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS.....	45
2.2.1 A Hipótese Maturacional.....	45
2.2.2 A Hipótese Continuísta.....	48
2.3 AS HIPÓTESES DE AQUISIÇÃO DE TEMPO E ASPECTO.....	52
2.3.1 A aquisição de Tempo.....	52
2.3.2 A aquisição de Aspecto.....	54
2.3.3 A aquisição de Tempo e Aspecto no português brasileiro.....	56
2.4 RESUMO DO CAPÍTULO.....	58
3 METODOLOGIA.....	60
3.1 TIPO DE ESTUDO.....	60
3.2 FONTE DE DADO.....	61
3.3 PARTICIPANTE.....	62
3.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE.....	62
4 RESULTADOS E ANÁLISES.....	64
4.1 MORFOLOGIAS VERBAIS E ASPECTO SEMÂNTICO.....	64
4.2 MORFOLOGIAS VERBAIS, ASPECTO GRAMATICAL E TEMPO.....	75
5 DISCUSSÃO.....	84

5.1 DISCUSSÃO ACERCA DA AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL À LUZ DO ASPECTO SEMÂNTICO DO VERBO.....	84
5.2 DISCUSSÃO ACERCA DA AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL À LUZ DO ASPECTO GRAMATICAL E DO TEMPO DO VERBO.....	91
5.3 DISCUSSÃO ACERCA DAS IMPLICAÇÕES PARA A TEORIA LINGUÍSTICA.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERÊNCIAS.....	100
ANEXO.....	107

INTRODUÇÃO

A linguagem reflete a forma como nossa mente funciona. Por isso, estudar a linguagem é uma das formas de se observar as especificidades da mente. Os humanos são os únicos seres capazes de adquirir linguagem. Alguns outros seres, apesar de possuírem a habilidade de se comunicarem entre si, não têm um sistema de comunicação tão complexo quanto o humano. Diversas perspectivas teóricas da linguística ocupam-se em investigar a linguagem.

Por volta da década de 50 do século XX, inaugura-se uma corrente teórica interessada no estudo da linguagem como uma faculdade mental. Introduzida por Noam Chomsky (1957), esse modelo teórico ficou conhecido como Gerativismo e é adotado neste estudo. Nessa perspectiva, admite-se que a mente seja modular. Assim, entende-se que a mente é um sistema complexo composto por módulos cognitivos diferentes, operados por princípios específicos, que estabelecem interações entre si (FODOR, 1986). Ainda, essa corrente admite que a linguagem humana é resultado de um módulo mental exclusivo para a linguagem, denominado Faculdade da Linguagem (doravante FL). Os estudos que investigam a FL apontam para o fato de que todos os sujeitos nascem com um aparato genético voltado para o desenvolvimento linguístico que não apresenta diferenças entre os indivíduos ao nascerem. Em razão disso, sugere-se que as línguas têm muito mais propriedades em comum do que diferenças entre si.

Nessa perspectiva, a linguagem apresenta elementos invariáveis que são compartilhados por todas as línguas existentes, ainda que elas apresentem também propriedades que as distingam. O que parece não ser compartilhado por todas as línguas são as propriedades do léxico que codificam certas informações relacionadas às categorias funcionais. Tais categorias podem ser entendidas como aquelas atreladas às propriedades gramaticais das línguas. Muitos pesquisadores gerativistas têm buscado detalhar as categorias funcionais, como, por exemplo, as de tempo e aspecto.

Apesar de essas duas categorias serem hoje tratadas como núcleos de sintagmas funcionais independentes, estudiosos gerativistas já assumiram que todas as informações que possam estar codificadas na morfologia do verbo estavam contidas no núcleo de um único sintagma flexional. Somente no final da década de 80 do século XX, sugeriu-se que esse sintagma único fosse dividido e as categorias de tempo e concordância fossem responsáveis

por projetar sintagmas diferentes responsáveis por informações flexionais do verbo de naturezas distintas.

A proposta de tempo e concordância nuclearem os dois sintagmas flexionais na representação sintática da sentença deu lugar, na década de 90 do século XX, à proposta de que tempo e aspecto poderiam ser as categorias a projetar esses dois sintagmas flexionais. Com isso, aspecto passou a receber mais atenção como uma categoria funcional que poderia, juntamente com tempo, comportar traços relacionados à flexão.

Tais categorias compartilham certas propriedades semânticas: enquanto tempo linguístico permite situar uma situação do tempo físico em relação a determinado ponto de referência, aspecto linguístico permite fazer referência aos contornos temporais internos de uma dada situação, como, por exemplo, sua descrição como um bloco fechado no tempo ou como constituída de fases internas. O aspecto é veiculado nas línguas por meio de propriedades tanto gramaticais quanto semânticas. O aspecto gramatical refere-se à noção aspectual que pode ser veiculada pela morfologia do verbo, ao passo que o aspecto semântico refere-se a certos traços semânticos – como de estatividade/dinamicidade ou de duratividade/pontualidade – que são inerentes à raiz do verbo, aos argumentos e/ou aos adjuntos presentes nas sentenças, independentemente de qualquer marcação morfológica.

Dada a relevância que o estudo acerca dos sintagmas de tempo e de aspecto assume para o entendimento da configuração estrutural da sentença a partir do final do século XX, também o estudo da aquisição dessas categorias passa a assumir um papel importante para o entendimento da estrutura da FL. Dentre as pesquisas que se voltam para a aquisição de tempo e aspecto, destacam-se aquelas que adotam a Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Nessa hipótese, assume-se que, inicialmente, o uso das morfologias verbais no período de aquisição de linguagem é motivado pelo aspecto semântico do verbo e não pelo aspecto gramatical ou tempo. Mais especificamente, de acordo com essa hipótese, a morfologia de perfectivo emerge primeiramente associada a determinados tipos de verbo definidos em função de seu aspecto semântico.

Considerando os estudos de diferentes autores que assumem que o aspecto semântico é o motivador para o uso de certas morfologias verbais no início do processo de aquisição (Lessa, 2019; Silva; Martins; Rodrigues, 2020) destaca-se que: (i) os tipos de verbos propostos como aqueles aos quais as morfologias são inicialmente empregadas podem ser descritos à luz de diferentes propostas de classificação verbal, em que se consideram traços aspectuais semânticos distintos e (ii) as morfologias de presente (não progressivo) e de futuro não são descritas como sendo inicialmente empregadas motivadas pelos tipos de verbo. Logo,

abrem-se aí duas lacunas que esta dissertação pretende preencher: (i) quais são os traços aspectuais semânticos específicos que disparam as morfologias verbais? (ii) as morfologias de presente simples e de futuro do presente também emergem motivadas por esses traços aspectuais semânticos?

Frente a esse contexto, esta dissertação busca investigar a aquisição das morfologias verbais no português brasileiro (doravante PB) com base na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Mais especificamente, busca-se pesquisar a aquisição das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente no PB a fim de compreender quais são os traços temporo-aspectuais que primeiramente consolidam-se na FL no processo de aquisição. Para tanto, delinearam-se, como objetivos específicos, analisar a emergência das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente na produção de uma criança adquirindo o PB e investigar (i) se todas essas morfologias emergem motivadas por um determinado traço aspectual semântico e, se sim, qual seria ele, (ii) qual o traço aspectual gramatical é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias e (iii) qual o traço temporal é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias¹.

Assume-se que a investigação empreendida neste estudo possa contribuir para fomentar discussões teóricas acerca das categorias linguísticas de tempo e aspecto. Além disso, destaca-se que quatro questões de pesquisa norteiam o presente estudo: (i) aspecto semântico é, de fato, adquirido antes de tempo e aspecto gramatical? (ii) em caso positivo para a primeira questão, quais traços aspectuais semânticos norteiam a aquisição inicial das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente? (iii) quais traços aspectuais semânticos são primeiramente consolidados na gramática infantil? (iv) quais traços aspectuais gramaticais são primeiramente consolidados na gramática infantil? e (v) quais traços temporais são primeiramente consolidados na gramática infantil?

Neste trabalho, assumem-se quatro hipóteses acerca da aquisição das morfologias verbais investigadas. As três primeiras hipóteses são de que, nas fases iniciais da aquisição do PB, é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos do verbo o emprego (i) da morfologia de presente simples, (ii) da morfologia de pretérito perfeito e (iii) da morfologia de futuro do presente. A quarta hipótese é de que, posteriormente ao emprego de tais morfologias verbais exclusivamente associadas a determinados traços aspectuais semânticos

¹ Para a elaboração das hipóteses (ii) e (iii), assume-se que um determinado traço aspectual ou temporal seja adequadamente veiculado por uma dada morfologia quando esta morfologia seja aquela empregada por falantes adultos, nativos e saudáveis da língua em questão para veicular tal traço.

do verbo, as morfologias verbais investigadas no PB são adequadamente empregadas para veicular os traços de aspecto gramatical imperfectivo e de tempo presente.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se um estudo de caso de uma criança adquirindo o PB, de caráter longitudinal, a partir de dados secundários extraídos de Rodrigues (2019). A coleta desses dados foi realizada através de gravações da fala espontânea e semiespontânea feitas em média a cada duas semanas, com duração de cerca de uma hora cada, entre os anos de 2016 e 2018.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo discorrerá sobre as categorias de tempo e aspecto. O segundo revisará algumas propostas relevantes sobre a aquisição dessas duas categorias funcionais. O terceiro apresentará a metodologia adotada nesta pesquisa. O quarto capítulo disporá os resultados e análises obtidos. Por fim, o quinto capítulo conterà as discussões empreendidas nesta investigação. Por último, serão apresentadas as considerações finais deste estudo.

1 AS CATEGORIAS LINGUÍSTICAS DE TEMPO E ASPECTO

As categorias de tempo e aspecto são relevantes para o âmbito linguístico e conceptual e, em razão disso, muitos estudiosos vêm tratando dessas categorias a partir de dados de diferentes línguas do mundo. De acordo com Ouhalla (1991), a representação das estruturas das sentenças é determinada pelas categorias de tempo e aspecto.

A teoria linguística divide os elementos do léxico em duas categorias: as lexicais e as funcionais. As categorias lexicais são aquelas que atribuem papel temático aos seus argumentos e apresentam conteúdo descritivo. Já as categorias funcionais não atribuem papel temático e não apresentam conteúdo descritivo, entretanto, podem selecionar categorias sintáticas e morfológicas (OUHALLA, 1991). Ainda segundo Ouhalla (1991), os elementos que compõem as categorias funcionais são limitados, constituindo uma classe fechada, e podem ser exemplificados por complementizador (C), Tempo (T), Aspecto (Asp) determinantes (D), concordância (Agr) e negação (Neg).

A fim de descrever as duas categorias funcionais relevantes para este estudo – Tempo e Aspecto – de forma satisfatória, este capítulo é dividido da seguinte forma: na primeira seção, trataremos da categoria de tempo; na segunda, definiremos a categoria de aspecto e apresentaremos suas classificações; por fim, na última seção apresentamos um resumo deste capítulo.

1.1 A CATEGORIA DE TEMPO

Todas as línguas naturais expressam noções temporais, contudo, cada língua dispõe de uma forma distinta para codificar a categoria de tempo. Esta seção tem o objetivo de discutir o entendimento dessa categoria linguística.

Inicialmente, é necessário mencionar que, no português, usamos a mesma palavra – tempo – para indicar noções temporais e expressões linguísticas de tempo. Entretanto, o inglês distingue a nomeação dessas noções, rotulando de *time* tudo que se refere ao conceito de tempo e de *tense* o que se refere à codificação gramatical da expressão linguística de tempo. Uma vez que a proposta deste trabalho é investigar, de forma detalhada, a expressão do conceito de tempo por meio da categoria linguística de tempo, ambas as informações aparecerão no decorrer das discussões. Por isso, a fim de evitar um engano no entendimento daquilo que se faz referência em determinado contexto, estabelecemos a distinção deles com o uso de letra minúscula ou maiúscula na palavra *tempo*, de modo que “tempo” indica o

conceito propriamente dito, enquanto “Tempo” indica a expressão linguística de tempo gramaticalmente codificada.

Em sua publicação intitulada *Tense*, Comrie (1985) define a categoria linguística de Tempo como uma forma de localizar os acontecimentos no tempo físico. Podemos, então, situar um momento qualquer em uma linha do tempo relacionado a um ponto de referência temporal, sendo Tempo, portanto, uma categoria dêitica. Esse ponto de referência é, normalmente, o momento da fala.

Desse modo, Comrie (1985) propõe que a representação temporal pode ser expressa, de forma satisfatória, a partir de uma linha reta, como representado abaixo. O ponto zero indica o momento da fala, ou seja, o presente. O ponto à esquerda, localizado antes do ponto zero, indica o passado. O ponto à direita, posterior ao ponto zero, indica o futuro.

Figura 1: Representação de tempo segundo Comrie (1985).



Fonte: Adaptado de Comrie (1985, p.2).

Segundo Comrie (1985), essa representação de localização temporal exposta acima é universal e, portanto, abarca todas as línguas, independentemente de quais distinções sejam feitas para expressar Tempo. Algumas culturas expressam noções temporais de formas diferentes. Isso se explica pelo fato de algumas línguas adotarem a noção de tempo cíclico. A perspectiva cíclica do tempo alteraria a figura 1 (uma reta) para um círculo. Apesar disso, Comrie (1985) afirma que essa proposta não é significativa para o seu estudo, visto que não existe nenhuma língua no mundo em que a perspectiva cíclica de tempo modifique a expressão de Tempo como uma categoria gramatical.

Comrie (1985) discorda de propostas que indicam que existam culturas que não tenham o conceito de tempo. O autor explica que essa ideia equivocada de que uma língua pode não expressar tempo pode ser explicada pelo fato de existirem línguas que não dispõem de forma gramatical de localizar linguisticamente uma situação no tempo. Assim, o autor afirma que todas as línguas naturais podem localizar situações no tempo, mas podem divergir

no grau de exatidão da localização e podem não implementar tal localização por meio de dispositivos gramaticais.

Essa representação do tempo em linha reta com o momento de fala como um centro dêitico, como demonstrado na figura 1, permitiu a distinção entre dois tempos: absoluto e relativo. Segundo Comrie (1985), os tempos absolutos têm como parte do seu significado o momento presente como centro dêitico, ou seja, o momento da fala como ponto de referência, como os Tempos presente, passado e futuro. Já os tempos relativos se referem a um tempo que não tem o momento presente como centro dêitico para a construção do seu significado, tendo, portanto, um outro ponto no tempo, fornecido pelo contexto, como o momento de referência. Temos como exemplos de tempos absoluto e relativo no PB, respectivamente, os chamados “pretérito perfeito” e “pretérito mais que perfeito composto”, uma vez que enquanto aquele possibilita a expressão de uma situação localizada à esquerda do momento de referência, que seria o ponto zero na figura 1, este possibilita a expressão de uma situação localizada à esquerda do momento de referência, que não seria o ponto zero na figura 1 e sim um outro ponto à esquerda do ponto zero. Para o escopo deste estudo, interessam apenas os tempos absolutos (presente, passado e futuro).

Em seu livro, Comrie (1985) explica que o Tempo presente expressa uma coincidência do tempo da situação com o momento presente; o Tempo passado localiza uma situação anterior ao momento presente e o Tempo futuro localiza uma situação após o momento presente.

Em relação ao tempo presente, mais especificamente, Comrie (1985) assume que é raro uma situação coincidir exatamente com o momento presente, isto é, poucas situações ocupam um único momento no tempo que é exatamente sincrônico com o tempo presente. Entretanto, é possível que casos como esse aconteçam, como nas sentenças performativas, em que a ação descrita na sentença é performada no ato da enunciação da sentença em questão, como ocorre no exemplo do autor (COMRIE, 1985, p.37) apresentado em (1) abaixo. Apesar de levar um tempo para pronunciar a sentença, ela pode ser entendida como momentânea.

(1) *I name this ship the Titanic.*

Eu nomeio esse navio o Titanic

Comrie (1985) menciona mais um exemplo de coincidência entre o tempo de localização da situação e o momento presente, como em relatos simultâneos a eventos, ilustrado em (2) a seguir, também retirado do autor (COMRIE, 1985, p.37).

(2) *Red Rover crosses the finishing line.*

Red Rover atravessa a linha de chegada

No exemplo em (2), que poderia ser produzido por um comentarista de corrida de cavalos, a enunciação da sentença coincide quase exatamente com o momento em que o cavalo alcança a linha de chegada. Contudo, sentenças desse tipo, como já mencionado anteriormente, são raras.

O uso do Tempo presente pode ser observado em diversas outras formas. Um dos usos comuns do Tempo presente é se referindo a situações que ocupam um período de tempo bem mais longo do que o tempo presente, mas que certamente o inclui. O Tempo presente é usado para falar de estados e processos que acontecem no momento presente mas que começaram antes e podem continuar depois dele, como exemplificado pelo autor por meio das sentenças em (3) e (4) a seguir (COMRIE, 1985, p.37).

(3) *The Eiffel Tower stands in Paris.*

A torre Eiffel está em Paris.

(4) *The author is working on chapter two.*

O autor está trabalhando no capítulo dois.

Em ambos os exemplos, pode-se afirmar que as situações acontecem no tempo presente. A torre Eiffel de fato está em Paris neste momento e o autor de fato está trabalhando em seu capítulo dois no presente. Contudo, ambas as situações dos exemplos não nos permitem dizer que elas estejam restritas exclusivamente ao presente.

Apesar de parecer existir uma incoerência na definição do Tempo presente abarcando situações que não acontecem somente no tempo presente, como é o caso dos exemplos em (3) e (4), Comrie (1985) sugere que não é necessária uma modificação na definição desse Tempo. Segundo esse autor, a definição do Tempo presente não se compromete com nada além de localizar uma situação no momento presente.

Em relação ao Tempo passado, entende-se que este localiza uma situação à esquerda do momento presente, como representado na figura 1. Comrie (1985) reforça que a definição de Tempo passado indica uma localização anterior ao tempo presente e não inclui informações sobre a situação do passado ter ocupado apenas um ponto anterior ao presente, ou um período de tempo estendido até antes do momento presente ou, ainda, todo o tempo até

o momento presente. Os exemplos propostos pelo autor e apresentados abaixo representam, respectivamente, essas ideias (COMRIE, 1985, p.41).

(5) *At seven o'clock yesterday John promised to give me ten pounds.*

Ontem às sete horas, John prometeu me dar dez libras

(6) *John lived in Manchester from 1962 to 1982.*

John morou em Manchester de 1962 até 1982

(7) *Up to this moment this disease was incurable.*

Até este momento esta doença era incurável

Ainda em relação ao passado, Comrie menciona que, em inglês, o conceito da referência do Tempo passado pode ser neutro quando interpretamos as sentenças fornecidas pelo autor e apresentadas a seguir (COMRIE, 1985, p.41).

(8) *John was in Paris.*

John esteve em Paris

(9) *John has been in Paris.*

John esteve em Paris

A sentença em (8) revela a existência de um momento específico anterior ao presente em que John esteve em Paris e tanto o falante como o ouvinte compartilham do conhecimento de quando a situação aconteceu. Já o segundo exemplo revela que há algum tempo no passado em que a situação ocorreu e esse tempo não é necessariamente relevante ou conhecido pelo falante e pelo ouvinte. Comrie (1985) menciona esses exemplos com o objetivo de afirmar que essas interpretações são coerentes com a definição do tempo passado.

Além disso, para o autor, o uso do Tempo passado localiza uma situação no passado, sem mencionar se a situação continua no presente ou no futuro, apesar de comumente existir uma implicatura conversacional de que ela não continua até ou além do presente (COMRIE, 1985, p.41). Este último ponto segue da máxima de relação (relevância) de Grice (1975), em que as afirmações sobre o momento presente são mais relevantes do que aquelas sobre outros tempos, de modo que o uso de uma forma explicitamente localizando uma situação no passado sugere que essa situação não se mantém no presente; caso contrário, o Tempo presente seria usado. Comrie ilustra esse ponto por meio do exemplo apresentado a seguir (COMRIE, 1985, p.41).

(10) *John used to live in London.*

John costumava morar em Londres

No exemplo em (10), a implicatura revela que John não mora mais em Londres, porém, é ainda possível que outros elementos da sentença invalidem essa implicatura. Por exemplo, se fosse de conhecimento que John mora em Londres atualmente e perguntassem onde ele morava dez anos atrás, seria ainda possível dizer que “*John used to live in London*”. Nesta situação, claramente o contexto invalida a implicatura de que ele não mora mais em Londres. Além disso, também é possível que o contexto não seja suficiente para entender se a implicatura é verdadeira ou não. Se alguém pergunta se John mora em Londres e respondessem que “*he used to, but I don't know if he still does*” (ele morava, mas eu não sei se ele ainda mora), não se saberia, portanto, se a situação permanece no presente ou não.

Em relação ao passado progressivo, Comrie tece considerações a partir da sentença exemplificada a seguir (COMRIE, 1985, p.42):

(11) *John was eating his lunch (when I looked into his room).*

John estava almoçando (quando eu olhei para o quarto dele)

O exemplo em (11) estabelece que, em um certo período do passado, especificamente “quando eu olhei para o quarto dele”, a proposição de John estar almoçando era verdadeira. Contudo, essa proposição não permite interpretar se essa situação ainda continua no presente ou não.

No que diz respeito ao Tempo futuro, Comrie (1985) propõe que, como já mencionado neste trabalho, tal Tempo localize uma situação em momento posterior ao presente, no lado direito da linha do tempo apresentada na figura 1 desta dissertação. Qualquer dedução que a situação em questão não se sustente no momento presente é, na melhor das hipóteses, uma implicatura, ao invés de parte do significado do Tempo futuro. O exemplo proposto pelo autor para ilustrar essa questão é apresentado abaixo (COMRIE, 1985, p.43).

(12) *John will be eating his lunch when you call on him in five minutes' time.*

John vai estar almoçando quando você visitá-lo em cinco minutos

O exemplo em (12) não exclui a possibilidade de que John já tenha começado a almoçar. No entanto, à luz da grande polêmica que cercou o conceito de futuro, tanto na teoria linguística geral quanto na análise de línguas individuais (incluindo o inglês), Comrie (1985) acredita que seja necessário examinar uma série de fenômenos antes de retornar a essa caracterização. De fato, o autor conclui que essa caracterização do significado do Tempo futuro é adequada, mas a discussão é se esse seja, de fato, um Tempo verbal.

De acordo com Comrie (1985), dentre as objeções feitas à noção de Tempo futuro, a primeira delas é conceitual. A linha do tempo representada na figura 1 deste trabalho é um diagrama simétrico em que o futuro é apresentado igual ao passado, diferindo apenas em direções na representação da linha. Porém, no que diz respeito ao sentido, o futuro é totalmente diferente do passado. O tempo passado inclui o que pode já ter acontecido e é imutável, além do controle de nossas ações presentes. O futuro, por outro lado, é necessariamente especulativo, pois qualquer previsão que fizermos sobre o futuro pode ser alterada por eventos intervenientes, incluindo nossa própria intervenção consciente. Assim, em um sentido muito real, o passado é mais definido do que o futuro. Em seguida, pode-se argumentar que, embora a diferença entre passado e presente seja de fato de tempo, a diferença entre futuro, por um lado, e passado e presente, por outro, deva ser tratada como modal e não temporal (COMRIE, 1985, p.44).

A objeção feita no parágrafo anterior sustenta-se no fato de que o passado e o futuro diferem entre si em certos aspectos. Contudo, Comrie (1985) defende que esses dois Tempos verbais compartilhem outros aspectos que talvez sejam mais cruciais para o Tempo. Portanto, a questão de saber se a referência de Tempo futuro é entendida a partir da noção de *tense* ou *mood*, seja na teoria linguística geral ou em alguma língua específica, é uma questão empírica que só pode ser respondida com base na investigação de expressões gramaticais de referência de tempo futuro em várias línguas.

Comrie (1985) explica que o Tempo futuro em inglês faz uma previsão clara sobre alguma informação do futuro e, por isso, difere-se das informações transmitidas por modais. Assim, “*it will rain tomorrow*” (vai chover amanhã), exemplo dado pelo autor na página 44, é uma declaração muito definitiva, e sua verdade pode ser confirmada ou não em um momento futuro, caso chova ou não. O autor explica que isso pode ser contrastado com “*it may rain tomorrow*” (pode chover amanhã), o que é meramente uma afirmação sobre algo possível em que haverá chuva amanhã, mas a veracidade desta informação não pode ser conferida em um momento futuro. Em outras palavras, segundo Comrie (1985), é difícil verificar a veracidade de uma construção modal pois requer conferir a possibilidade de existir uma informação que

não coincida com o que é real. Assim, nesta dissertação, admite-se que é possível ter uma referência de Tempo futuro que não é necessariamente modal.

Além de Comrie (1985), o estudo de Reichenbach (1947) também contribuiu para o entendimento da categoria de Tempo para a linguística. Esse autor atribui aos morfemas de Tempo a capacidade de relacionar três momentos diferentes. Assim, os morfemas temporais possibilitam relacionarmos cronologicamente esses momentos diferentes, os quais ficaram conhecidos como ponto da fala (S ou ST – *speech time*), ponto do evento (E ou ET – *event time*) e ponto de referência (R ou RT – *reference time*). Segundo o autor, o E seria o instante em que o evento descrito acontece. O S seria o momento da enunciação do evento. Por último, o R é o tempo de referência. Reichenbach (1947) propõe que esses três pontos podem estabelecer relações entre si. De acordo com o autor, se tomarmos como ponto de partida o S, o ponto R pode ser anterior, posterior ou coincidir com S. Além disso, em relação ao ponto E, o ponto R também pode estar posicionado anteriormente, posteriormente ou simultaneamente ao ponto E. Dessa forma, a combinação entre esses três pontos geraria nove formas verbais distintas apresentadas por Reichenbach e representadas na figura 2 abaixo. Nessa figura, a vírgula (,) disposta entre os pontos S, E e R indica simultaneidade entre aqueles pontos, ao passo que o hífen (-) indica que o(s) ponto(s) S, E e R que está(ão) à esquerda do hífen é(são) anterior(es) àquele(s) que está(ão) à direita do hífen.

Figura 2: As formas temporais segundo Reichenbach (1947).

Estrutura	Nomenclatura nova	Nomenclatura tradicional
E-R-S	Anterior past	Past Perfect
E,R-S	Simple past	Simple past
R-E-S	Posterior past	
R-S,E		
R-S-E		
E-S,R	Anterior Present	Present Perfect
S,R,E	Simple Present	Present
S,R-E	Posterior Present	Simple Future
S-E-R	Anterior Future	Future Perfect
S,E-R		
E-S-R		
S-R,E	Simple Future	Simple Future
S-R-E	Posterior Future	

Fonte: adaptado de Reichenbach (1947, p. 297)

Desse modo, Reichenbach (1947) sugere uma nova perspectiva que considera a existência de mais formas verbais para além daqueles já aventadas na literatura. O autor classifica esses tempos verbais propostos como “*fundamental forms*” (formas fundamentais). Como mencionamos nesta seção, para esta pesquisa, interessam-nos apenas os tempos absolutos definidos como “*simple present*” (presente simples), em que há simultaneidade entre os pontos da fala, de referência e do evento (S,R,E), “*simple past*” (passado simples), em que o ponto do evento é anterior aos pontos de referência e da fala, sendo estes simultâneos (E-R,S), e “*simple future*” (futuro simples), em que o ponto do evento é posterior aos pontos de referência e da fala, sendo estes simultâneos (S-R,E).

Na próxima seção, trataremos da categoria de Aspecto.

1.2 A CATEGORIA DE ASPECTO

Apesar de ambas as categorias, Tempo e Aspecto, terem relação com a temporalidade das situações, elas apresentam diferenças significativas uma da outra. Uma dessas diferenças está no caráter dêitico / não-dêitico dessas categorias. Se, por um lado, como discutido na seção anterior, a categoria Tempo localiza a situação em relação a algum ponto de referência temporal, sendo, portanto, dêitica, por outro lado, a categoria aspecto expressa alguma perspectiva temporal da situação descrita em si mesmo, sem relacioná-la a algum ponto de referência temporal, sendo, portanto, não-dêitica.

A categoria aspecto é definida por Comrie (1976) como as diferentes formas de se observar a constituição temporal interna de uma situação. Os exemplos abaixo retratam a diferença entre as categorias Tempo e aspecto:

(13) Lucas andou de bicicleta.

(14) Lucas estava andando de bicicleta.

No que diz respeito à categoria Tempo, ambas as situações, expressas por “andou”, no exemplo em (13), e por “estava andando”, no exemplo em (14), se referem a um momento anterior ao de fala, isto é, ao passado. Apesar de compartilharem do mesmo Tempo, as duas formas verbais se distinguem em seus valores aspectuais. No primeiro exemplo, as etapas que constituem a temporalidade interna do evento não são o foco do falante. Já no segundo exemplo, nota-se a existência de um destaque a fases internas do evento. Assim, Comrie (1976) propõe que a diferença aspectual básica nas línguas seja aquela estabelecida entre o

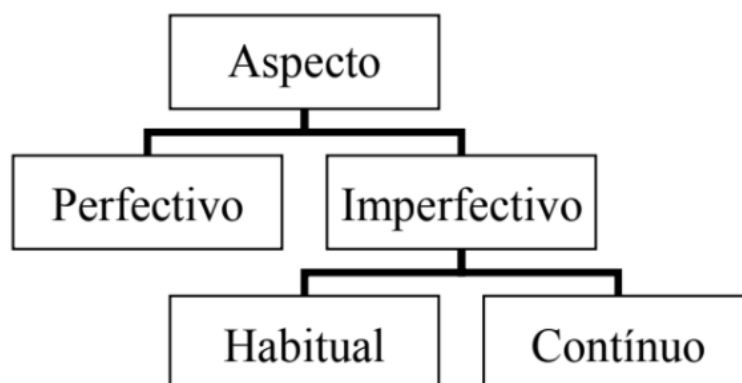
perfectivo e o imperfeito, ilustrados pelos exemplos em (13) e (14) e discutidos em detalhes na próxima subseção.

1.2.1 Aspecto gramatical

A categoria de aspecto pode ser dividida em gramatical e lexical. Para a autora Smith (1997), o aspecto gramatical, que também pode ser conhecido como *viewpoint aspect*, pode ser expresso por meio da morfologia verbal ou por perífrases verbais, como é o caso do português. Contudo, é importante mencionar que as morfologias verbais no português não dispõem exclusivamente de informações de aspecto, pois elas também codificam tempo.

De acordo com Comrie (1976), o aspecto gramatical pode ser dividido em perfectivo e imperfeito. Esse último ainda se divide em habitual e contínuo. A figura 3 abaixo representa o esquema de oposições aspectuais de acordo com esse autor.

Figura 3: Classificação das oposições aspectuais segundo Comrie (1976)



Fonte: adaptado de Comrie (1976, p.25).

O uso do aspecto perfectivo permite que observemos uma situação em sua totalidade, sem dar foco nas etapas que compõem a situação referida. A sentença em (15) abaixo exemplifica essa ideia.

(15) Maria cantou.

Ainda de acordo com Comrie (1976), o aspecto imperfeito nos permite observar a temporalidade da situação de uma perspectiva interna, destacando, em uma situação, por exemplo, suas fases inicial, medial ou final. Esse tipo de aspecto ainda pode ser dividido em

habitual e contínuo. O aspecto imperfectivo habitual expressa uma situação que caracteriza todo um período de tempo, a ponto de ser identificado como um hábito. Já o aspecto imperfectivo contínuo expressa uma situação que está acontecendo num dado momento de referência, podendo ser veiculado, no português do Brasil, por morfologias progressivas ou não progressivas, como demonstra o trabalho de Moreira (2020). A sentença em (16) a seguir exemplifica o aspecto gramatical imperfectivo habitual e as sentenças em (17) e (18) exemplificam o aspecto gramatical imperfectivo contínuo, respectivamente, progressivo e não progressivo.

(16) João trabalhava em casa.

(17) Lucas estava jogando futebol.

(18) Maria caminha para escola agora.

A seguir, trataremos, de forma mais detalhada, do aspecto semântico, descrevendo algumas propostas distintas apresentadas na literatura acerca da classificação verbal.

1.2.2 Aspecto semântico

O aspecto semântico ou *situation type* (SMITH, 1997) tem relação com a informação da temporalidade interna da situação inerente às raízes verbais e a outros itens lexicais que constituem a sentença (COMRIE, 1976). Em outras palavras, os próprios itens lexicais nos permitem visualizar a composição temporal interna da situação, independentemente de qualquer marcação morfológica.

Ao discutir sobre o aspecto semântico, é importante mencionar Vendler (1967). Esse autor realizou um estudo no qual faz uma análise dos predicados verbais em inglês e, a partir dessa análise, estabeleceu tipos de verbo que podem ser diferenciados levando em consideração suas propriedades semânticas aspectuais. Naquele momento, o autor não utilizou explicitamente o termo ‘aspecto’, mas sua análise dos predicados parecia levar em conta valores aspectuais. Vendler (1967) propôs os seguintes tipos de verbo: *states* (estados), *activities* (atividades), *achievements* (culminações) e *accomplishments* (processos culminados).

Os verbos de estado expressam situações com período de tempo e não indicam processos, como no exemplo em (19), extraído de Vendler (1967, p.107).

(19) Loving somebody.

Amar alguém

Os verbos do tipo atividade expressam eventos com períodos de tempo que não são marcados, indicam processos e têm caráter homogêneo, como no exemplo em (20), extraído de Vendler (1967, p.107).

(20) Running.

Correr

Os verbos do tipo *accomplishment*² expressam eventos com períodos de tempo que são marcados, por terem um clímax, e não possuem um caráter homogêneo, como no exemplo em (21) abaixo, extraído de Vendler (1967, p.107).

(21) Painting a picture.

Pintar um quadro

Por último, os verbos do tipo *achievement* expressam eventos sem duração, que ocorrem em um instante único de tempo, como no exemplo em (22) abaixo, extraído de Vendler (1967, p.107).

(22) Finding an object.

Encontrar um objeto

Essa proposta de classificação dos verbos feita por Vendler (1967) foi interpretada considerando certos traços aspectuais semânticos por alguns autores, como observado em Smith (1997). A proposta dessa autora é que os tipos de verbo descritos acima sejam analisados a partir da oposição dos traços de estaticidade *versus* dinamicidade, duratividade *versus* pontualidade e telicidade *versus* atelicidade.

A oposição de traços entre estaticidade e dinamicidade refere-se à possibilidade de um verbo expressar, respectivamente, uma situação que não é alterada durante um período de tempo ou uma sequência de situações ou estágios de um processo que se desenrola no tempo.

² Em função do fato de a terminologia em inglês ser amplamente utilizada para fazer referência aos tipos de verbo *accomplishment* e *achievement*, optamos, nesta dissertação, por utilizar as terminologias em inglês ao nos referirmos a esses dois tipos de verbo

Desse modo, o traço de estatividade diz respeito à indiferença entre momentos de uma dada situação em determinado período, sem dinamicidade nem pontos finais inerentes à situação (SMITH, 1997, p.28). Por outro lado, o traço de dinamicidade pressupõe modificações no desenvolvimento da situação durante um determinado período de tempo. Nessa perspectiva, os exemplos em (23) e (24) abaixo indicam, respectivamente, uma situação estativa e outra dinâmica.

(23) Luísa sabe matemática.

(24) Márcia está correndo.

Já oposição entre duratividade e pontualidade refere-se à possibilidade de se expressar, respectivamente, uma situação que pode ser prolongada por um período de tempo ou um evento que não é prolongado no tempo. Segundo Smith (1997), a noção de um evento pontual é uma idealização, visto que, ainda que pontual, o evento leva ao menos alguns milissegundos. Os exemplos em (25) e (26) indicam, respectivamente, um evento durativo e um pontual.

(25) Eu andei por três horas.

(26) Lucas perdeu seu relógio.

A oposição entre telicidade e atelicidade, por sua vez, refere-se à possibilidade de uma situação ser caracterizada por um processo que possua, respectivamente, um ponto final inerente ou não. Segundo Smith (1997), os eventos téllicos possuem um ponto final intrínseco, ao passo que os atélicos, ainda que possuam um ponto final, este é de caráter arbitrário, de modo que eventos atélicos podem parar a qualquer momento e, por essa razão, estes são vistos como processos. Os exemplos em (27) e (28) expressam, respectivamente, um evento téllico e outro atélico.

(27) O livro caiu no chão.

(28) Douglas andou no parque.

Por fim, é importante mencionar que Smith (1997) adiciona um quinto tipo de verbo à classificação de Vendler (1967), os semelfactivos. Comrie (1976, p.42) menciona as noções ‘semelfactiva’ e ‘iterativa’ para se referir, respectivamente, a uma situação que acontece uma única vez e a uma situação que se repete. Smith (1997, p.29) caracteriza verbos do tipo

semelfactivo como remetendo a eventos instantâneos e atélicos, com ponto inicial simultâneo ao ponto final, sem estágios preliminares. De acordo com essa autora, esse tipo de verbo faz referência a um evento com uma única ocorrência e que não envolve nenhum tipo de processo. Em função disso, quando associado ao aspecto gramatical imperfectivo, esse tipo de verbo remete a uma situação iterativa e deve ser, neste caso, reclassificado como do tipo atividade. Assim, a sentença em (29) exemplifica um evento semelfactivo, de acordo com a proposta de Smith (1997).

(29) Maria piscou.

As distinções aspectuais descritas acima são apresentadas em um quadro por Smith (1997, p.20) como traços definidores de cada tipo de verbo. Esse quadro com os tipos de verbo e seus respectivos traços distintivos é apresentado a seguir.

Quadro 1: Traços distintivos dos tipos de verbo de acordo com Smith (1997).

TIPOS DE VERBO	ESTATIVIDADE	DURATIVIDADE	TELICIDADE
ESTADO	[+]	[+]	[-]
ATIVIDADE	[-]	[+]	[-]
<i>ACCOMPLISHMENT</i>	[-]	[+]	[+]
<i>ACHIEVEMENT</i>	[-]	[-]	[+]
SEMELFACTIVO	[-]	[-]	[-]

Fonte: Adaptado de Smith (1997, p.20)

Ainda baseando-se na classificação de verbos de Vendler (1967), outras foram propostas, além daquela de Smith (1997), foram feitas posteriormente. A autora Rothstein (2008), por exemplo, argumentou que as quatro classes verbais propostas por Vendler pudessem ser caracterizadas por duas propriedades aspectuais básicas introduzidas pela autora: se são ou não inerentemente prolongadas temporalmente (traço *minimal events are extended*) e se exprimem ou não eventos de mudança (traço *event of change*). Desse modo, o

quadro abaixo apresenta a classificação dos verbos à luz desses traços aspectuais semânticos segundo essa autora.

Quadro 2: Traços distintivos dos tipos de verbo de acordo com Rothstein (2008).

TIPOS DE VERBO	<i>MINIMAL EVENTS ARE EXTENDED</i>	<i>EVENT OF CHANGE</i>
ESTADO	[-]	[-]
ATIVIDADE	[+]	[-]
<i>ACCOMPLISHMENT</i>	[+]	[+]
<i>ACHIEVEMENT</i>	[-]	[+]

Fonte: Adaptado de Rothstein (2008, p.44)

Nessa perspectiva, o traço *minimal events are extended* é marcado positivamente em verbos que expressam situações em que o evento mínimo pode ser prolongado. O exemplo em (30) abaixo ilustra um verbo com esse traço marcado positivamente, o verbo do tipo atividade, porque podemos interpretar que o evento em “dirigir” pode ser estendido.

(30) Larissa dirigiu o carro.

Por outro lado, o traço *minimal events are extended* é marcado negativamente em verbos que expressam situações que não sejam constituídas por um evento mínimo ou que esse evento mínimo não possa ser prolongado. O exemplo em (31) abaixo ilustra um verbo com esse traço marcado negativamente, o verbo do tipo estado, porque em uma situação estática como “gostar” sequer há eventos mínimos para serem estendidos. O exemplo em (32) a seguir também ilustra um verbo com esse traço marcado negativamente, o verbo do tipo *achievement*, uma vez que “achar”, por mais que seja constituído por um evento mínimo, não pode ser estendido: o momento em que achamos algo é único e, por essa razão, não prolongável.

(31) Maria gostou do filme.

(32) O menino achou a carteira.

Já o traço *event of change* é marcado positivamente em verbos que expressam situações em que o evento recaia sobre um complemento que é afetado de algum modo por esse evento. Em outras palavras, esse traço está relacionado a eventos que indiquem uma mudança de estado. O exemplo em (33) ilustra um verbo com esse traço marcado positivamente, um verbo do tipo *accomplishment*, uma vez que há um afetamento ou modificação do estado do objeto denotado pelo complemento do verbo. Em outras palavras, o evento em “construir” implica na alteração do objeto “casa” conforme o evento acontece.

(33) Pedro está construindo aquela casa.

O traço *event of change* é marcado negativamente em verbos que, por sua vez, não expressam situações constituídas por eventos ou expressam situações caracterizadas por eventos que não recaiam sobre algo ou não afetem aquilo sobre o qual recaem. O exemplo em (34) abaixo ilustra um verbo com esse traço marcado negativamente, um verbo do tipo estado, porque não há um evento em uma situação estativa. Também o exemplo em (35) a seguir ilustra um verbo com esse traço marcado negativamente, um verbo do tipo atividade, porque o evento de “andar” não recai sobre algo, afetando-o.

(34) João amou Maria.

(35) Paulo andou pela praia.

As descrições apresentadas nesta subseção demonstram abordagens diferentes sobre o entendimento dos traços que caracterizam os diferentes tipos de verbos e norteiam as suas classificações. Para esta dissertação, é relevante que nos atentemos em detalhes para o tratamento dado pelos autores revisados sobre a telicidade.

Apesar de Vendler (1967) não fazer menção à palavra ‘telicidade’ em seu texto, vimos que esse autor propõe uma classificação de tipos de verbos que parece levar em consideração propriedades aspectuais dos predicados verbais. Vendler (1967) menciona verbos que indicam eventos com períodos de tempo que não são definidos e não possuem um clímax e outros que indicam períodos de tempo que são definidos e possuem um clímax. Desse modo, assumindo essa concepção de eventos, parece razoável definir eventos atélicos como aqueles constituídos por períodos de tempo não definidos e sem um clímax e eventos télicos como aqueles constituídos por períodos de tempo definidos e com um clímax.

Para Smith (1997), telicidade se refere a eventos que têm um limite intrínseco, mesmo que não exista um sujeito agente. Para essa autora, eventos télicos expressam uma mudança de estado que é o objetivo desses eventos. Em seu texto, Smith (1997) considera a interpretação de Garey (1957), que defende que “quando a meta é alcançada, ocorre uma mudança de estado e o evento é concluído” (GAREY, 1957, p.106 *apud* SMITH, 1997, p.19, tradução nossa).

Para Rothstein (2008), a telicidade não é uma propriedade semântica dos verbos e sim uma propriedade dos VPs. Baseando-se em Dowty (1979), Rothstein (2008) defende que os eventos sejam considerados télicos a partir de dois testes linguísticos. O primeiro teste confere se os predicados coocorrem com expressões adverbiais como “em X tempo” e não “por X tempo” e o segundo teste confere se o predicado utilizado com a morfologia progressiva não implica no entendimento de que o evento tenha necessariamente sido concluído. Os exemplos em (36) e (37) ilustram eventos télicos em sentenças sobre as quais se aplicam esses dois testes, respectivamente.

(36) Maria chegou em meia hora. (E não *Maria chegou por meia hora)

(37) Lucas estava pintando um desenho. (Logo, não necessariamente Lucas pintou o desenho)

Após essa revisão sobre os diferentes tipos de verbo e algumas das propostas feitas na literatura a respeito de suas classificações, apresentaremos, na seção seguinte, um breve resumo dos principais pontos deste capítulo.

1.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo demonstrou que as categorias de Tempo e Aspecto são relevantes tanto para o sistema conceptual como para o sistema linguístico. A categoria de Tempo, como propôs Comrie (1985), foi classificada como dêitica por viabilizar a localização de um momento na linha do tempo relacionado a um ponto de referência, que, normalmente, é o momento da fala. A partir da representação da figura 1 na página 21 desta dissertação, diferiram-se os tempos absolutos e relativos. Os tempos absolutos – presente, passado e futuro – têm o momento presente como centro dêítico. Já os tempos relativos, ainda de acordo com Comrie (1985), usam um ponto no tempo, que não seja necessariamente o tempo presente, como referência.

No que diz respeito à categoria de Aspecto, pôde-se observar, na seção 1.2 deste capítulo, que há uma íntima relação entre esta e a categoria de Tempo. Aspecto também apresenta informação temporal, mas não situa os eventos no tempo, pois trata de informações semânticas relacionadas à estrutura temporal interna dessas situações (SMITH, 1997). Além disso, essa categoria se diferencia da categoria de Tempo por não relacionar eventos a um ponto de referência e, portanto, é uma categoria não-dêitica. O Aspecto foi descrito em seus dois tipos: gramatical e semântico. O primeiro diz respeito àquele que pode ser veiculado, por exemplo, pela morfologia do verbo, ao passo que o segundo, a certos traços semânticos aspectuais que são inerentes à raiz verbal, aos argumentos e/ou aos adjuntos presentes nas sentenças. Vimos ainda que aspecto gramatical pode ser dividido em perfectivo e imperfectivo. Estes dois aspectos gramaticais básicos também são objeto de investigação nesta pesquisa.

Por fim, em relação ao aspecto semântico, descrevemos os tipos de verbo de acordo com as propostas de Vendler (1967), Smith (1997) e Rothstein (2008). Relatamos que Vendler (1967) não menciona o termo ‘aspecto’ ao empreender uma análise dos predicados verbais em inglês, mas sua proposta parece levar em consideração informações aspectuais dos verbos. O autor sugere a existência de verbos do tipo estado, atividades, *achievements* e *accomplishments*. As autoras Smith (1997) e Rothstein (2008) propuseram diferentes traços aspectuais semânticos a fim de classificar os verbos propostos por Vendler (1967).

Smith (1997) sugere que os tipos de verbo sejam analisados considerando a oposição dos traços de estaticidade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade. De modo geral, o traço de estaticidade caracteriza o tipo de verbo que expressa uma situação que não se altera durante um período de tempo, enquanto o traço de dinamicidade caracteriza os tipos de verbo que expressam situações que sofrem alterações em seu desenvolvimento em um período de tempo. Já o traço de pontualidade caracteriza os tipos de verbo que expressam situações que não são prolongáveis em um período de tempo, ao passo que o traço de duratividade caracteriza os tipos de verbo que expressam situações que podem ser prolongadas. Por último, o traço de telicidade caracteriza os tipos de verbo que expressam situações que possuem um ponto final inerente, enquanto o traço de atelicidade caracteriza os tipos de verbo que expressam situações que não possuam tal ponto final inerente.

Rothstein (2008) descreve os tipos de verbo a partir de dois traços: o *minimal events are extended* e o *event of change*. O primeiro traço refere-se à possibilidade de uma situação ser prolongada no tempo ou não. Esse traço é marcado positivamente apenas nos verbos de

atividade e de *accomplishment*. Já o traço *event of change* expressa situações em que o evento recai sob seu complemento a ponto de afetar seu estado. Esse traço é marcado positivamente apenas nos verbos de *accomplishment* e de *achievement*. A classificação de verbos desta autora será de especial relevância nesta pesquisa.

Por fim, destacou-se, neste capítulo, que o entendimento de telicidade não parece ser consensual na literatura. Se, por um lado, telicidade é definida como um traço inerente aos verbos por Smith (1997), ela é caracterizada como uma propriedade do VP por Rothstein (2008). Além disso, apresentou-se a definição de telicidade por Smith (1997) com base não só na presença de um limite intrínseco de uma situação como também com base na produção de uma mudança de estado a partir da implementação da situação. Embora Rothstein (2008) não utilize a noção de limite intrínseco de uma situação para caracterizar os verbos com o traço *event of change* marcado positivamente, a noção de mudança de estado parece ser central para a definição desse traço. Essa discussão sobre o que caracteriza a telicidade e quais traços podem ser utilizados na caracterização de tipos de verbos será retomada mais adiante nesta dissertação.

2 A AQUISIÇÃO DE TEMPO E ASPECTO

Muitos pesquisadores interessam-se pelo estudo das categorias de Tempo e Aspecto (MARTINS, 2006; RODRIGUES, 2019; GOMES, 2020; REBOUÇAS, 2021; SILVA, 2019) na gramática dos falantes. As análises de gramáticas de sujeitos em fase de aquisição de linguagem contribuem para o entendimento do *status* dessas categorias na mente humana.

Como mencionado na introdução desta dissertação, adotando a abordagem teórica do Gerativismo, assumimos que o conhecimento linguístico seja resultado da existência de um conhecimento inato, biologicamente codificado. Nesse cenário, de acordo com essa corrente teórica, a aquisição de uma língua particular é entendida como um processo de fixação de parâmetros na FL. Trataremos sobre esse fenômeno, de forma mais detalhada, na primeira seção deste capítulo.

Com a publicação de Borer (1984), essa fixação de parâmetros passa a ser associada apenas às categorias funcionais. Durante o processo de aquisição de linguagem, as categorias funcionais parecem facilitar as derivações sintáticas, ou seja, a computação de diversas estruturas linguísticas que o falante produz. Desse modo, os elementos das categorias funcionais são fundamentais para a aquisição das categorias lexicais.

Nesse contexto, este capítulo descreverá as diferentes hipóteses que tratam da aquisição das categorias de Tempo e Aspecto. Este capítulo está dividido em 4 seções: na primeira, apresentaremos a hipótese inatista; na segunda, trataremos das hipóteses de aquisição de categorias funcionais; na terceira, abordaremos as hipóteses de aquisição de Tempo e Aspecto e discutiremos sobre estudos acerca da aquisição dessas categorias no PB; por fim, na última seção, faremos um breve resumo do capítulo.

2.1 A HIPÓTESE INATISTA

Muitas correntes teóricas se dedicam a explicar como ocorre o processo de aquisição de linguagem. A tentativa de explicar esse fenômeno no século XX foi marcada por duas hipóteses antagônicas sobre como ocorriam as manifestações linguísticas nos primeiros anos de vida de uma criança. Essas hipóteses, que vigoraram, respectivamente, na primeira e na segunda metade do século XX, ficaram conhecidas como behaviorismo e inatismo.

Inaugurado por John B. Watson em 1913, os behavioristas ou ambientalistas propuseram que a linguagem fosse resultado do contato do indivíduo com o meio externo, a

partir de um esforço feito pelo falante em fase de aquisição de linguagem. A palavra *behavior*, que em português significa “comportamento”, é o objeto do programa behaviorista, mas não é o único foco das pesquisas desse campo de estudo. Para Keller; Schoenfeld (1970), essa psicologia só é possível existir quando os aspectos do comportamento se relacionam com os do meio.

Desse modo, a teoria comportamental concentrou seu estudo na relação entre o comportamento humano e o ambiente em que ele está inserido. Para uma análise mais detalhada, os pesquisadores behavioristas apresentaram a teoria S-R (iniciais dos termos do latim, respectivamente, *Stimulus* e *Responsio*), em que o estímulo é o meio externo e a resposta é o comportamento do falante. Essas são, portanto, as duas unidades básicas para a descrição das pesquisas de comportamento.

Após a publicação de Watson em 1913, Bloomfield e, em seguida, Skinner investigaram a comunicação linguística a partir de estímulos observáveis e respostas geradas pelos falantes. Além de Skinner (1957), estão ligados a essa corrente nomes como Osgood (1966) e White (1970).

No que diz respeito ao desenvolvimento da linguagem, os estudiosos que se amparam no behaviorismo partem do pressuposto de que o processo de aprendizagem linguística ocorra moldado pelo modelo S-R. Ou seja, o ambiente em que a criança em fase de aquisição de linguagem está inserida oferece estímulos linguísticos e a criança fornece as respostas (compreendendo os estímulos e produzindo conteúdo linguístico). Nesse modelo, a criança é recompensada pelos adultos de seu convívio.

Em oposição ao behaviorismo, em 1959, Noam Chomsky publica uma crítica ao livro de Skinner (1957), *Verbal Behavior*, argumentando que a proposta de Skinner ignora a natureza gerativa da linguagem humana. Essa publicação de Chomsky teve grande influência no campo da psicologia e da linguística, apontando inconsistências na proposta de Skinner, que tratava a linguagem de forma enrijecida, sem considerar as infinitas possibilidades geradas pela linguagem humana.

Nessa crítica escrita pelo inaugurador do gerativismo, Chomsky (1959) problematiza duas questões centrais propostas por Skinner: os resultados que são obtidos em pesquisas de laboratório não podem ser considerados como verdadeiros fora desse contexto e os resultados obtidos com outros animais que não humanos não podem ser considerados “livres de restrição de espécies” (SKINNER, 1957, p.3, tradução nossa). Assim, Chomsky (1959) ressalta a insuficiência dos resultados do modelo de Skinner, uma vez que esse modelo não é capaz de explicar duas questões centrais para o entendimento da aquisição de linguagem: a

criatividade linguística e o modo como as crianças adquirem suas línguas maternas tão rapidamente mesmo com um *input* tão “precário”.

De acordo com Grolla e Figueiredo Silva (2014), além da perspectiva behaviorista não conseguir explicar a rapidez do processo de aquisição, essa abordagem também não consegue explicar por que a aquisição de linguagem se dá de forma universal, visto que as fases são as mesmas para a aquisição das diferentes línguas no mundo.

Nesse contexto, inaugura-se a proposta teórica inatista, que pressupõe que a aquisição da linguagem não esteja relacionada a um esquema de repetições e nem seja um condicionamento social, mas que o ser humano seja dotado de uma gramática inata. Os pesquisadores dessa corrente admitem que:

“ a criança é equipada geneticamente de um "dispositivo de aquisição da linguagem" (*language acquisition device*) que lhe dá acesso às categorias gramaticais e às estruturas gramaticais de base, ou seja, a criança recebe o input da linguagem do adulto e analisa-o.”
(SOARES, 2006, p.14)

De acordo com essa teoria, portanto, o ser humano já nasce com uma “bagagem” de conhecimentos linguísticos que, em contato com dados linguísticos do meio externo, é capaz de produzir a linguagem na mente. Essa “bagagem” é entendida como Gramática Universal dentro da corrente do Gerativismo. Assim, “[...] para que o processo se inicie, não basta a capacidade inata, é preciso que a criança esteja em determinado meio (social, cultural, etc.) em que estejam pessoas falando, para que seja estimulada a falar [...]” (DEL RÉ, 2006, p.20).

Na Gramática Universal dos falantes, estão inseridas todas as regras de todas as línguas, mas, conforme o ambiente linguístico em que a criança se encontra, as regras são selecionadas para a língua que a criança está adquirindo. Portanto, a GU faz parte da biologia do ser humano e independe de fatores externos. Este aparato biológico (GU) é composto por princípios (leis universais presentes em todas as línguas humanas) e parâmetros (espaço para as especificidades que encontramos entre as línguas). Seguindo esse entendimento, todas as línguas teriam um conjunto de propriedades compartilhadas entre si e a diferença entre elas se daria por conta dos parâmetros, que são fixados de formas distintas na gramática mental dos falantes das diferentes línguas.

Assim, a teoria inatista assume que os falantes em fase inicial de aquisição de linguagem tenham conhecimentos linguísticos que são inatos. A partir desses conhecimentos inatos, desenvolve-se a competência linguística, que caracteriza o conjunto de conhecimentos estruturados na gramática mental do falante de uma língua específica. Esse conhecimento

inato possibilita, por exemplo, a aquisição da ordem dos itens lexicais nas frases de cada língua. Uma criança em fase de aquisição do PB, por exemplo, produz “o menino” mas não “menino o”, com o artigo posicionado depois do nome, que geraria um sintagma agramatical no português.

Além do aporte biológico, como já mencionado, também é essencial que a criança seja exposta a uma língua, isto é, além da predisposição inata para aprender a linguagem, a criança precisa receber um *input* linguístico para que os parâmetros de sua GU sejam fixados. Assim, por meio da interação entre os fatores biológicos e as produções linguísticas a que a criança é exposta, é possível desenvolver a gramática particular.

Além disso, para a corrente do Gerativismo, essa interação entre o biológico e o ambiental deve ocorrer em um período específico do desenvolvimento. Especificamente, a capacidade de adquirir a língua materna só é possível dentro de um período conhecido por Período Crítico, que, segundo Purves *et al* (2005, p.521 apud ROSA 2010, p.91), é “o tempo durante o qual um dado comportamento é especialmente suscetível a influências ambientais específicas – e de fato as requer – para se desenvolver normalmente”.

No que diz respeito ao Período Crítico, Lenneberg (1967) relaciona o processo de aquisição de linguagem com outros processos biológicos que também demandam um período sensível para seus desenvolvimentos. A argumentação de Lenneberg (1967) tem uma base biológica fundamentada na lateralização cerebral. Esse último fenômeno é o processo que se inicia no cérebro das crianças em seus primeiros meses de vida, em que cada hemisfério do cérebro começa a desempenhar certas funções. Só quando uma parte desse processo de lateralização estiver concluída ou estiver em processamento é que a linguagem pode começar a se desenvolver.

Ainda para se entender a ideia de Período Crítico, é possível remontar os seus estudos dedicados à afasia traumática de Lenneberg (1967), em que o autor observou os padrões de recuperação de fala considerando três categorias. A primeira observação feita pelo autor é que, se a lesão no cérebro ocorrer em crianças que estejam no período inicial da aquisição (em torno de dois a três anos de idade), a criança é capaz de reiniciar o processo de aquisição de forma rápida e eficaz, sendo possível a aquisição da língua sem demais problemas. Contudo, se a lesão ocorrer em crianças entre os quatro anos de idade e a puberdade, a recuperação ocorre a partir de um processo de restauração, sendo um processo um pouco mais lento. Por fim, se a afasia ocorrer no final da puberdade ou em fase adulta, a recuperação é mais restrita e tende a ter danos irreversíveis para a fala. Assim, essas três

observações podem servir como uma confirmação da existência de um Período Crítico para a aquisição da língua materna.

De acordo com Lenneberg (1967 *apud* SANTANA, 2004, p.346):

[...] a linguagem não pode se desenvolver até um certo nível de maturação física, e isso ocorreria principalmente entre as idades de dois e três anos quando há uma interação entre a maturação e a aprendizagem autoprogramadas. Após esse período haveria uma diminuição progressiva dessa capacidade, que se extinguiria na puberdade.

Assim, Lenneberg (1967) parece sugerir que o Período Crítico seja o mesmo período do processo de lateralização do cérebro. É importante lembrar que é necessário que a criança seja exposta a uma língua para que o processo de aquisição de sua língua materna seja possível. Nesse sentido, uma das maiores evidências para a hipótese do Período Crítico são os casos das crianças que foram totalmente isoladas de qualquer interação linguística ou social, conhecidas como crianças “selvagens”. Entre os casos mais conhecidos, destaca-se o caso de Genie, que ficou cerca de 11 anos totalmente isolada da sociedade (CURTISS, 1981). O que se pôde observar no caso dessa criança foi o fato de, após sua inserção em um ambiente social e exposição a dados linguísticos, ela ter sido capaz de construir um vocabulário consistente, mas não conseguir produzir sentenças sintaticamente complexas com esse vocabulário. Genie não conseguia produzir perguntas indiretas e nem perguntas com QU, demonstrando, portanto, que sua sintaxe foi comprometida pela ausência de exposição a um ambiente linguístico (BONA, 2013). Portanto, o caso de Genie corrobora a proposta adotada no Gerativismo de que a exposição a um contexto linguístico durante o Período Crítico é fundamental para que a aquisição de linguagem ocorra de forma satisfatória.

Nessa perspectiva, essa seção apresentou as ideias do behaviorismo e do inatismo, descrevendo alguns fenômenos que são essenciais para o estudo do processo de aquisição de linguagem. A seguir, discutiremos algumas propostas de autores que buscam entender e contribuir para o entendimento de como ocorre o processo de aquisição especificamente das categorias funcionais.

2.2 AS HIPÓTESES DE AQUISIÇÃO DE CATEGORIAS FUNCIONAIS

Nesta seção, descreveremos algumas das propostas que buscam explicar como acontece o processo de aquisição das categorias funcionais na mente humana. Por isso, é relevante lembrar que a teoria linguística divide os elementos do léxico em duas categorias: as lexicais e as funcionais. A presença das categorias funcionais desde as etapas iniciais da aquisição de linguagem pode ser abordada sob duas óticas: a da Hipótese Maturacional ou a

da Hipótese Continuista. De modo geral, na primeira, sugere-se que as fases iniciais do desenvolvimento linguístico são pré-sintáticas e, por isso, não dispõem de categorias funcionais (MEISEL, 1994; RADFORD, 1986, 1990, 1997). Na segunda, sugere-se que as categorias funcionais já estejam disponíveis desde as etapas iniciais do desenvolvimento linguístico (PINKER, 1984; LOPES, 1999). Nesse sentido, as duas subseções seguintes tratarão, respectivamente, dessas duas hipóteses.

2.2.1 A Hipótese Maturacional

Nesta subseção, descrevemos uma das hipóteses de aquisição de categorias funcionais, que é o foco deste trabalho. Na Hipótese Maturacional de Radford (1990), sugere-se que o desenvolvimento dos estágios da aquisição de linguagem seja promovido por fatores maturacionais inerentes ao desenvolvimento da linguagem na espécie. Dessa forma, esses fatores são encarregados de delimitar a ordem de disponibilidade dos princípios da GU para o falante, ou seja, os princípios da GU só passam a ficar disponíveis com o amadurecimento cognitivo da criança. Portanto, se a criança adquire um novo princípio, ela atingiu um novo nível de maturidade cognitiva, marcando uma transição de um estágio para o outro. Assim, os princípios da GU são geneticamente programados para entrarem em operação em diferentes estágios da maturação, os quais são igualmente biologicamente pré-determinados.

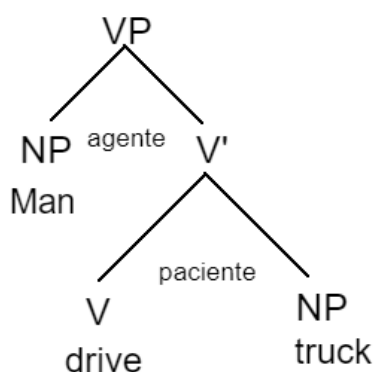
Como já apresentado, as palavras podem ser agrupadas em categorias lexicais e categorias funcionais. Segundo a Hipótese Maturacional, cada uma dessas categorias é adquirida de acordo com uma maturação biológica. De acordo com Radford (1990), as crianças em fase de aquisição de quaisquer línguas passam pelas seguintes fases: pré-linguística (de 0 a 12 meses), de uma palavra (de 12 a 18 meses), multivocabular inicial (de 18 a 24 meses) e multivocabular tardia (de 24 a 30 meses).

A primeira fase, pré-linguística, é definida por Radford (1990) como aquela em que há ausência de manifestações linguísticas, havendo apenas balbúcies. A segunda fase, de uma palavra, também conhecida como fase categorial, é aquela em que a criança produz “sentenças” com somente uma palavra, ou seja, sentenças não estruturadas de forma “concreta”, marcadas pela ausência de categorias funcionais. A terceira fase, multivocabular inicial ou fase lexical, é aquela em que se inicia a aquisição das categorias lexicais (sintagmas nominais, verbais, preposicionais e adjetivais), não havendo ainda a presença de sintagmas funcionais. Além disso, nessa fase ocorre a fixação do parâmetro de ordem das palavras e o

surgimento de flexões nominais. As estruturas produzidas pelas crianças durante essa fase são parecidas com o que Radford (1988, 1990) chama de *small clauses* (mini sentenças). As *small clauses* são estruturadas na forma [NP XP], em que a posição de XP pode ser ocupada por qualquer sintagma lexical. Por fim, a última fase, fase multivocabular tardia ou fase funcional, é aquela em que se observa a presença de elementos funcionais nas produções das crianças. Radford (1988) aponta para o fato de que essa última fase só é alcançada depois que a criança tiver dominado todos os sistemas lexicais.

De acordo com Radford (1990), as estruturas sintáticas das primeiras fases de aquisição do inglês são diferentes das estruturas observadas em falantes de inglês adultos. A pesquisa desse autor revelou que adultos produzem sentenças contendo a projeção de núcleos lexicais e núcleos funcionais, com relações temáticas e não temáticas. Por outro lado, as crianças produzem estruturas sintáticas que são projeções dos quatro núcleos lexicais primários (nome, verbo, adjetivo e preposição), sem núcleos funcionais e, conseqüentemente, sem suas projeções. Dessa forma, o autor propõe que a estrutura inicial de “*Man drive truck*” (Homem dirige carro) seria representada, de forma satisfatória, como exposto na figura 4 a seguir.

Figura 4: A representação sintática de “*man drive truck*” segundo Radford (1990).



Fonte: elaboração própria a partir de Radford (1990, p.2).

A árvore sintática representada acima descreve a proposta de Radford (1990) de que, na idade de um ano, o núcleo de VP é atribuidor de papel temático e as projeções máximas NP têm seus papéis temáticos atribuídos por seus nódulos irmãos. Esse autor conclui que as estruturas verbais nas primeiras fases da aquisição são limitadas às projeções de V em VP e, como resultado, nesse momento, não ocorrem operações de movimento de V, já que tais

operações necessitariam da existência de um núcleo funcional. Desse modo, a consequência da inexistência de núcleos funcionais é a ausência de movimento de T para C (como em “*Can she dance?*”³), de AGR para T (como em “*They really do need a shower*”⁴) e de V para AGR (como em “*She is doing it*”⁵). Assim, a produção infantil no exemplo em (38), proposto por Radford (1990, p.23), ilustra como as crianças não teriam acesso às categorias funcionais, em especial à categoria Tempo:

(38) Adulto: *What did you draw?*

O que você desenhou?

Criança: *Hayley draw boat.*

Hayley desenha barco

O exemplo em (38) revela que as relações de irmandade não temáticas estão presentes na fala do adulto, que pode expressar tempo passado, codificado pelo auxiliar *did*, porém não estão presentes na fala da criança, que responde com o verbo sem marcação de tempo, verificado na forma *draw* (desenha) no lugar de *drew* (desenhou).

Duas abordagens tentam explicar a ausência de movimento mencionada anteriormente. A primeira abordagem é a hipótese de parametrização funcional, segundo a qual o conjunto de categorias funcionais pode variar a depender da língua adquirida. De acordo com essa hipótese, a aquisição dos núcleos lexicais funcionais (como tempo, aspecto e concordância), que acontece após a aquisição dos núcleos lexicais, dependeria de princípios da GU e experiências linguísticas que desencadeariam a fixação dos parâmetros relacionados às categorias funcionais específicas da língua a ser adquirida.

A segunda abordagem é a hipótese maturacional, segundo a qual, como já apresentado nesta seção, os princípios linguísticos são geneticamente projetados para emergir em fases diferentes de maturação. Nessa segunda hipótese, nota-se uma sugestão de que os princípios que permitem que uma criança em fase de aquisição de linguagem construa estruturas temáticas-lexicais sejam acionados quando essa criança tem em torno de vinte meses de vida, enquanto os princípios que possibilitam que a criança em fase de aquisição de linguagem construa estruturas funcionais não temáticas sejam acionados quando essa criança tem em torno de vinte e quatro meses de vida.

³ “Ela pode dançar?” (tradução nossa).

⁴ “Eles realmente precisam de um banho” (tradução nossa).

⁵ “Ela está fazendo isso” (tradução nossa).

Entretanto, Radford (1990) aponta para o fato de que, apesar de ambas as propostas sugerirem hipóteses adequadas sobre os períodos principais de aquisição de linguagem, nenhuma delas indica uma possível ordem da aquisição das categorias lexicais e funcionais. Na próxima seção, trataremos de uma outra hipótese que investiga aquisição de Tempo e Aspecto.

2.2.2 A Hipótese Continuista

Diferentemente da hipótese apresentada na subseção anterior, na Hipótese Continuista (PINKER, 1984, 1995 e 1999; YANG, 2002; HYAMS, 1996; PIERCE, 1992; LUST, 1999; e outros), defende-se que as crianças já tenham as categorias funcionais disponíveis desde o nascimento e que a gramática das crianças em fase de aquisição passa por uma reestruturação a cada surgimento de novos dados linguísticos. Nesse sentido, o sistema cognitivo das crianças seria igual ao dos adultos (LEWONTIN, 1996 apud YANG, 2002, p. 17; MAYNARD SMITH, 1989 apud YANG, 2002, p.17). Nessa hipótese, acredita-se que, apesar de as crianças já terem acesso às categorias funcionais desde o nascimento, o processo de aquisição leva um tempo para ser completado porque existe um progresso no desenvolvimento que só é possibilitado pelos dados linguísticos a que as crianças são expostas e pela mudança de percepção que as crianças têm sobre esses dados aos quais são expostas.

Na versão forte da Hipótese Continuista, admite-se que todos os princípios da GU estão disponíveis para as crianças desde a fase mais inicial do desenvolvimento cognitivo. Assim, assume-se que a gramática inicial já contém todas as categorias funcionais, ainda que a produção das crianças não tenha revelado nenhum morfema associado a essas categorias. Já na versão fraca dessa hipótese, admite-se a existência de etapas diferentes para a gramática infantil, mas que não ferem a GU. De acordo com essa proposta, as limitações na gramática infantil acontecem por questões de falta de memória das crianças ou por dificuldade de processamento. Em relação a esta versão, Clahsen (1989) sugere que algumas categorias funcionais emergem na gramática infantil somente quando o falante tiver adquirido um determinado item lexical que “aciona” uma dada categoria funcional. Apresentaremos as contribuições de alguns dos autores que defendem a Hipótese Continuista nos próximos parágrafos.

Pinker (1995) centraliza sua pesquisa na aquisição das formas que codificam o tempo passado na língua inglesa. A conjugação nesse tempo no inglês é realizada a partir do

acrécimo do sufixo *-ed* em verbos regulares, como no verbo “finalizar” no inglês: *to finish / finished*. Porém, essa regra não se aplica aos verbos irregulares, que são realizados a partir de outro item lexical para codificar tempo passado, como no verbo “ir” no inglês: *to go / went*. Abaixo apresentamos os exemplos demonstrados pelo autor (PINKER, 1995, p.109) para investigar a aquisição da morfologia de passado:

(39) *My teacher holded the baby rabbits and we patted them.*

Meu professor abraçou os filhotes de coelho e nós fizemos carinho neles

(40) *I finded Renée.*

Eu encontrei Renée

(41) *I love cut-upped egg.*

Eu amo ovo cortado

Os verbos sublinhados nos exemplos de (39) a (41) são agramaticais no inglês, visto que são irregulares e, portanto, não é o acréscimo do sufixo *-ed* que possibilita a expressão do Tempo passado nesses casos. Pinker (1995) defende que essas produções sejam uma tentativa das crianças de regularizar as formas verbais irregulares. Esse fenômeno foi denominado pelo autor como *overregularization* e indica que, ainda que a produção seja agramatical, a criança adquiriu uma regra de Tempo passado no inglês. O autor explica que, a fim de superar essa fase de *overregularization* e ter acesso às regras adequadas para formação verbal no passado, são necessários três estágios. No primeiro estágio, que acontece por volta dos dois anos de idade, a criança apenas memoriza as formas verbais que codificam Tempo passado, tanto dos verbos regulares como dos irregulares. Ao constatar a presença frequente do sufixo *-ed* nas formas verbais para codificar o passado, a criança inicia o segundo estágio, em que desenvolve uma regra mental para a criação das formas verbais no passado a partir da adição do sufixo *-ed*. Nessa fase, a criança generaliza essa regra e a aplica também a verbos irregulares, como se observa nos exemplos trazidos pelo autor e ilustrados acima (em *holded*, *finded* e *cut-upped*). Por fim, no último estágio, a criança é capaz de distinguir as formas dos verbos regulares dos irregulares no passado.

Yang (2002) defende que a aquisição de linguagem aconteça por meio de trocas de possibilidades linguísticas. O autor propõe que, desde as fases mais iniciais de aquisição, a criança tenha acesso a mais de uma gramática permitida pela GU em que cada uma tem um peso. Assim, a criança teria no mínimo duas gramáticas especificadas pela GU: uma seria aquela de seu meio linguístico e a outra seria a competidora. Nas primeiras etapas, ambas as

gramáticas teriam o mesmo peso e, por isso, a criança produziria sentenças das duas gramáticas. Em um momento posterior, o peso da gramática de seu meio linguístico aumentaria, gerando mais produções de sentenças desta, mas ainda haveria algumas produções da segunda gramática. Por fim, no final do processo de aquisição de linguagem, as produções da segunda gramática deixariam de existir totalmente e a criança teria acesso somente à primeira. Assim, esse autor propõe o Modelo Variacional (*Variational Model*), que une a teoria da GU com estatística. Então, para Yang (2002), a aquisição de linguagem ocorreria a partir de uma competição de gramáticas na mente da criança. Apoiado na abordagem evolucionária de Darwin, Yang (2002) admite que essas gramáticas variantes concorrem em um processo de seleção em que a(s) gramática(s) que receber(em) mais recompensas em relação aos dados disponíveis no *input* será(ão) a(s) adquirida(s) pelo falante.

Hyams (1996), bem como os outros defensores da Hipótese Continuista, admite que a gramática inicial infantil já disponha de todas as categorias funcionais, porém, os traços dessas categorias não estariam “visíveis” para as crianças desde o começo. A autora sugere que os parâmetros já tenham um valor *default* inicialmente marcado na GU e, de acordo com seu ambiente linguístico, as crianças remarcam ou não os valores desses parâmetros. Desse modo, estabelece-se na literatura a noção de marcação *default*, em que se defende que os parâmetros já estão fixados na GU desde as etapas mais iniciais, mesmo que as crianças não tenham sido expostas aos dados de sua língua materna. Se a língua que as crianças estão sendo expostas marcar um valor diferente do *default*, o parâmetro seria, então, remarcado conforme a L1.

Ainda dentro do que é proposto pela Hipótese Continuista, Wexler (1998) adota uma abordagem diferente da de Pinker (1984) e de Yang (2002) ao defender que a gramática infantil passa por um processo de maturação. Entretanto, a proposta de Wexler (1998) não se assemelha à de Radford (1990) apresentada na subseção anterior, visto que esse último propõe que, em fases iniciais do processo de aquisição de linguagem, não há categorias funcionais disponíveis para as crianças. Wexler (1998) sugere que exista, de fato, uma maturação das categorias funcionais, contudo, não defende a inexistência dessas categorias nas etapas iniciais da gramática infantil, como fazem, por exemplo, Radford (1990). Para Wexler (1996), as categorias funcionais se desenvolvem de acordo com uma programação geneticamente determinada. Ainda que as crianças já nasçam com todos os componentes da GU, é preciso que a gramática infantil amadureça a fim de que outros componentes se desenvolvam. Portanto, o autor defende que as categorias funcionais não sejam adquiridas,

mas sim desenvolvidas com o tempo e de acordo com o aporte genético, uma vez que já fazem parte da GU. Neste contexto, apoiando-se em trabalhos anteriores, Wexler (1998) admite que o desenvolvimento das categorias funcionais aconteça em duas etapas: a primeira denominada *Very Early Parameter-Setting (VEPS)* e a segunda, *Very Early Knowledge of Inflection (VEKI)*. Na primeira etapa, os parâmetros básicos são marcados de forma correta e ocorre quando a criança tem em torno de um ano e meio e se encontra no estágio de duas palavras. A segunda etapa também acontece no estágio de duas palavras e, nesse momento, a criança já tem conhecimento das propriedades gramaticais e fonológicas dos elementos flexionais de sua língua materna. Assim, a partir das formulações feitas por Wexler (1998), entende-se que a gramática infantil é diferente da gramática adulta, visto que as crianças em fase de aquisição de linguagem parecem omitir marcações morfológicas de tempo e concordância verbal.

Na próxima seção deste capítulo, apresentaremos algumas hipóteses que investigam a aquisição das categorias de Tempo e Aspecto nas línguas.

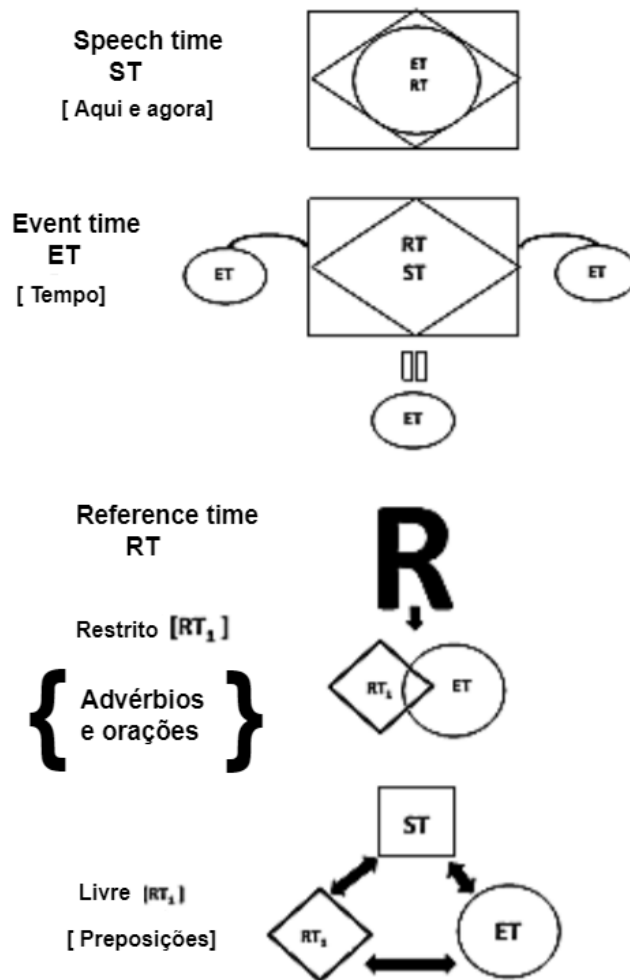
2.3 AS HIPÓTESES DE AQUISIÇÃO DE TEMPO E ASPECTO

Para contemplar o objetivo deste trabalho de examinar o processo de aquisição de traços temporais e aspectuais no PB, é essencial remontar a alguns trabalhos anteriores que contribuíram para o entendimento desse processo. Por isso, as próximas subseções apresentarão alguns estudos sobre a aquisição das categorias de Tempo e Aspecto em diferentes línguas e, em particular, no PB.

2.3.1 A aquisição de Tempo

Inspirado na Teoria de Reichenbach (1947) introduzida na seção 1.1 do capítulo 1 desta dissertação, Weist (1986) desenvolveu uma teoria sobre a aquisição de linguagem. O autor propõe quatro sistemas temporais existentes na fala da criança e apresenta um esquema que explica como as produções que expressam noções temporais progridem a partir desses quatro sistemas temporais propostos. O esquema está representado na figura 5 abaixo.

Figura 5: Sistemas temporais segundo Weist (1986).



Fonte: adaptado de Weist (1986, p. 357).

De acordo com Weist (1986), na primeira fase, não é possível observar marcas de tempo, aspecto, modo e nem concordância na fala da criança. Essa fase temporal é um sistema “aqui e agora” em que o ET e o RT estão fixos no ST, que, nessa fase, o autor defende que seja o tempo presente. Weist (1986) propõe que, quando ocorrem situações que envolvam duas formas verbais, as crianças nessa etapa produzem sentenças no imperativo, no indicativo ou no infinitivo. Essa afirmação de Weist (1986) foi ratificada por Borges (2013) e Silva (2015) para o PB.

Na segunda fase, a criança é capaz de representar o ET como simultâneo, anterior ou posterior ao ST, que é simultâneo ao RT. Por isso, Weist (1986) defende que, nas línguas que marcam as diferenças temporais a partir de morfologias, as crianças estariam aptas a expressar uma relação dêitica entre o ET e o ST nessa segunda fase.

Na terceira fase, o RT emerge de forma restrita no sistema temporal da criança. Quando o RT se estabiliza como anterior ou posterior ao ST, o ET é restrito ao contexto do RT.

Ao concluir a fase descrita acima, ST, ET e RT podem expressar três pontos diferentes, sendo relacionados livremente. Na última fase, observa-se a capacidade de a criança avaliar e compreender as relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre os três pontos temporais da teoria de Reichenbach (1947).

Na próxima seção, será apresentada uma revisão da literatura acerca da aquisição de Aspecto.

2.3.2 A aquisição de Aspecto

As pesquisas que se interessam em aquisição da linguagem, especificamente em aquisição das morfologias que expressam Tempo e Aspecto, comumente fundamentam-se na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Segundo Bronckart e Sinclair (1973), Antinucci e Miller (1976) e Andersen (1989), a morfologia verbal produzida pelas crianças expressa, primeiramente, noções aspectuais e, somente depois desse momento, passa a expressar noções temporais. As conclusões desses autores deram origem à Hipótese da Primazia do Aspecto (doravante HPA). Os estudos que defendem essa hipótese, de forma geral, sustentam que, nos estágios iniciais da aquisição de linguagem, o aspecto semântico comanda o uso das morfologias verbais. Descarta-se, portanto, a possibilidade de o uso inicial dessas morfologias ser guiado pelo Aspecto gramatical ou pelo Tempo. Li e Shirai (2000) defendem que essa hipótese seja universal, ou seja, é verdade para todos os falantes saudáveis em fase de aquisição de quaisquer línguas, inclusive na aquisição de L2 (LI; SHIRAI, 2000, p.50). Baseados na premissa da primazia do aspecto semântico na expressão das morfologias verbais, Andersen e Shirai (p. 533, 1996) sistematizaram as relações entre morfologias verbais e tipos de verbo (definidos em função de seus aspectos semânticos) e as dividiram em quatro tópicos, apresentados abaixo:

1. Os aprendizes primeiramente usam as marcas de passado ou de perfectividade em verbos dos tipos *achievement* e *accomplishment*, eventualmente estendendo seu uso para verbos de atividade e de estado.

2. Nas línguas que codificam a distinção entre aspecto gramatical perfectivo e imperfectivo, o passado imperfectivo aparece depois do passado perfectivo, e a marcação do

passado imperfectivo começa com verbos de estado e de atividade, estendendo-se aos verbos dos tipos *accomplishment* e *achievement*.

3. Em línguas com aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo, a marcação progressiva começa com verbos de atividade e depois se estende a verbos dos tipos *accomplishment* e *achievement*.

4. A marcação do aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo não é incorretamente estendida aos verbos de estado.

Autores como Bloom, Lifter e Hafitz (1980) defendem que a propriedade aspectual semântica que guie o uso da morfologia de perfectivo nas fases iniciais da aquisição de linguagem seja a de pontualidade. A partir de uma investigação acerca das marcações morfológicas durante a aquisição do inglês, Bloom, Lifter e Hafitz (1980) apresentaram dois padrões:

1. os verbos com o traço de duratividade marcado positivamente associam-se ao afixo *-ing*, morfologia progressiva, como em “*walking*” (“andando”) e;

2. os verbos com o traço de duratividade marcado negativamente associam-se a formas irregulares do passado, morfologia de perfectivo, como em “*found*” (“achou”).

Além desses autores, Bronckart e Sinclair (1973) e Antinucci e Miller (1976) defendem que os primeiros verbos que aparecem na gramática mental da criança associados à flexão de tempo passado ou aspecto perfectivo são verbos pontuais e télicos. Nesse mesmo sentido, Bickerton (1981 apud SHIRAI 1997) propõe que, no início do processo de aquisição de linguagem, a morfologia de perfectivo indica eventos que sejam pontuais.

Frente a esse contexto, observamos que não há uma consensualidade sobre qual propriedade aspectual semântica de fato motive o uso da morfologia de perfectivo nas fases iniciais da aquisição de linguagem. Enquanto autores como Andersen e Shirai (1996) defendem que seja a propriedade de telicidade que guie o uso dessa morfologia no início do processo de aquisição de linguagem, outros, como Bloom, Lifter e Hafitz (1980) e Bickerton (1981 apud SHIRAI, 1997), acreditam que seja a propriedade de pontualidade. Contudo, ainda que haja uma divergência no entendimento de qual seja a propriedade aspectual semântica motivadora da morfologia de perfectivo, todos esses autores parecem defender que a informação temporo-aspectual que dispara o uso dessa morfologia verbal nas fases mais iniciais do processo de aquisição seja, de fato, uma propriedade aspectual semântica.

Concluimos esta subseção destacando que, além de não haver consenso acerca da propriedade aspectual semântica que dispara o uso da morfologia de perfectivo no início do processo de aquisição, não parece haver nenhuma proposta, dentre os tópicos listados nesta

subseção, que trate da motivação aspectual semântica para o uso das morfologias de futuro e de presente simples, que interessam ao presente estudo. Na subseção a seguir, trataremos da aquisição das categorias de Tempo e Aspecto especificamente no PB.

2.3.3 A aquisição de Tempo e Aspecto no português brasileiro

No que diz respeito especificamente ao português brasileiro, alguns estudos trazem contribuições relevantes para o entendimento da aquisição das categorias de Tempo e Aspecto. Trabalhos como os de Lessa (2015, 2019), Araújo (2015), Rodrigues (2019) e Silva, Martins e Rodrigues (2020) investigaram a aquisição da morfologia verbal no PB. Esses trabalhos observaram que a relação estabelecida entre as morfologias verbais e os tipos de verbo no início do processo aquisitivo do PB não acontece exatamente como se propõe na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996).

Lessa (2015) desenvolveu um estudo de caso longitudinal no qual empreendeu análises de fala espontânea e semiespontânea de uma criança acompanhada dos vinte aos vinte e nove meses. Esse estudo revelou que, quando a criança estava na etapa da aquisição de linguagem de uma palavra, o morfema de perfectivo não foi associado ao tipo de verbo *accomplishment*. Essa observação vai de encontro ao que Andersen e Shirai (1996) propuseram. Além disso, Lessa (2015) também observou uma associação inicial entre a morfologia de progressivo e o verbo do tipo *accomplishment*, o que também diverge da proposta da HPA, segundo a qual essa associação acontece apenas em fases mais tardias da aquisição de linguagem. Assim, a autora concluiu que, apesar de não poder refutar a Hipótese da Primazia do Aspecto, visto que as flexões verbais eram efetivamente associadas inicialmente a um tipo de verbo específico, o processo de aquisição temporo-aspectual não ocorreu invariavelmente seguindo a proposta da HPA. Além disso, Lessa (2015) também concluiu que a associação entre duratividade e imperfectividade seja possivelmente derivada do fato de que tanto o verbo do tipo *accomplishment* quanto o aspecto gramatical imperfectivo apresentam traços [+durativo].

Além disso, Lessa (2019), a partir de um estudo de caso duplo, analisa a associação entre aspecto semântico e aspecto gramatical a fim de verificar se a marcação de Tempo e Aspecto é limitada pelo aspecto semântico dos verbos no início do processo de aquisição, como sugerido pela HPA. Os dados são secundários e a autora analisa a produção de uma criança adquirindo o português e outra criança adquirindo o inglês entre o período de 1 ano e 6 meses e 2 anos e 2 meses. Observou-se que, inicialmente, não o morfema de aspecto

perfectivo, e sim de imperfectivo progressivo, associou-se ao verbo do tipo *accomplishment*. Desse modo, os resultados em Lessa (2019) não invalidam totalmente a HPA. Contudo, conclui-se que a propriedade aspectual semântica da telicidade não seja a desencadeadora da marcação de perfectividade. Além disso, seus dados sugerem que telicidade não é uma propriedade semântica do verbo, mas uma propriedade do VP.

Araújo (2015) também amplia as discussões sobre a aquisição das categorias de Tempo e Aspecto no PB. Essa pesquisadora, assim como Lessa (2015), propôs-se a investigar a aquisição de Tempo. A diferença metodológica entre os trabalhos dessas autoras está no fato de Araújo (2015) ter realizado um estudo duplo de caso. Neste estudo, o que pôde ser observado nos resultados obtidos pelas análises das produções infantis foi que:

1. em relação à criança 1, as primeiras realizações da morfologia de aspecto gramatical perfectivo ocorreram com os verbos do tipo *achievement* e atividade, o que vai de encontro à HPA; e

2. em relação à criança 2, as primeiras realizações da morfologia de aspecto gramatical perfectivo ocorreram com os verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*, o que vai ao encontro da HPA.

No que diz respeito à aquisição da categoria Tempo, as duas crianças investigadas por Araújo (2015) demonstraram ausência ou instabilidade no uso do auxiliar “estar” da perífrase “estar” + verbo principal no gerúndio nas produções mais iniciais de imperfectivo contínuo por meio de perífrase progressiva. Esse mesmo achado também havia sido atestado no estudo de Lessa (2015).

Por fim, Silva, Martins e Rodrigues (2020) investigaram a aquisição de morfologias verbais no PB, mais especificamente, da morfologia de pretérito perfeito e de progressivo, no início da aquisição dessa língua a partir de dados secundários de Rodrigues (2019). As autoras investigaram se os traços semânticos *minimal events are extended* e *event of change*, propostos pela autora Rothstein (2008), motivariam o uso de certas morfologias no início da aquisição do PB. Os resultados desse trabalho revelam que, inicialmente, a morfologia de pretérito perfeito foi inicialmente associada somente a verbos com o traço *event of change* marcado positivamente e a morfologia de progressivo foi inicialmente associada apenas a verbos com o traço *minimal events are extended* marcado positivamente. Os resultados desta pesquisa serão retomados e ampliados no capítulo 4 desta dissertação.

2.4 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo dedicou-se a apresentar algumas das hipóteses mais pertinentes para o estudo da aquisição das categorias funcionais. Iniciou-se este capítulo tratando da hipótese inatista, em que se defende que as crianças já nascem predispostas a desenvolver capacidades linguísticas, sendo essas capacidades geneticamente herdadas e, portanto, inatas. Segundo essa hipótese, a capacidade linguística só pode ser desenvolvida se a criança em fase de aquisição de uma língua for exposta ao contato com outros falantes. Chomsky (1986) propõe que a criança nasce com um dispositivo inato especializado em lidar com fenômenos linguísticos, a Gramática Universal, que apresenta princípios e parâmetros que serão fixados pela própria criança de acordo com o ambiente linguístico em que ela for inserida, gerando, assim, sua gramática particular.

Em seguida, apresentaram-se as hipóteses relacionadas especificamente à aquisição das categorias funcionais. Na Hipótese Maturacional, defende-se que os princípios linguísticos são geneticamente programados para emergir em etapas diferentes da maturação. De modo geral, nessa hipótese, sugere-se que os princípios que permitem que a criança forme estruturas temáticas-lexicais sejam ativados, aproximadamente, aos vinte meses e aqueles que permitem que a criança forme estruturas funcionais não temáticas sejam ativados, aproximadamente, aos vinte e quatro meses.

Já na Hipótese Continuista, apresentaram-se uma versão forte e outra fraca. Na versão forte, admite-se que todas as categorias funcionais já estejam inseridas na gramática inicial do falante, ainda que os morfemas associados a essas categorias não apareçam na fala da criança. Assim, o conhecimento das categorias funcionais na gramática infantil coincide com o da gramática adulta. Na versão fraca, por outro lado, sugere-se que existam estágios diferentes para a gramática infantil, mas que não ferem a GU. As restrições que acontecem na gramática infantil podem ser causadas pela dificuldade de processamento ou pela falta de memória.

Além disso, descrevemos a proposta de Weist (1986), que propõe a existência de quatro sistemas temporais na fala da criança adquirindo uma língua. Na primeira etapa, o primeiro sistema temporal expressa noções de “aqui” e “agora”, indicando presente. Na segunda etapa, a criança consegue representar o ET como simultâneo, anterior ou posterior ao ST. Na terceira etapa, há a emergência de RT no sistema temporal da criança, todavia, a sequência inicial do sistema de tempo ainda é restrita. Por fim, na última etapa, a criança é capaz de fazer referência ao sistema temporal de forma livre, sem restrições, desassociando ET, RT e ST. A proposta desse autor será retomada no capítulo 5, nas análises empreendidas a partir dos resultados obtidos nesta dissertação.

Por fim, tratou-se da Hipótese da Primazia do Aspecto, em que se defende que, nas fases iniciais da aquisição de linguagem, o aspecto semântico dos verbos guia a aquisição dos marcadores verbais de tempo e aspecto. Nessa perspectiva, demonstramos uma não consensualidade na literatura acerca de qual traço aspectual semântico motiva o uso das morfologias de perfectivo nas fases iniciais da aquisição de linguagem. Por exemplo, mencionamos que autores como Andersen e Shirai (1996) são defensores de que o traço de telicidade guie o uso da morfologia de perfectivo no início da aquisição de linguagem, mas autores como Bloom, Lifiter e Hafitz (1980) e Bickerton (1981 apud SHIRAI, 1997) sugerem que seja o traço de duratividade que o faça. Além disso, apontamos para o fato de que não há, dentre os tópicos propostos na HPA, nenhum apontamento que trate das morfologias de futuro e de presente simples, que são morfologias investigadas nesta dissertação.

Dessa forma, esta dissertação pretende contribuir para o detalhamento do entendimento dos traços aspectuais semânticos que motivam o uso das morfologias de pretérito perfeito – morfologia de perfectivo no PB –, futuro do sempre e presente simples. Além disso, a partir dos objetivos propostos na introdução desta dissertação, pretendemos contribuir para o entendimento de qual tempo e aspecto gramatical se consolidam primeiramente na gramática infantil. No próximo capítulo desta dissertação, exibiremos a metodologia proposta para investigar os objetivos deste trabalho.

3 METODOLOGIA

A fim de investigar a aquisição de traços de Aspecto e Tempo no português brasileiro em crianças em fase de aquisição de linguagem, adotou-se um estudo de caso de caráter longitudinal realizado a partir de dados secundários.

Neste capítulo, apresentaremos os detalhes metodológicos desta pesquisa. Desse modo, dividiu-se este capítulo em quatro seções. Na primeira seção, trataremos do tipo de estudo adotado para esta pesquisa; na segunda seção, apresentaremos a fonte dos dados utilizados nas análises; na terceira seção, descreveremos o perfil da participante selecionada para o estudo; e, por último, na quarta seção, apresentaremos os critérios que foram considerados para as análises realizadas.

3.1 TIPO DE ESTUDO

Muitos debates são feitos na literatura sobre a importância de alguns métodos de estudo adotados na análise de dados. Uma das discussões amplamente feitas é sobre a pertinência de estudos de caso e de grupo. Enquanto o estudo de caso permite-nos analisar dados de forma individual, o estudo de grupo permite-nos agrupar dados e analisá-los em conjunto. Resultados de trabalhos como os Lessa (2015), Rodrigues (2019), Nespoli (2010) e Gomes (2020) demonstram a pertinência de uma análise individual de dados de sujeitos em fase de aquisição de linguagem – caso dos dois primeiros estudos referenciados – e de sujeitos com distúrbios de linguagem – caso dos dois últimos estudos referenciados. Diante disso, adotamos o estudo de caso para esta pesquisa. Mais especificamente, será feito um estudo de caso de caráter longitudinal.

O estudo de caso é um método de pesquisa que, normalmente, a partir de dados qualitativos, coletados em situações reais, busca descrever, de forma detalhada, fenômenos em seu próprio contexto (EISENHARDT, 1989; YIN, 2009). Autores como Yin (2001), Alves Mazzotti (2006) e Ventura (2007) defendem que o estudo de caso permite uma descrição mais acurada de um caso específico ou em conjunto, de forma qualitativa e/ou quantitativa, sem fazer generalizações. Acreditamos, portanto, que esse método de estudo permite uma investigação precisa do objeto em questão, possibilitando uma compreensão mais profunda desse objeto e, conseqüentemente, promovendo o levantamento de hipóteses a partir dessa compreensão.

Em relação ao caráter longitudinal da pesquisa, Haddad (2004) defende que estudos desse tipo propõem-se a investigar um fenômeno ao longo de um período de tempo, observando possíveis mudanças e variações no fenômeno estudado. É importante mencionar que os sujeitos investigados nesse tipo de estudo são os mesmos do início ao fim da pesquisa e esse tipo de estudo pode ser conduzido com os sujeitos analisados individualmente ou em grupo.

Araújo (2015) defende o método de acompanhamento longitudinal para o estudo de aquisição de linguagem e empreende uma crítica ao método empregado por Neves (2011) em seu estudo sobre a aquisição da categoria de aspecto no PB. Nesta pesquisa, a autora desenvolve um estudo transversal, coletando dados de um grupo de crianças em fases de aquisição diferentes apenas uma vez. Neves (2011) apontou para o fato de seus resultados revelarem somente a frequência do uso de certa morfologia verbal associada a certos tipos de verbo em um dado momento do processo de aquisição, visto que o desenvolvimento linguístico das crianças não foi acompanhado regularmente e, com isso, não foi possível verificar o momento da emergência dos morfemas investigados na fala das crianças. Diante disso, optamos por realizar um estudo longitudinal por assumirmos que esse tipo de estudo é favorável ao acompanhamento do desenvolvimento linguístico de crianças em fase de aquisição.

3.2 FONTE DE DADOS

Esta pesquisa utilizou dados secundários extraídos do *corpus* constituído por Rodrigues (2019) para a elaboração de sua dissertação de mestrado e disponibilizado pela autora na íntegra para o desenvolvimento da presente pesquisa. A coleta foi feita a partir de gravações de fala espontânea e semiespontânea de uma criança entre os anos de 2016 e 2018. A fala espontânea no estudo em questão refere-se às manifestações linguísticas produzidas pela criança sem nenhum tipo de interferência de outro participante, enquanto a fala semiespontânea refere-se às manifestações linguísticas produzidas pela criança guiada por perguntas eliciadoras. Durante a coleta, utilizou-se dessas perguntas quando houve silêncio ou quando a criança utilizava poucas palavras para expressar sua fala. A pesquisadora utilizou um gravador de celular para coletar os dados. As gravações aconteceram na casa da criança, enquanto ela brincava e interagia com a pesquisadora e/ou outros sujeitos presentes, como mãe e irmão, no intervalo de 15 a 35 dias e tiveram, em média, uma hora de duração

cada. Foram realizadas 33 gravações ao total, tendo sido a primeira realizada quando a criança tinha 1 ano e 11 meses e a última, 3 anos e 8 meses.

3.3 PARTICIPANTE

O sujeito participante desta pesquisa é do sexo feminino, nascida na cidade do Rio de Janeiro e residente de um bairro de classe média dessa mesma cidade. A participante – identificada na pesquisa como AC – mora com os pais e seu irmão gêmeo – identificado na pesquisa como PP. Ainda, a participante frequenta creche desde um ano de idade e convive com crianças na mesma faixa etária. Na creche e em casa, AC é exposta apenas ao PB. Os pais de AC são brasileiros e monolíngues, sendo a mãe de AC – identificada na pesquisa como CM – bióloga e fonoaudióloga e o pai veterinário e professor. Como mencionado na seção anterior, AC foi acompanhada de 1 ano e 11 meses a 3 anos e 8 meses de idade. No início das gravações, AC estava na fase de transição jargão/uma palavra.

3.4 CRITÉRIOS DE ANÁLISE

Para os propósitos deste estudo, as realizações morfológicas de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente foram consideradas a partir da primeira gravação. Para investigar a emergência dessas morfologias como possivelmente motivadas por traços aspectuais semânticos, fizemos um recorte do período analisado para cada morfologia entre a primeira aparição de cada uma e o momento em que pudemos observar a sua associação com todos os traços semânticos propostos por Rothstein (2008) em sua classificação de verbos. Para a investigação da aquisição dos traços aspectuais gramaticais e temporais, estabelecemos como recorte a ser analisado o período entre o momento em que uma dada morfologia já havia sido associada a todos os traços aspectuais semânticos marcados positivamente e negativamente e o momento em que a última morfologia a emergir já havia sido associada a todos os traços aspectuais semânticos marcados positivamente e negativamente.

Consideramos na análise dos dados todas as produções da criança (tanto em sentenças declarativas como interrogativas) com as morfologias investigadas que não se caracterizassem como “eco” da fala adulta, ou seja, foram descartadas apenas as suas produções em que o mesmo verbo, com a mesma morfologia, era utilizado imediatamente

após a fala do adulto, mas foram incluídas aquelas que continham o mesmo verbo com uma morfologia distinta ou a mesma morfologia em um verbo distinto do empregado pelo adulto imediatamente antes de sua fala. A partir daí, classificamos os verbos conforme proposto por Rothstein (2008). Por fim, na análise dos dados, eventualmente, agrupamos os resultados por idade da criança (por exemplo, fazemos referência aos dados obtidos quando a criança tinha 2 anos e 2 meses, idade em que foram feitas duas gravações da criança).

No próximo capítulo, apresentaremos os resultados obtidos por meio das análises dos dados linguísticos de AC.

4 RESULTADOS E ANÁLISES

Este capítulo destina-se a expor os resultados obtidos por meio das análises da produção da participante do estudo, como apresentado no capítulo anterior.

Este capítulo está dividido em duas seções: na primeira, apresentam-se os resultados da emergência das morfologias investigadas com as análises à luz dos traços aspectuais semânticos do verbo e, na segunda, com as análises à luz dos traços aspectuais gramaticais e temporais veiculados nas sentenças.

4.1 MORFOLOGIAS VERBAIS E ASPECTO SEMÂNTICO

Nesta seção, apresentaremos os dados e os resultados gerais das realizações morfológicas de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente produzidas por AC à luz dos traços aspectuais semânticos dos verbos dessas produções.

As análises feitas a seguir serão empreendidas a partir da classificação dos verbos tal como proposta por Rothstein (2008), isto é, considerando-se os traços [+/-*event of change*] e [+/-*minimal events are extended*]. Faremos uma análise detalhada da primeira realização de uma dada morfologia associada a cada um dos quatro tipos de verbo, a fim de esclarecer a marcação dos traços [+/-*event of change*] e [+/-*minimal events are extended*] nesses verbos, mas todas as realizações das diferentes morfologias investigadas, associadas a cada tipo de tempo, são exibidas no anexo desta dissertação. Além disso, a análise de cada morfologia se estendeu até o momento em que identificamos que aquela dada morfologia havia sido usada com todos os tipos de verbo.

A primeira realização morfológica de presente simples por AC ocorreu na gravação 1, quando a criança tinha 1 ano e 11 meses, e, nessa gravação, AC interage com a pesquisadora com o intuito de emprestar um dos objetos que ela estava brincando, como podemos observar no exemplo em (42) abaixo. Classificamos o verbo na produção da criança como sendo do tipo atividade porque é possível que fragmentemos o evento de “emprestar” a ponto de estendê-lo, mas não há uma ação que recaia sobre um objeto a ponto de modificá-lo, de modo que o traço *minimal events are extended* é marcado positivamente, ao passo que o traço *event of change* é marcado negativamente.

(42) Gravação 01 – AC 1;11

NR: [...] Sua vez.

AC: Vez. Pesto⁶.

NR: Presto.

Além da ocorrência ilustrada em (42) acima, ainda na gravação 1, ao 1 ano e 11 meses, AC produz mais uma ocorrência de presente simples associado a um verbo de atividade.

Na gravação 4, aos 2 anos, AC realiza a morfologia de presente simples, sendo tal morfologia associada ao verbo do tipo estado pela primeira vez, como observa-se no exemplo em (43). No contexto da gravação 4, a criança e a pesquisadora avistam uma imagem de um gato. Classificamos o verbo realizado nesta gravação como sendo do tipo estado por não haver nenhum evento mínimo que possa ser prolongável, bem como pelo fato de não haver um evento que recaia sobre um complemento a ponto de mudá-lo. Dessa forma, ambos os traços *minimal events are extended* e *event of change* são marcados negativamente.

(43) Gravação 04 – AC 2;00

NR: Miau.

AC: É o miau.

Além da ocorrência exemplificada em (43), também na gravação 4, aos 2 anos, AC realiza a morfologia de presente simples em outras três ocorrências de verbo de estado, conforme ilustrado pelos exemplos em (44) e (45) a seguir.

(44) Gravação 04 – AC 2;00

CM: E você? Não vai pintar, não?

NR: Não, ela só tá me vendo pintar. Eu tô pintando tudo. Ela só tá...

AC: É pepexiiiiiiii.

NR: É o peixe. Mostra o peixe pra sua mãe, que a gente pintou. Mostra pra ela.

(45) Gravação 04 – AC 2;00

NR: A Minnie?

AC: Miná! Que é esse?

NR: Quê?

⁶ As palavras sublinhadas referem-se aos segmentos que guiaram a análise.

Ainda na gravação 4, aos 2 anos, AC realiza outra produção morfológica de presente simples associada também pela primeira vez a um outro tipo de verbo, um verbo do tipo *accomplishment*, como exposto no exemplo em (46). No contexto, há uma interação entre AC, a pesquisadora e a mãe de AC, identificada como CM. Classificamos esta realização como sendo um verbo do tipo *accomplishment* apoiadas no fato de que o evento em “pintar” é extensível e o estado do quadro é alterado de acordo com o desenvolvimento da pintura, de modo que ambos os traços *minimal events are extended* e *event of change* são marcados positivamente.

(46) Gravação 04 – AC 2;00

CM: Que lindos, filha!

AC: Aah! Titi⁷ pinta peixe. E ei⁸ também.

NR: Quem pintou o peixe?

AC: Peixe!

Posteriormente, AC produziu a morfologia de presente simples associada a verbos de estado em diversos momentos. Na gravação 5, aos 2 anos e 1 mês, houve duas ocorrências desse tipo de verbo na fala de AC, na gravação 6, aos 2 anos e 2 meses, uma ocorrência, na gravação 7, aos 2 anos e 3 meses, seis ocorrências, nas gravações 9⁹ e 10, aos 2 anos e 4 meses, sete ocorrências e, nas gravações 11 e 12, aos 2 anos e 5 meses, nove ocorrências. Dois exemplos dessas ocorrências são ilustradas nos exemplos em (47) e (48) a seguir.

(47) Gravação 10 – AC 2;04

NR: É um ovo? Você quer ovo? Você também quer o ovo?! Você quer tudo?!

AC: Quelo.

(48) Gravação 11 – AC 2;05

NR: Cadê o carrinho?

AC: Tá ali.

⁷ “Titi” faz referência a “titia” na fala de AC.

⁸ “Ei” faz referência a “eu” na fala de AC.

⁹ Na gravação 8, aos 2 anos e 3 meses, AC não produz nenhuma morfologia de presente simples.

Finalmente, como ilustrado no exemplo em (49), na gravação 14, aos 2 anos e 6 meses, pudemos observar a realização morfológica de presente simples associada, pela primeira vez, ao verbo do tipo *achievement*. No contexto dessa gravação, a pesquisadora pede para que o irmão de AC tire uma foto do cachorro que está no ambiente em que está acontecendo a gravação. Justificamos essa classificação pelo fato de o evento em “tirar”, neste contexto, não poder ser extensível e o complemento “foto” ser afetado pelo evento denotado pelo verbo, uma vez que a foto só passa a existir a partir do momento em que é tirada. Logo, nesse caso, o traço *minimal events are extended* é marcado negativamente e o traço *event of change*, positivamente.

(49) Gravação 14 – 2;06

NR: Tira uma foto do Fred, PP.

AC: Eu tiro uma foto do Quedi.

NR: Vai. Tira uma foto do Fred.

Também na gravação 14, aos 2 anos e 6 meses, AC produziu a morfologia de presente simples associada a verbo do tipo *accomplishment* em uma ocorrência e ao verbo do tipo estado em 20 ocorrências, conforme ilustram, respectivamente, os exemplos em (50) e (51) a seguir.

(50) Gravação 14 – AC 2;06

AC: Peguei!

NR: A mamadeira?

AC: É. Ela apeta.

(51) Gravação 14 – AC 2;06

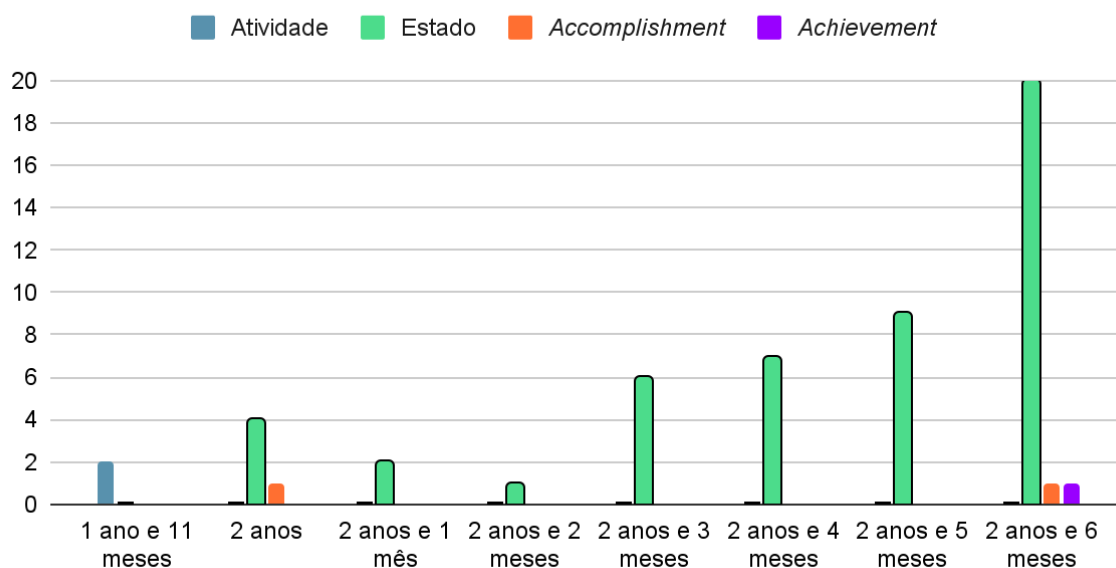
AC: O PP! Eu quero conhecer o Mickey Mouse.

NR: Você quer conhecer o Mickey Mouse?

Desse modo, elaboramos um gráfico que ilustra a relação entre os diferentes tipos de verbo com a morfologia de presente simples e a idade de AC durante o período investigado.

Gráfico 1: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de presente simples e a idade de AC.

RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE VERBO & A MORFOLOGIA DE PRESENTE SIMPLES E A IDADE DE AC



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de AC.

Em relação à morfologia de pretérito perfeito¹⁰, a primeira produção morfológica desse tipo aconteceu na gravação 6, quando AC tinha 2 anos e 2 meses, como observa-se no exemplo em (52). No contexto dessa gravação, a criança estava tentando dizer que a pilha tinha acabado. Classificamos o verbo “acabar” como sendo do tipo *achievement* pois o evento em “acabar” é um ponto no tempo que não pode ser estendido e, além disso, esse evento afeta o complemento, de modo que a pilha deixa de estar carregada, passando para um novo estado, descarregada. Portanto, nesse caso, o traço *minimal events are extended* é marcado negativamente e o traço *event of change*, positivamente.

(52) Gravação 06 – AC 2;02

NR: Desligou? Deixa a tia colocar outra pilha, que essa pilha tá ruim. Deixa eu achar uma pilha que funcione, AC. Deve ter aqui em algum lugar.

AC: Uou pia. ((acabou a pilha))

¹⁰ Os resultados referentes ao pretérito perfeito já foram publicados no artigo “Aquisição de aspecto semântico no português do Brasil: as realizações morfológicas em verbos prolongáveis temporalmente e de mudança de estado” em 2020 pela autora desta dissertação em coautoria com Adriana Leitão Martins e Nayana Pires da Silva Rodrigues.

Ainda na gravação 6, aos 2 anos e 2 meses, AC produziu a morfologia de pretérito perfeito associada ao tipo *achievement* em mais uma ocorrência, bem como na gravação 8¹¹, aos 2 anos e 3 meses, em que produziu tal morfologia associada a dois verbos desse mesmo tipo. Exemplos dessas ocorrências podem ser verificados nos exemplos em (53) e (54) a seguir.

(53) Gravação 06 – AC 2;02

NR: Aaaah... Ai, cara, que maneiro.

CM: A roda tem 30 cm.

AC: Atabou.

(54) Gravação 08 – AC 2;03

AC: Ah! Chei¹²!

NR: Apareceu?

Em seguida, na gravação 10¹³, aos 2 anos e 4 meses, AC produz, pela primeira vez, a morfologia de pretérito perfeito associada ao verbo do tipo *accomplishment*, apresentado abaixo no exemplo em (55). Defendemos essa classificação baseadas no fato de que o evento mínimo em “comer” pode ser prolongado e, além disso, esse evento recai sob o complemento “ovo” a ponto de afetá-lo. Assim, ambos os traços *miminal events are extended* e *event of change* são marcados positivamente nesse caso.

(55) Gravação 10 – AC 2;04

NR: Mais? Sua gulosa! Mais? Ai, desculpa.

AC: Comeu uá. ((ovo))

NR: Você comeu o ovo? Que delícia! Mais um? Quantos morangos a gente tem?

Um mês depois, na gravação 12, aos 2 anos e 5 meses, AC associa, pela primeira vez, a morfologia de pretérito perfeito ao verbo do tipo atividade, demonstrado no exemplo em (56). Essa classificação se baseia no fato de que o evento mínimo em “tomar banho” pode ser prolongado e o objeto desse evento não é afetado a ponto de gerar uma mudança em seu

¹¹ Não houve produção de morfologia de pretérito perfeito na gravação 7.

¹² “Chei” faz referência a “achei” na fala de AC.

¹³ Não houve produção de morfologia de pretérito perfeito na gravação 9.

estado. Desse modo, entendemos que o traço *minimal events are extended* é marcado positivamente e o traço *event of change*, negativamente.

(56) Gravação 12 – AC 2;05

NR: Cadê o PP?

AC: PP totou banho. ((tomou banho))

Destacamos que admitimos que o verbo na ocorrência em (56) também possa ser interpretado como *accomplishment* se analisarmos que a criança esteja entendendo a situação com um afetamento no complemento desse evento, que geraria uma mudança de estado que parte de “sujo” para “limpo”. Apesar dessa dupla possibilidade, é importante mencionar que essa segunda interpretação do tipo de verbo produzido por AC em (56) não invalidaria as análises desta pesquisa, visto que, nessa mesma gravação, AC produziu a morfologia de pretérito perfeito associada a outros três verbos com o traço *event of change* marcado negativamente, sendo um verbo de atividade e dois verbos de estado, como descrito nos dois parágrafos a seguir.

Por último, o verbo do tipo estado é associado pela primeira vez com a morfologia de pretérito perfeito na fala de AC também na gravação 12, quando ela tinha 2 anos e 5 meses, como exposto no exemplo em (57). Classificamos o verbo “querer” como sendo um verbo de estado, pois, nesse caso, não há eventos mínimos que possam ser prolongados e, também, não há um afetamento do objeto a ponto de alterá-lo. Assim, ambos os traços *minimal events are extended* e *event of change* são marcados negativamente.

(57) Gravação 12 – AC 2;05

CM: Você quer ver? PP voar? Para de tirar meleca, PP, seu porco. PP: Não.

AC: PP quis. Eu quis voar, não.

Além das produções apresentadas em (56) e (57) acima, AC também produziu a morfologia de pretérito perfeito, aos 2 anos e 5 meses, entre as gravações 11 e 12, associada a verbos do tipo *achievement* em mais treze ocorrências, a verbos do tipo *accomplishment*, em mais três ocorrências, a verbos do tipo atividade, em mais uma ocorrência e a verbos do tipo estado, em mais uma ocorrência, como ilustram, respectivamente, os exemplos de (58) a (61) a seguir.

(58) Gravação 12 – AC 2;05

AC: Não achei a Jessy.

CM: Tá lá no armário, filha.

(59) Gravação 11 – AC 2;05

AC: Montá catelo. Tu, Du Du Miau. Eu mantei.¹⁴

NR: Aumentou?! Você montou?

AC: É. Aqui. A casa Miau.

(60) Gravação 12 – AC 2;05

AC: Eu subi sozinha.

(61) Gravação 12 – AC 2;05

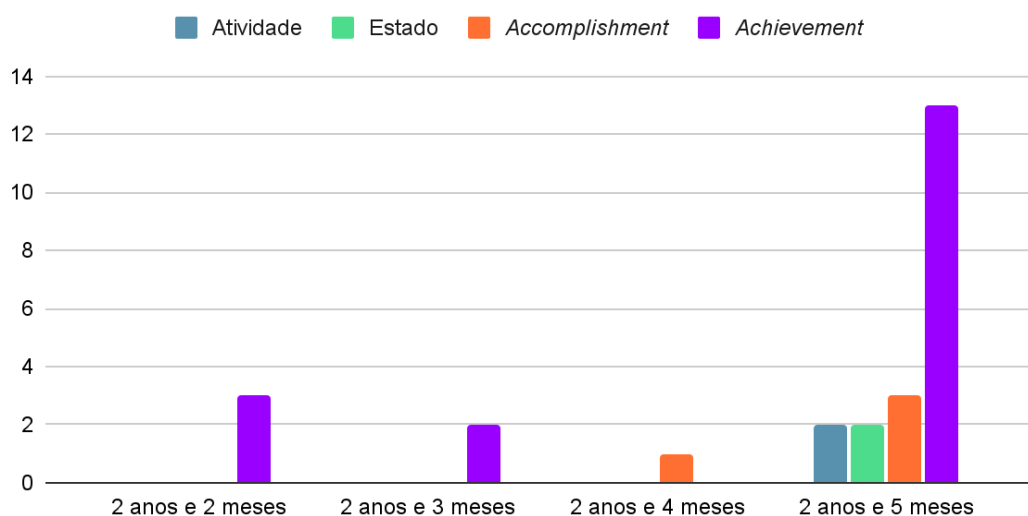
NR: Você quebrou?

AC: Não, foi o Fed.

O gráfico (2) mostra a relação entre os diferentes tipos de verbo com a morfologia de pretérito perfeito e a idade da criança no intervalo de tempo estudado.

Gráfico 2: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de pretérito perfeito e a idade de AC.

RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE VERBO & A MORFOLOGIA DE PRETÉRITO PERFEITO E A IDADE DE AC



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de AC.

¹⁴ “Mantei” faz referência a “montar” na fala de AC.

Por fim, no que diz respeito à morfologia de futuro do presente, a primeira produção que identificamos nas análises da fala de AC ocorreu na gravação 7, quando a criança tinha 2 anos e 3 meses. No contexto dessa gravação, há uma interação entre AC e sua mãe, CM. Classificamos que essa primeira produção da morfologia de futuro do presente, apresentada no exemplo em (62) a seguir, foi associada a um verbo do tipo atividade, pois o evento em “dançar” pode ser estendido, mas não gera nenhuma mudança de estado de um objeto. Assim, o traço *minimal events are extended* é marcado positivamente, enquanto o traço *event of change* é marcado negativamente.

(62) Gravação 7 – 2;03

AC: Pedáaaa.

CM: Você vai dançar, AC?

AC: Vou dançar. É. Aqui.

Além dessa realização, também na gravação 7, aos 2 anos e 3 meses, AC produziu a primeira morfologia de futuro do presente associada ao verbo do tipo *achievement*, como pode ser observado no exemplo em (63). No contexto dessa gravação, a mãe de AC pergunta se ia bater a perna. Sugerimos que essa produção seja um *achievement* considerando o fato de que o evento em “bater” não pode ser prolongado, mas gera uma mudança de estado no objeto que sofre a batida. Assim, o traço *minimal events are extended* é marcado negativamente e o traço *event of change*, positivamente.

(63) Gravação 7 – 2;03

CM: Mas, ô, muito engraçado...

NR: Coloca, ô...

AC: Vai bater!

Na gravação 12, aos 2 anos e 5 meses, AC produz pela primeira vez a morfologia de futuro do presente associada ao verbo do tipo *accomplishment*, exibido no exemplo em (64) abaixo. AC e a pesquisadora estavam brincando no momento da gravação. A situação denotada pelo verbo “montar” possui eventos mínimos que podem ser estendidos e, além disso, há um afetamento no estado do brinquedo que estava sendo montado. Desse modo, ambos os traços propostos por Rothstein (2008) são marcados positivamente.

(64) Gravação 12 – 2;05

AC: É moita. Vamos mointá.

NR: Vamos montar? Vamos?

AC: Vamos.

Além dessas produções exemplificadas anteriormente, destacamos que AC produziu a morfologia de futuro do presente associada a mais um verbo de atividade na gravação 10, aos 2 anos e 4 meses, como demonstrado no exemplo em (65) abaixo.

(65) Gravação 10 – 2;04

NR: Ah, botar ele aí? Bota ele para dirigir.

AC: You dirigir.

Por fim, na gravação 12, aos 2 anos e 5 meses, AC produz a morfologia de futuro do presente associada ao verbo do tipo estado pela primeira vez, apresentada no exemplo em (66) abaixo. Nessa gravação, a pesquisadora pergunta se AC iria brincar. Classificamos o verbo “ficar” como sendo um estado considerando que não há eventos mínimos que possam ser estendidos. Além disso, não parece existir nenhum afetamento em um objeto que o modifique de alguma forma. Nessa perspectiva, ambos os traços *minimal events are extended* e *event of change* são marcados negativamente.

(66) Gravação 12 – 2;05

NR: Não, ele não quer brincar com a gente não?

AC: Não. Eu vou ficar aqui.

Ressaltamos que mais uma produção da morfologia de futuro do presente foi verificada com o verbo do tipo atividade na gravação 11, aos 2 anos e 5 meses, como mostra o exemplo em (67) abaixo.

(67) Gravação 11 – 2;05

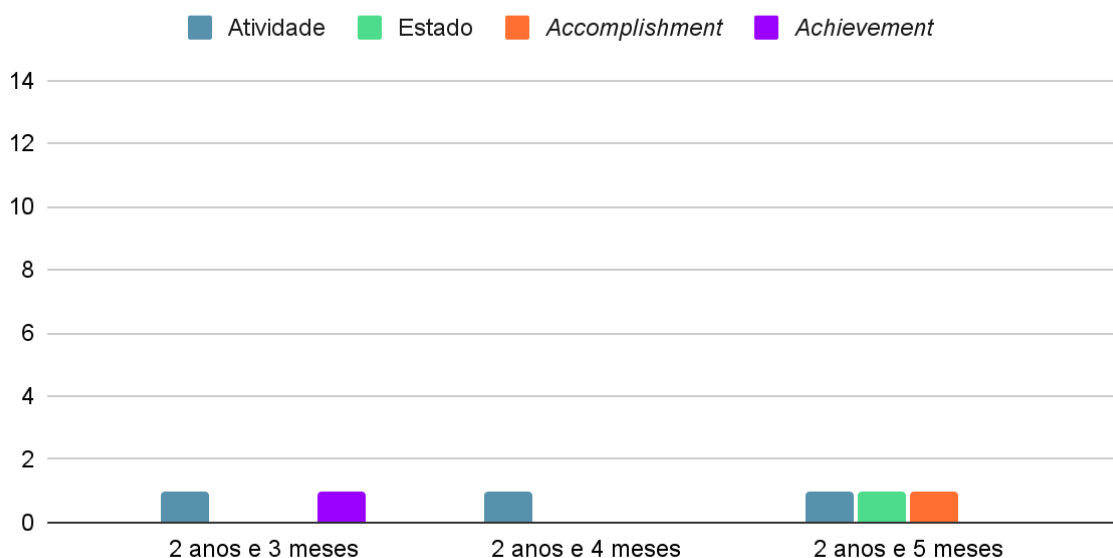
AC: É. Caine. Caine. You vê o Nemo.

CM: Não, está na hora de papar, cara de fuinha.

O gráfico (3) expressa a relação entre os diferentes tipos de verbo com a morfologia de futuro do presente e a idade da criança no intervalo investigado.

Gráfico 3: Relação entre os tipos de verbo e a morfologia de futuro do presente e a idade de AC.

RELAÇÃO ENTRE OS TIPOS DE VERBO & A MORFOLOGIA DE FUTURO DO PRESENTE E A IDADE DE AC



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de AC.

Na próxima seção, apresentaremos os resultados das análises feitas acerca da emergência dos traços aspectuais gramaticais e temporais nos dados de AC.

4.2 MORFOLOGIAS VERBAIS, ASPECTO GRAMATICAL E TEMPO

O objetivo desta seção é revelar os resultados em relação à aquisição do conhecimento de aspecto gramatical e temporal nos dados de AC. Para isso, é importante mencionar que esta análise teve início no momento em que a criança parece dissociar as morfologias verbais do aspecto semântico, ou seja, no momento em que AC passa a produzir uma dada morfologia associada aos traços aspectuais semânticos *minimal events are extended* e *event of change* marcados tanto positivamente como negativamente. Optamos por esse recorte por acreditarmos que esse momento indica que não há mais restrição aspectual semântica para a utilização das morfologias. Desse modo, as análises da aquisição da morfologia enquanto veiculadora de aspecto gramatical e Tempo referente ao presente

simples começaram aos 2 anos, ao pretérito perfeito, aos 2 anos e 5 meses e ao futuro do presente, aos 2 anos e 3 meses. Além disso, é importante mencionar que, a fim de aferir se havia uma estabilidade no uso das morfologias investigadas para veicular um dado traço aspectual gramatical e um dado traço temporal, acompanhamos as produções de AC até, no mínimo, quatro gravações após a gravação de início dessa análise.

Os resultados dessas análises parecem indicar que, nesse período, ainda não é possível identificar se os traços linguísticos de aspecto gramatical emergem antes, após ou simultaneamente aos traços linguísticos de Tempo na fala de AC. Parece-nos muito precoce afirmar, por exemplo, que houve aquisição de aspecto gramatical antes da aquisição de Tempo a partir dos dados analisados, uma vez que não é possível dissociar, por exemplo, o traço de imperfectivo do traço de presente na produção da morfologia de presente simples e o traço de perfectivo do traço de passado na produção da morfologia de pretérito perfeito. Desse modo, apresentaremos, a seguir, exemplos e análises das ocorrências de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente a partir das idades, respectivamente, de 2 anos, 2 anos e 5 meses e 2 anos e 3 meses admitindo que, nessas idades, haja aquisição de traços de aspecto gramatical (perfectivo e imperfectivo) e de Tempo (presente, passado e futuro) por AC.

Na gravação 4, quando AC tinha 2 anos, a morfologia de presente simples já aparece associada à especificação positiva e negativa dos dois traços aspectuais semânticos propostos por Rothstein (2008). Entendemos que, a partir desse momento, a criança já veicula aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente, como demonstra o exemplo em (68) abaixo. Nesse exemplo, AC estava perguntando o que era o brinquedo que ela estava vendo. Defendemos que o verbo “é” esteja veiculando a noção aspectual de imperfectividade, pois a situação é enfatizada em suas fases mais internas, e a noção temporal de presente, pois o momento da fala coincide com o momento da situação e o momento de referência. Isto é, o brinquedo ao qual AC faz referência estava presente naquele momento em que ela falava (comprovando a relevância da situação no presente). As palavras sublinhadas fazem referência à morfologia que classificamos como veiculadora de aspecto gramatical imperfectivo e de tempo presente.

(68) Gravação 4 – 2;00

AC: Miná! Que é esse?

NR: Quê?

AC: Que é esse? Que é esse? Que é¹⁵ esse?

Para além desse exemplo exposto acima, apresentamos outras ocorrências da morfologia de presente simples veiculando informação aspectual gramatical de imperfeito e de tempo presente encontradas no *corpus* de AC em quatro gravações posteriores¹⁶. Os verbos “é”, “é”, “quelo” (quero) e “tem”, respectivamente nos exemplos em (69), (70), (71) e (72), usados para a descrição das situações referenciadas por AC, também veiculam as noções aspectual gramatical de imperfeito e temporal de presente, visto que há destaque para as fases internas dessas situações e simultaneidade entre o momento de fala e os momentos da situação e de referência.

(69) Gravação 5 – 2;01

NR: Vem cá, deixa eu ver o quê você fez aí. Huum, que lindo! O que quê é? Fala pra mim o que quê você fez aí.

AC: É a boia e a outra boia.

(70) Gravação 6 – 2;02

NR: Que camisa legal é essa que você tá vestindo?

AC: É o Hulk.

(71) Gravação 7 – 2;03

CM: Você quer botar o Buzz para andar com você no... no patinete? Mamãe pega Buzz. Quer?

PP: Dão!

AC: Quelo.

(72) Gravação 9 – 2;04

¹⁵ Vale ressaltar que não consideramos estas como três produções distintas daquela sublinhada na primeira linha deste excerto porque a criança estava apenas repetindo o que havia acabado de perguntar.

¹⁶ Reitera-se aqui que, embora os exemplos apresentados neste parágrafo sejam apenas de verbos de estado, o único tipo de verbo produzido por AC associado ao presente simples nas gravações empreendidas entre 2 anos e 1 mês e 2 anos e 5 meses, como demonstrado no gráfico (1) da seção anterior, ainda aos 2 anos, AC produziu a morfologia de presente simples associada a um verbo do tipo accomplishment, como demonstrado pelo exemplo em (46) da seção anterior, bem como havia produzido tal morfologia associada a verbos do tipo atividade em duas ocorrências ao 1 ano e 11 meses, como ilustrado pelo exemplo em (42) da mesma seção. Estas três ocorrências especificamente sustentam a argumentação de que, aos 2 anos, AC já havia desassociado a morfologia de presente simples do aspecto semântico do verbo.

NR: Cabelo? Igual ao seu?

PP: (risada)

AC: Neném tem cabelo.

Além das cinco produções de presente simples ilustradas nos exemplos de (68) a (72), destacamos que, entre as gravações 4 e 15 (entre 2 anos e 2 anos e 7 meses), ainda contabilizaram-se mais 73 ocorrências do presente simples na fala de AC, indicando uma estabilização dessa forma verbal como veiculadora de aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente.

Em relação à morfologia de pretérito perfeito, apresentaremos alguns exemplos de ocorrências veiculadoras de traço aspectual gramatical perfectivo e de traço temporal passado nos dados de AC a partir de 2 anos e 5 meses, quando a morfologia de pretérito perfeito já aparece associada à especificação positiva e negativa dos dois traços aspectuais semânticos propostos por Rothstein (2008). No exemplo em (73), na gravação 11, aos 2 anos e 5 meses, AC estava acusando seu irmão de ter puxado o brinquedo da mão dela. Entendemos que o verbo “puxou” expressa uma ideia de uma situação vista de fora, como um todo, independentemente de sua complexidade interna. Além disso, acreditamos que o ET está sendo representado anteriormente ao ST, visto que, ao dizer que seu irmão puxou o brinquedo de sua mão, o brinquedo já havia sido puxado. Nessa mesma gravação 11, aos 2 anos e 5 meses, consideramos que, nos exemplos em (74), (75) e (76), as produções “achei”, “caiu” e “bateu” (bateu) também revelam uma visão da situação vista de fora, sem dar ênfase às etapas internas que compõem esses eventos, e codificam uma noção temporal de passado por indicarem que o ET antecede ao ST. Assim, AC indicou que tinha achado um boneco e o evento de “achar” aconteceu antes do momento da sua fala, assim como que PP tinha caído e batido a cabeça e os eventos de “cair” e “bater” ocorreram antes do momento da fala de AC.

(73) Gravação 11 – 2;05

PP: (resmungo)

AC: Pedro puxou.

CM: Cara, deixa o Pedro brincar com a Rainha Elsa. Quem é a Rainha Elsa?

AC: Ió Elsa.

(74) Gravação 11 – 2;05

NR: O “Abu” continua aqui, né? Desde da primeira gravação tem “Abu”. “Abu” é tipo “coisa”, né, Pedro? Serve pra tudo.

AC: Eu achei.

NR: Achou esse?

(75, 76) Gravação 11 – 2;05

AC: É.

NR: Ele pisou no seu pé? Foi, meu amor?

AC: A Pedo!

NR: Foi sem querer.

AC: Pedo caiu, tateu cabeça. O Pedo caiu¹⁷ tate cabeça.

Além dessas produções, apresentamos outras ocorrências da morfologia de pretérito perfeito veiculando informação aspectual gramatical de perfectividade e temporal de passado encontradas nos dados de AC em quatro gravações consecutivas posteriores à gravação 11. Nesse sentido, nos exemplos em (77), (78), (79) e (80), respectivamente nas gravações 12, 13, 14 e 15, os verbos “foi”, “caiu”, “peguei” e “achei”, usados para a descrição das situações referenciadas por AC, também expressam as noções aspectual gramatical de perfectividade e temporal de passado, uma vez que parecem expressar uma visão das situações em sua totalidade e localizar essas situações como anteriores ao momento de fala de AC.

(77) Gravação 12 – 2;05

NR: Você quebrou?

AC: Não, foi o Fed.

NR: O PP quebrou?

AC: Foi o Fed. Foi o Fed. Foi¹⁸ o Fed.

NR: Foi o Fred?

AC: É. Mamãe, foi o totó.

(78) Gravação 13 – 2;06

¹⁷ Ressaltamos que não consideramos essa produção como uma produção distinta da produção de AC na sentença anterior porque ela estava apenas repetindo o que havia acabado de dizer.

¹⁸ Somente a ocorrência de “foi” como resposta à pergunta “você quebrou?” foi considerada, já que, nesta fala, AC só estava repetindo o que havia falado antes.

NR: Carrinho? Depois a gente monta o carrinho, vamos montar o castelo. Vamos terminar o castelo do porquinho? Vamos?

AC: (risada) Caiu roda.

(79) Gravação 14 – 2;06

NR: Ela faz barulho? Vamos dar banho na filha? Como é que dá banho na filha? A gente vai dar mamá ou vai dar banho primeiro? Cadê o mamá dela, falando nisso? Ah, tá ali. Deixa eu pegar pra você.

AC: Peguei!

NR: A mamadeira?

AC: É. Ela apeta.

(80) Gravação 15 – 2;07

AC: Achei outro chapéu do Woody.

NR: Achou o chapéu do Woody?

Além das oito produções de pretérito perfeito nos exemplos de (73) a (80), destacamos que, entre as gravações 11 e 15 (entre 2 anos e 5 meses e 2 anos e 7 meses), ainda aferiram-se outras 19 ocorrências do pretérito perfeito na fala de AC, indicando uma estabilização dessa forma verbal como veiculadora de aspecto gramatical perfectivo e tempo passado.

A seguir, demonstraremos algumas ocorrências com a morfologia de futuro do presente veiculando noção temporal de futuro a partir de 2 anos e 3 meses, quando essa morfologia emergiu já combinada à especificação positiva e negativa dos dois traços aspectuais semânticos propostos por Rothstein (2008). Na gravação 10, quando AC tinha 2 anos e 4 meses, a morfologia de futuro do presente parece estar sendo usada para localizar um evento que acontecerá após o momento de fala, como demonstra o exemplo em (81). No exemplo abaixo, entende-se que AC buscava expressar que o ET está localizado posteriormente ao ST, ou seja, ela iria dirigir o carrinho que estava brincando em um momento posterior à sua fala.

(81) Gravação 10 – 2;04

NR: Ah, botar ele aí? Bota ele para dirigir.

AC: Vou dirigir¹⁹.

Além dessa produção exemplificada acima, apresentamos outras ocorrências de morfologia do futuro do presente veiculando noção temporal de futuro nos dados de AC em quatro gravações consecutivas posteriores à gravação 10. Assim, nos exemplos em (82), (83), (84) e (85), respectivamente nas gravações 11, 12, 13 e 14, as locuções verbais “vou ver”, “vamos montar”, “vou papar” e “vai tomar”, usadas para a descrição das situações referenciadas por AC, veiculam uma informação temporal de futuro por indicarem situações que acontecerão em um momento depois do momento de fala.

(82) Gravação 11 – 2;05

AC: É. Caine. Caine. Vou ve o Nemo.

CM: Não, está na hora de papar, cara de fuinha.

AC: Vá vê a papu.

(83) Gravação 12 – 2;05

AC: É moita. Vamos mointá.

NR: Vamos montar? Vamos

(84) Gravação 13 – 2;06

AC: Eu vou papá.

NR: Ah, vai com colher?

CM: Cenoura para mim? Posso comer? Alice, vamos fazer xixi, filha.

AC: Eu vou papá.

(85) Gravação 14 – 2;06

NR: Empresta uma pro PP, AC. Tem duas. Uma pra você e outra pro PP.

AC: Ela vai tomar banho.

Além das seis produções de futuro do presente nos exemplos de (81) a (85), destacamos que, entre as gravações 11 e 15 (entre 2 anos e 5 meses e 2 anos e 7 meses), ainda

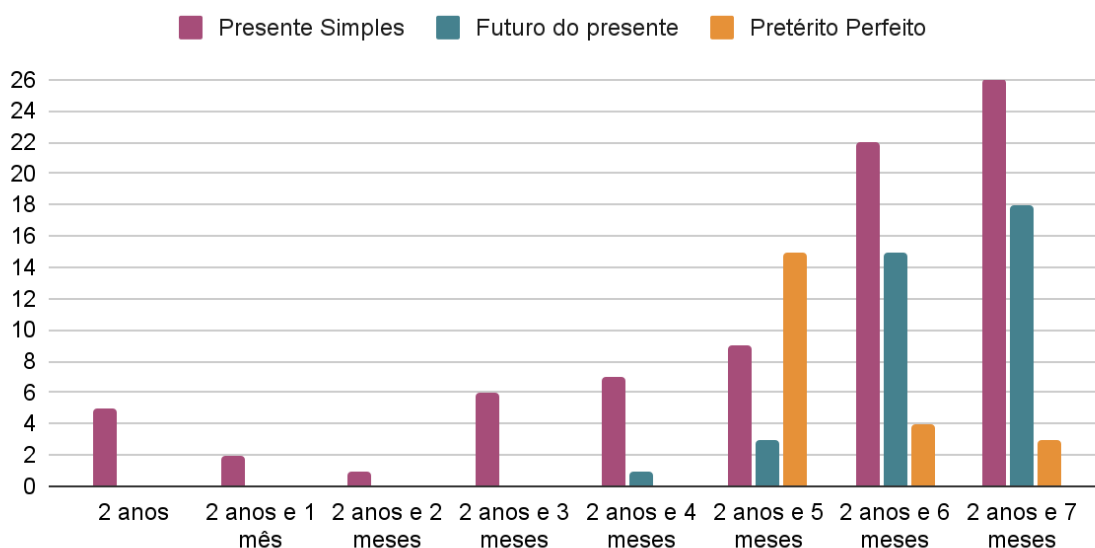
¹⁹ No que diz respeito à morfologia de futuro do presente, descreveremos exclusivamente as noções temporais considerando que não verificamos uma consensualidade na literatura acerca do aspecto veiculado por essa morfologia.

registraram-se mais 30 ocorrências dessa morfologia na fala de AC, indicando uma estabilização dessa forma verbal como veiculadora de tempo futuro.

Considerando as descrições apresentadas acima, o gráfico abaixo expressa as produções de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente que se estendem até a última análise da gravação do passado, ou seja, até 2 anos e 7 meses. Logo, para a feitura do gráfico²⁰, optamos por expandir as análises para além das 4 gravações após a emergência de cada morfologia investigada veiculando aspecto gramatical e tempo, como anunciado na página 77. Desse modo, expandimos as análises de presente simples e futuro do presente até a última análise da gravação do pretérito perfeito, ou seja, até 2 anos e 7 meses. O gráfico representado abaixo ilustra a ordem das emergências das morfologias investigadas no que diz respeito ao aspecto gramatical e tempo, bem como o quantitativo de formas verbais no presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente ao longo do período analisado.

Gráfico 4: Relação entre as morfologias veiculadoras de aspecto gramatical e tempo e a idade de AC.

RELAÇÃO ENTRE AS MORFOLOGIAS VEICULADORAS DE ASPECTO GRAMATICAL E TEMPO E A IDADE DE AC



Fonte: elaboração própria a partir dos dados de AC.

No próximo capítulo, apresentaremos as discussões empreendidas acerca da emergência dos traços aspectuais semânticos e gramaticais e temporais na gramática mental de AC.

²⁰ Nas idades 2;03, 2;04, 2;05 e 2;06 estão incorporadas duas gravações.

5 DISCUSSÃO

Neste capítulo, a discussão dos resultados descritos no capítulo anterior inicia-se pelo debate acerca das etapas iniciais da aquisição da linguagem, buscando-se identificar quais informações aspectuais semânticas motivaram a aquisição das morfologias investigadas neste estudo. Os resultados referentes a essas informações serão discutidos à luz dos traços aspectuais semânticos propostos por Rothstein (2008), como apresentado na seção 1.2 do capítulo 1 e conforme análise empreendida na seção 4.1 deste capítulo. Em seguida, discutiremos sobre a ordem da emergência dos traços aspectuais gramaticais e temporais nos dados de AC. Desse modo, trataremos das hipóteses colocadas à prova nesta dissertação acerca da aquisição das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente no PB, a saber:

(i) o emprego da morfologia de presente simples é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos,

(ii) o emprego da morfologia de pretérito perfeito é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos,

(iii) o emprego da morfologia de futuro do presente é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos;

(iv) posteriormente ao emprego das morfologias investigadas exclusivamente associadas a determinados traços aspectuais semânticos do verbo, seu uso é adequadamente feito para veicular os traços de aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente.

Assim, este capítulo é dividido em três seções: as duas primeiras destinam-se a discutir em detalhes os resultados concernentes às hipóteses postuladas para esta pesquisa e a terceira, a discutir algumas implicações dos resultados desta dissertação para a teoria linguística.

5.1 DISCUSSÃO ACERCA DA AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL À LUZ DO ASPECTO SEMÂNTICO DO VERBO

Nesta seção, analisaremos as morfologias investigadas nesta dissertação – presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente – à luz dos traços aspectuais semânticos presentes nos verbos primeiramente associados a tais morfologias. Defenderemos que essas morfologias emergem motivadas por determinados traços aspectuais semânticos apresentados por Rothstein (2008) como definidores dos tipos de verbo.

Em relação à morfologia de presente simples, observamos, como apresentado na seção 4.1 do capítulo anterior, que essa morfologia foi realizada pela primeira vez quando a criança tinha 1 ano e 11 meses com o verbo do tipo atividade e que esse mesmo tipo de verbo foi realizado uma outra vez, em gravação posterior, também na idade de 1 ano e 11 meses, antes de verificarmos tal morfologia com outro tipo de verbo na fala de AC, quando a criança tinha 2 anos de idade. Considerando a classificação de Rothstein (2008), o verbo do tipo atividade é marcado positivamente para o traço *minimal events are extended* e negativamente para o traço *event of change*. Na literatura, trabalhos como Silva; Martins; Rodrigues (2020) já propuseram que o traço *minimal events are extended* marcado positivamente seria o motivador para a aquisição da morfologia de progressivo – aquela constituída por verbo auxiliar seguido de verbo principal no gerúndio – nas fases iniciais da fala da criança adquirindo o PB. Esta dissertação não teve como objetivo investigar a morfologia de progressivo nos dados de AC. Contudo, a fim de promover uma discussão a respeito de qual informação aspectual semântica motiva a aquisição das morfologias no PB, em especial a aquisição da morfologia de presente simples por AC, confrontamos os resultados das análises das produções de morfologia de presente simples empreendidas nesta dissertação com os resultados das análises das produções de morfologia de progressivo empreendidas em Silva; Martins; Rodrigues (2020).

As primeiras produções morfológicas de progressivo de AC foram associadas, nesta ordem, a verbos dos tipos atividade e *accomplishment*, quando a criança tinha, respectivamente, 2 anos e 3 meses e 2 anos e 4 meses. Como o traço *minimal events are extended* está marcado positivamente para esses dois tipos de verbo, Silva; Martins; Rodrigues (2020) propuseram que esse traço marcado positivamente dispare o uso da morfologia de progressivo. Nesse sentido, nesta dissertação, defendemos que o traço que dispare o uso da morfologia de presente simples não seja o traço *minimal events are extended* marcado positivamente nos verbos de atividade e sim o traço *event of change* marcado negativamente nesses verbos presentes nas primeiras produções morfológicas de presente simples de AC em suas duas gravações na idade de 1 ano e 11 meses.

É relevante retomar o fato de que as primeiras produções morfológicas de AC com o presente simples, entre as idades de 1 ano e 11 meses e 2 anos, foram com dois verbos do tipo atividade, 4 do tipo estado e um único do tipo *accomplishment*. Do ponto de vista quantitativo, como demonstrado no gráfico 1 da seção 4.1 do capítulo anterior, inicialmente, AC utiliza os verbos com morfologia de presente simples sobretudo para expressar situações que não recaiam sobre um objeto a ponto de afetá-lo, ou seja, AC emprega essa morfologia

inicialmente especialmente com dois tipos de verbo com o traço *event of change* marcado negativamente: atividades e estados. Desse modo, visto que a primeira morfologia que aparece nos dados é a de presente simples – antes das morfologias de pretérito perfeito, de progressivo e de futuro do presente – e que o seu uso inicial ocorreu com verbos do tipo atividade e com uma quantidade significativa de verbos do tipo estado, ratificamos a defesa de que o traço *event of change* marcado negativamente seja aquele que dispara a produção da morfologia de presente simples e defendemos ainda que o traço *event of change* marcado negativamente seja o primeiro traço aspectual semântico a emergir na gramática mental da criança.

No que diz respeito à morfologia de pretérito perfeito, como mencionado no capítulo 2 desta dissertação, alguns estudos na literatura defendem que o traço de telicidade seja motivador para a aquisição da morfologia de perfectivo. Autores como Bloom, Lifter e Hafitz (1980) defendem que os verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*, que são marcados positivamente para o traço de telicidade, sejam os primeiros tipos de verbo aos quais a morfologia de perfectivo é inicialmente combinada na fala da criança em processo de aquisição de linguagem.

De fato, observamos que os primeiros verbos produzidos com a morfologia de pretérito perfeito nos dados analisados de AC foram do tipo *achievement* e *accomplishment*. Entretanto, propomos, neste trabalho, como já defendido em Silva; Martins; Rodrigues (2020), que o traço motivador para o uso da morfologia de pretérito perfeito seja o *event of change*, introduzido na classificação verbal proposta por Rothstein (2008), marcado positivamente.

Como apresentado na seção 1.2 do capítulo 1, existem diferentes interpretações sobre a propriedade aspectual semântica de telicidade. Vendler (1967), ainda que não tenha mencionado o termo “telicidade” explicitamente em seu texto, sugere a existência de verbos que indicam períodos de tempo que são definidos e possuem um clímax. Já Smith (1997) emprega a terminologia telicidade e entende que os eventos são télicos quando possuem um limite intrínseco e levam a uma mudança de estado. Além disso, para essa autora, telicidade é um traço aspectual semântico. Por outro lado, Rothstein (2008), a qual referenciamos nas análises feitas nesta dissertação, defende que a telicidade de uma situação descrita não obrigatoriamente implique em sua mudança de estado. Para esta autora, a telicidade é uma propriedade do VP.

Desse modo, parece não haver um consenso na literatura sobre a definição de telicidade. A proposição de Smith (1997) do traço de telicidade como aquele que, quando

marcado positivamente, especifica um evento que envolve mudança de estado aproxima-se bastante da definição de Rothstein (2008) do traço *event of change* como aquele que, quando marcado positivamente, especifica um evento que recaia sobre um objeto a ponto de afetá-lo. Assim, essa interpretação tão próxima desses traços pode ser o motivo da falta de consensualidade de qual seja a propriedade que, de fato, guie o uso inicial da morfologia de pretérito perfeito na aquisição infantil.

Os resultados das análises desta dissertação revelam que os primeiros usos da morfologia de pretérito perfeito foram feitos em verbos utilizados para designar eventos que recaíam sobre um objeto a ponto de modificá-los. A fim de confirmar nossa sugestão, retomamos as primeiras vezes em que AC produziu a morfologia de pretérito perfeito nos dados analisados com dois tipos de verbo distintos, *achievement* e *accomplishment*, apresentados nos exemplos em (52) e (55) da seção 4.1, respectivamente. A primeira produção de *achievement* foi verificada na sentença “Uou pia” (acabou a pilha), aos 2 anos e 2 meses, e a primeira produção de *accomplishment* foi verificada na sentença “Comeu uá” (comeu o ovo), aos 2 anos e 4 meses.

Retomando as análises feitas na seção 4.1, o evento descrito pelo verbo “acabar” afeta o complemento “pilha”, visto que esta passa a estar descarregada após o evento expresso pelo verbo. Nessa mesma perspectiva, o evento descrito pelo verbo “comer” afeta o complemento “ovo”, uma vez que o ovo tem sua forma alterada e suprimida na medida em que é comido.

Conforme demonstrado na seção 4.1 e resumido no gráfico 2 daquela seção, as primeiras morfologias de pretérito perfeito, entre 2 anos e 2 meses e 2 anos e 4 meses, foram associadas somente a verbos com o traço *event of change* marcado positivamente. Por isso, defendemos que esse traço aspectual semântico seja motivador para o uso dessa morfologia nas fases iniciais da aquisição de linguagem. E, associado a essa proposta, bem como fizemos em Silva; Martins; Rodrigues (2020), defendemos que a telicidade seja uma propriedade do VP, e não um traço inerente ao verbo.

Por fim, no tocante à morfologia de futuro do presente, observamos que as primeiras realizações com essa morfologia ocorreram aos 2 anos e 3 meses, na gravação 7, como exposto na seção 4.1 desta dissertação. Os primeiros verbos produzidos, ambos na mesma gravação, foram do tipo atividade e *achievement*. O verbo do tipo atividade, como apresentado, é marcado positivamente para o traço *minimal events are extended* e negativamente para o traço *event of change*, enquanto o verbo do tipo *achievement* é marcado negativamente para o traço *minimal events are extended* e positivamente para o traço *event of change*. Desse modo, especulamos que a morfologia de futuro do presente talvez não emergja

motivada por um traço aspectual semântico. Defendemos essa ideia considerando as seguintes informações aprofundadas no próximo parágrafo: (i) a morfologia de futuro do presente já emerge associada a verbos cujos traços aspectuais semânticos são especificados de maneira oposta e (ii) a morfologia de futuro do presente é a última a emergir na fala da criança.

Em relação à primeira informação apresentada acima, ratifica-se que a morfologia de futuro do presente aparece pela primeira vez na gravação 7, quando AC tinha 2 anos e 3 meses, já associada a verbos dos tipos atividade e *achievement*. Esses verbos, como posto no parágrafo anterior, possuem os traços aspectuais semânticos especificados de forma oposta, isto é, enquanto o traço *minimal events are extended* é marcado positivamente para o verbo do tipo atividade, esse mesmo traço é marcado negativamente para o verbo do tipo *achievement*, e enquanto o traço *event of change* é marcado negativamente para o verbo do tipo atividade, esse mesmo traço é marcado positivamente para o verbo do tipo *achievement*. Logo, a morfologia de futuro do presente não surge na produção infantil restrita a um traço aspectual semântico único e específico.

Já em relação à segunda informação apresentada dois parágrafos acima, destaca-se que a morfologia de futuro do presente emerge aos 2 anos e 3 meses, posteriormente, portanto, à emergência das outras duas morfologias investigadas neste estudo: o presente simples, que foi empregado pela primeira vez ao 1 ano e 11 meses, e o pretérito perfeito, que foi empregado pela primeira vez aos 2 anos e 2 meses. Logo, sendo o futuro do presente a última morfologia a emergir, acredita-se que o emprego prévio das demais morfologias associadas aos diferentes traços aspectuais semânticos seja um indício de que esses diferentes traços e suas respectivas marcações positivas e negativas tenham sido já plenamente adquiridos e consolidados na gramática mental da criança, de modo que o uso das morfologias verbais passou, a partir de então, a não ser resultante puramente de traços aspectuais semânticos do verbo. Desse modo, argumentamos que o emprego da morfologia de futuro do presente, diferentemente do uso das morfologias de presente simples e de pretérito perfeito, no início do processo de aquisição do PB não seja motivado por traços aspectuais semânticos.

Nesse sentido, verificamos que os resultados, de modo geral, vão na direção do que é proposto pela Hipótese da Primazia do Aspecto (HPA) de Andersen; Shirai (1996), uma vez que argumentamos que a aquisição das morfologias de presente simples e de pretérito perfeito é motivada pelo aspecto semântico dos verbos. Todavia, tal hipótese foi formulada por aqueles autores utilizando-se os tipos de verbo classificados com base em propriedades

aspectuais semânticas diferentes das que são utilizadas nesta dissertação para a classificação dos verbos. A partir de uma proposta de traços aspectuais semânticos mais recente, defendemos que os traços descritos em Rothstein (2008) sejam os motivadores das produções iniciais das morfologias no processo de aquisição. Isto é, enquanto, na HPA, traços como os de estatividade, duratividade e telicidade parecem ser aqueles levados em consideração na classificação verbal e, portanto, aqueles que disparariam o uso das diferentes morfologias verbais na gramática infantil, nesta pesquisa, defende-se que os traços *event of change* e *minimal events are extended*, propostos em Rothstein (2008), sejam aqueles a serem considerados na classificação verbal por serem estes os motivadores da aquisição das diferentes morfologias verbais.

Por fim, a aquisição da morfologia de presente simples não é tratada pela HPA de forma clara. Nessa hipótese, menciona-se apenas sobre a aquisição da marcação de imperfeito dos verbos, porém, trata-se da emergência da morfologia de imperfeito – na qual se enquadraria a realização do presente simples – ao se destacar línguas em que há distinções morfológicas entre perfectivo e imperfeito, propondo-se a ordem da emergência dessas distinções associadas ao passado²¹. Entendemos, assim, que não há uma postulação consolidada sobre a morfologia de presente simples na HPA. Nesse sentido, sustentamos, a partir dos resultados e das análises deste estudo, que a morfologia de presente simples também seja incluída entre aquelas que emergem motivadas pelo aspecto semântico do verbo. Mais especificamente, defendemos que seja o traço *event of change* marcado negativamente que dispare o uso dessa morfologia.

Desse modo, os resultados desta dissertação mostram que os usos das morfologias de pretérito perfeito e de presente simples seriam justamente motivados pela oposição, em termos de marcação, de um mesmo traço aspectual semântico: *event of change*. Em outras palavras, a criança parece estar focalizando o afetamento ou não do objeto sobre o qual recai o evento denotado pelo verbo para usar as morfologias, respectivamente, de pretérito perfeito e de presente simples. O quadro 3 abaixo demonstra os traços aspectuais dessas duas morfologias, bem como a morfologia de progressivo, com base em Silva; Martins; Rodrigues (2020). Não se inclui no quadro a seguir a morfologia de futuro do presente por o uso desta não ter sido motivado por traços aspectuais semânticos dos verbos.

²¹ No texto em questão, lê-se o seguinte: “Em línguas que codificam a distinção perfectivo-imperfeito, o passado imperfeito aparece depois do passado perfectivo, e a marcação do imperfeito inicia-se com verbos de estado e atividade, somente depois se estendendo a *accomplishments* e *achievements*” (ANDERSEN; SHIRAI, 1996, p. 533, tradução nossa).

Quadro 3: Traços aspectuais semânticos motivadores de cada morfologia verbal

MORFOLOGIAS VERBAIS	TRAÇO ASPECTUAL SEMÂNTICO MOTIVADOR
Presente simples	[- <i>event of change</i>]
Pretérito perfeito	[+ <i>event of change</i>]
Progressivo	[+ <i>minimal events are extended</i>]

Fonte: elaboração própria.

Nesse sentido, concluímos esta seção afirmando que não pudemos refutar as duas primeiras hipóteses desta dissertação, em que se postulava que, em fases iniciais de aquisição do PB, a aquisição das morfologias de presente simples e pretérito perfeito são guiadas por traços aspectuais semânticos do verbo. Contudo, refutamos a terceira hipótese desta dissertação, em que se postulava que, em fases iniciais de aquisição do PB, a aquisição da morfologia de futuro do presente é guiada por traços aspectuais semânticos do verbo.

Na seção a seguir, são propostas análises e discussões acerca dos resultados em relação ao aspecto gramatical e Tempo no PB.

5.2 DISCUSSÃO ACERCA DA AQUISIÇÃO DA MORFOLOGIA VERBAL À LUZ DO ASPECTO GRAMATICAL E DO TEMPO DO VERBO

A fim de verificar se o traço aspectual gramatical emerge antes do traço temporal ou vice-versa, realizamos uma análise qualitativa dos dados, observando as ocorrências das morfologias investigadas após a criança ter produzido tais morfologias associadas aos dois traços aspectuais semânticos propostos por Rothstein (2008), tanto especificados positiva como negativamente. Interpretamos que o momento de ampla utilização de uma dada morfologia verbal com os diferentes traços aspectuais semânticos sinalizaria que os usos dessa morfologia não estariam mais codificando apenas informações aspectuais semânticas. Assim, o objetivo dessa análise qualitativa a partir desse momento da aquisição de AC era perceber qual traço linguístico – temporal ou aspectual gramatical – era mais saliente nas produções verbais da criança e, possivelmente, aquele primeiramente adquirido por ela. Contudo, não foi possível atestar se as produções na fala da criança codificavam apenas informações aspectuais gramaticais ou informações temporais. Isto é, não nos pareceu

possível dissociar o aspecto gramatical de Tempo nas produções da criança quando ela já tinha superado a associação estabelecida entre a morfologia verbal e o aspecto semântico.

Desse modo, os dados não nos permitem afirmar se a aquisição dos traços de aspecto gramatical aconteceu antes da aquisição dos traços de Tempo ou vice-versa. Entretanto, os resultados das análises empreendidas nesta dissertação nos permitem defender que: (i) em termos de aquisição do aspecto gramatical, a emergência do traço imperfectivo ocorre antes da emergência do traço perfectivo e (ii) em termos de aquisição do Tempo, a emergência do traço de presente ocorre antes da emergência do traço de passado. Essas duas defesas parecem ir ao encontro do que foi proposto em Weist (1986), como retomamos a seguir.

Como revisado na seção 2.3 do capítulo 2 desta dissertação, Weist (1986) sugere que a aquisição das noções temporais tenha relação com a capacidade do falante em estabelecer uma relação entre o *speech time* (ST), o *event time* (ET) e o *reference time* (RT). De modo geral, esse autor propõe quatro fases durante o processo de aquisição do sistema temporal. A primeira fase é justamente o momento em que a criança compreende o sistema do momento da fala, em que ET coincide com ST e RT, sendo, portanto, a primeira noção temporal a do “aqui” e “agora” (ST = ET = RT). Sendo assim, segundo a proposta de Weist (1986), espera-se primeiramente a consolidação do uso do presente simples, o qual veicula aspecto imperfectivo e Tempo presente.

Essa proposta pode ser confirmada a partir dos resultados desta pesquisa, visto que a morfologia de presente simples aparece primeiramente dissociada de aspecto semântico na fala da criança aos 2 anos, enquanto a morfologia de futuro do presente emerge dissociada de aspecto semântico somente aos 2 anos e 3 meses e a de pretérito perfeito, somente aos 2 anos e 5 meses.

Nessa perspectiva, no que diz respeito à ordem de emergência dos traços temporais de presente, passado e futuro, obtivemos resultados não tão esperados da nossa perspectiva. Observamos que a dissociação dos traços aspectuais semânticos da morfologia de futuro do presente ocorreu antes da dissociação desses traços da morfologia de pretérito perfeito. Sendo assim, os dados revelam que a aquisição dos traços temporais acontece nesta ordem: presente, futuro e passado. No entanto, os resultados, de modo geral, vão na direção ao trabalho de Weist (1986), que defende que o primeiro sistema temporal que emerge é o de presente e depois há uma separação do ET do ST. Isto é, a criança, após produzir traços temporais de presente, tanto começa a expressar relações de posterioridade como de anterioridade do evento em relação ao momento da fala.

Nesse contexto, o que podemos constatar é que a informação aspectual gramatical de imperfectividade emerge anteriormente da de perfectividade nos dados de AC. Os dados de produção nos permitiram investigar os verbos empregados com cada morfologia estudada e, de forma indireta, considerando a análise do contexto em que a sentença foi produzida, a compreensão pela criança da forma verbal quanto ao Tempo e ao aspecto gramatical veiculados por aquela forma verbal. Todavia, nossa pesquisa não contou com testes de compreensão, que nos permitiriam aferir, de modo mais minucioso, se a criança, em dado momento, compreende a morfologia como veiculadora de um dado Tempo ou aspecto gramatical.

Assim, não foi possível refutar a quarta hipótese desta dissertação, em que se postulou que, na aquisição das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro no presente no PB, depois que as morfologias verbais fossem associadas a certos traços aspectuais semânticos, seu uso seria adequadamente feito para veicular os traços de aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente.

5.3 DISCUSSÃO ACERCA DAS IMPLICAÇÕES PARA A TEORIA LINGUÍSTICA

Frente ao que foi argumentado até aqui nesta dissertação, apresentamos outras reflexões no que diz respeito ao traço aspectual semântico motivador para o uso das morfologias verbais no início da aquisição de linguagem e aos traços semânticos utilizados para as classificações verbais.

Como defendemos na seção 5.1, o traço aspectual semântico *event of change* seria o motivador para o uso da morfologia de pretérito perfeito nas fases iniciais da aquisição de linguagem e telicidade seria uma propriedade do VP. Nesse sentido, o traço *event of change* poderia estar marcado positivamente em um verbo que denota um evento atélico em uma dada sentença e disparar a produção inicial da morfologia de pretérito perfeito. Um exemplo disso poderia ser observado em um diálogo em que se pergunte à criança “O que você fez na casa da vovó hoje?” e ela responda “Comi”, significando que “comeu frutas ou comidas no geral” e não “uma fruta ou uma comida específica”. Neste caso, tem-se uma sentença atélica realizada por um verbo com o traço *event of change* marcado positivamente. A verificação de uma realização como essa no início da produção linguística infantil, portanto, contribuiria para a sustentação da argumentação empreendida nesta dissertação.

Lessa (2019) avalia a Hipótese da Primazia do Aspecto em um estudo duplo de caso com duas crianças, uma em fase de aquisição do português e outra do inglês. Os resultados das análises da autora também indicam que a telicidade não seja um traço inerente ao verbo, mas uma propriedade do VP. Assim, o uso inicial da morfologia de pretérito perfeito não seria motivado pela telicidade, bem como propomos nesta dissertação.

Contudo, revisamos os dados de fala das crianças investigadas por Lessa (2019) e observamos que todas as produções com morfologia de pretérito perfeito realizadas pela criança A têm o traço *event of change* marcado positivamente, mas uma das produções da criança B não possui esse traço marcado positivamente, como demonstra o quadro abaixo, extraído de Lessa (2019, p.5):

Quadro 4: Dados de marcação perfectiva em Lessa (2019).

Criança:	A (1;6-1;10)	B (1;8-2;2)
Atividade		
<i>Accomplishment</i>		
<i>Achievement</i>	<i>fell, throwed, found</i>	pulou, rasgou, acabou, caiu, dormiu

Fonte: extraído de Lessa (2019, p.5)

Os verbos “*fell*” (caiu), “*throwed*” (jogou) e “*found*” (achou) produzidos pela criança A têm o traço *event of change* marcado positivamente. Por outro lado, ainda que os verbos “rasgou”, “acabou”, “caiu” e “dormiu” produzidos pela criança B tenham igualmente esse traço marcado positivamente, um dos verbos produzidos por essa criança, o verbo “pular”, tem o traço *event of change* marcado negativamente. Como está representado no quadro, “pular” é um verbo do tipo *achievement*, sendo, na interpretação de Lessa (2019), em uma classificação que considerada o traço de telicidade como definidor desse tipo de verbo, como proposto por Smith (1997), classificado como um verbo télico. Assim, em uma análise verbal como a empreendida por Smith (1997), o evento em “pular” possui um ponto final inerente ([+télico]), mas, em uma classificação como a empreendida por Rothstein (2008), esse evento não recai sobre um complemento a ponto de afetá-lo ([-*minimal events are extended*]).

Ferreira Filho (2022) propõe um traço para a classificação verbal que não é previsto pelas autoras Smith (1997) e Rothstein (2008). Esse autor propõe a classificação verbal à luz do traço [+/-produto], que indica se uma situação gera um produto, seja físico ou

conceptual²². Isto é, se uma situação tem um ponto final inerente, como nos eventos télicos de Smith (1997), ela produziria um produto físico ou conceptual quando esse final fosse alcançado. Analogamente, se uma situação leva a uma mudança de estado, como no caso das situações veiculadas por verbos com o traço *event of change* de Rothstein (2008) marcado positivamente, essa situação também geraria um produto. Desse modo, o traço proposto por Ferreira Filho (2022) acomodaria as seguintes situações:

(i) [+télico] e [+*event of change*], como o verbo “rasgou” produzido pela criança B no quadro 4 acima, que remete a um evento que tem um ponto final inerente, ou seja, há um momento para que o evento em “rasgar” termine, e em que há um afetamento do objeto sobre o qual recai o evento, uma vez que o material que é rasgado passa a ter sua forma alterada a partir desse evento;

(ii) [+télico] e [-*event of change*], como o verbo “pulou” produzido pela criança B no quadro 4 acima, que remete a um evento que tem um ponto final delimitado, mas em que não há um objeto afetado pelo evento, já que este não recai sobre algo de modo a alterar seu estado;

(iii) [-télico] e [+*event of change*], como o verbo “comi” no contexto exemplificado no segundo parágrafo desta seção, que não foi produzido pelas crianças A e B no quadro 4 acima, mas que especulamos a possibilidade de ser produzido com a morfologia de pretérito perfeito nas fases iniciais de aquisição.

Nessa perspectiva, fomentamos uma nova reflexão no que diz respeito ao traço aspectual semântico motivador do emprego das morfologias verbais no início do processo de aquisição: a morfologia de pretérito perfeito emergiria motivada pelo traço [+*event of change*] ou [+produto]? Isto é, seria possível que as crianças associassem primeiramente a morfologia de pretérito perfeito não à informação aspectual semântica de mudança de estado veiculada pelo traço [+*event of change*] dos verbos – como argumentamos até então nesta dissertação – e sim à informação de geração de um produto a partir de uma situação veiculada pelo traço [+produto] dos verbos? Assim, nas fases iniciais da aquisição, a criança poderia combinar a morfologia de pretérito perfeito com verbos com o traço [+*event of change*] empregado mesmo em eventos que fossem atélicos, bem como poderia combinar essa morfologia com verbos com o traço [-*event of change*] desde que empregados em eventos

²² Na proposta do autor, o traço [+/-produto] parece ser resultante de uma composicionalidade aspectual. Têm-se os seguintes exemplos: (a) em uma sentença como “João correu um quilômetro” (analisada como télica com um verbo [-*event of change*]), teríamos o traço [+produto]; (b) em uma sentença como “João comeu maçãs” (analisada como atélica com um verbo [+*event of change*]), teríamos o traço [+produto]; e (c) em uma sentença como “João correu pela praia” (analisada como atélica e com um verbo [-*event of change*]), teríamos o traço [-produto].

télicos, já que, em ambos os casos, os verbos teriam o traço [+produto]. Além disso, seria possível postular que, somente após essas fases iniciais da aquisição, a criança produziria verbos com o traço [-produto], como em “João correu pela praia”, associado à morfologia de pretérito perfeito?

Certamente, trabalhos futuros que se propusessem a verificar a possibilidade de emergência da morfologia de pretérito perfeito nas fases iniciais da produção infantil motivada pelo traço [+/-produto] contribuiriam para ampliar as discussões acerca da Hipótese da Primazia do Aspecto e dos traços aspectuais semânticos que disparam o uso das morfologias verbais no início da aquisição da linguagem. A princípio, no que diz respeito aos resultados desta dissertação, sabemos que a emergência da morfologia de pretérito perfeito na fala de AC poderia ser explicada pelo traço [+produto] dos verbos, uma vez que argumentamos que a emergência desse traço foi motivada pelo traço [+*event of change*], o que implica no traço [+produto] tal como concebido por Ferreira Filho (2022). Além disso, observamos que a emergência da morfologia de pretérito perfeito na fala das crianças A e B investigadas por Lessa (2019) poderia ser igualmente explicada pelo traço [+produto] dos verbos, uma vez que todos os eventos codificados pelas crianças com essa morfologia eram télicos, o que também implica no traço [+produto] proposto por Ferreira Filho (2022).

Sendo assim, a proposta de Ferreira Filho (2022) talvez dê conta de explicar o uso da morfologia de pretérito perfeito em “pulou” pela criança B analisada por Lessa (2019), que não poderia ser explicado à luz do que defendemos nesta dissertação pelo fato de esse verbo ter o traço *event of change* marcado negativamente. Contudo, destacamos que a proposta de Ferreira Filho (2022) parece implicar que a marcação do traço [+/-produto] seja resultante de uma análise composicional da sentença²³, o que entendemos como uma desvantagem da adoção desse traço como um motivador para o emprego da morfologia de pretérito perfeito, já que, como defende Lessa (2019) acerca da telicidade, a aquisição de fenômenos derivados da composicionalidade aspectual parece ser mais tardia no processo de desenvolvimento linguístico.

Por fim, destacamos que as discussões acerca dos traços aspectuais semânticos que disparam os usos das morfologias verbais no início da aquisição de linguagem acabam por ensejar discussões acerca dos traços aspectuais semânticos que caracterizam os verbos e balizam as classificações verbais. Logo, acreditamos que as reflexões que procuramos empreender nesta seção a partir do confronto entre [+*event of change*], [+télico] e [+produto],

²³ Ver nota de rodapé 19.

ainda que não sejam na direção de estabelecer em definitivo os traços caracterizadores dos tipos de verbo, abrem espaço para novas pesquisas que tratem de aspecto semântico e de classificação verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo investigar a aquisição das morfologias verbais no português brasileiro baseando-se na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Mais especificamente, investigaram-se as morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente com a finalidade de entender quais traços temporo-aspectuais guiam o uso dessas morfologias e são veiculados por elas nas primeiras fases da aquisição de linguagem. Buscaram-se, especificamente, analisar a emergência das morfologias de presente simples, pretérito perfeito e futuro do presente na produção de uma criança adquirindo o PB e investigar (i) se todas essas morfologias emergem motivadas por um determinado traço aspectual semântico e, se sim, qual seria ele, (ii) qual o traço aspectual gramatical é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias e (iii) qual o traço temporal é inicialmente veiculado adequadamente por essas morfologias. (i) se todas essas morfologias emergiriam motivadas por um determinado traço aspectual semântico e, em caso positivo, qual seria esse traço, (ii) qual o traço aspectual gramatical essas morfologias inicialmente veiculariam e (iii) qual o traço temporal essas morfologias inicialmente veiculariam.

Quatro hipóteses foram postuladas para esta dissertação, a saber: (i) o emprego da morfologia de presente simples é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos, (ii) o emprego da morfologia de pretérito perfeito é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos, (iii) o emprego da morfologia de futuro do presente é primeiramente motivado por traços aspectuais semânticos e (iv) posteriormente ao emprego das morfologias investigadas exclusivamente associadas a determinados traços aspectuais semânticos do verbo, seu uso é adequadamente feito para veicular os traços de aspecto gramatical imperfectivo e tempo presente.

A metodologia elaborada para esta dissertação consistiu em um estudo de caso de caráter longitudinal a partir de dados secundários extraídos de Rodrigues (2019). A criança informante da amostra de dados utilizada, AC, é do sexo feminino e reside na cidade do Rio de Janeiro. As análises focalizaram a produção linguística referente à expressão dos traços de Tempo e Aspecto – semântico e gramatical – nos estágios iniciais do processo de aquisição de linguagem. AC foi acompanhada entre os anos de 2016 e 2018, quando tinha entre 1 ano e 11 meses e 3 anos e 8 meses, tendo sido relevantes para esta pesquisa os dados obtidos entre 1 ano e 11 meses e 2 anos e 8 meses.

As análises dos traços aspectuais semânticos presentes nas produções verbais de AC empregadas com as morfologias investigadas neste estudo foram feitas, inicialmente, à luz dos traços propostos por Rothstein (2008) para classificar os tipos de verbo. Essas análises revelaram que o traço aspectual semântico que motiva o emprego da morfologia de presente simples no início do processo de aquisição é o [-*event of change*], que é o primeiro traço aspectual semântico a se consolidar na gramática mental da criança. Os resultados também revelaram que o traço que motiva o uso da morfologia de pretérito perfeito no início do processo de aquisição parece ser o [+*event of change*]. Em relação à investigação do traço aspectual semântico motivador do emprego da morfologia de futuro do presente no início do processo de aquisição, concluímos que esta não parece emergir guiada por traços aspectuais semânticos do verbo. Desse modo, a primeira hipótese deste estudo não pôde ser refutada. Destacamos, contudo, que a não refutação da hipótese deu-se em função da motivação aspectual semântica para o emprego apenas das morfologias de presente simples e de pretérito perfeito.

Diante desses resultados, discutiu-se que, de maneira geral, os resultados desta pesquisa vão ao encontro de hipóteses segundo as quais os usos das morfologias verbais no início do processo de aquisição de linguagem são motivados pelo aspecto semântico do verbo, como foi proposto na Hipótese da Primazia do Aspecto (ANDERSEN; SHIRAI, 1996). Contudo, nesta pesquisa, defendemos, diferentemente de outros estudos que investigaram a aquisição morfológica no PB motivada por propriedades aspectuais semânticas (LESSA, 2015; ARAÚJO, 2015), que o traço motivador para a aquisição das morfologias de presente simples e de pretérito perfeito é aquele proposto por Rothstein (2008), o traço [+/-*event of change*], com sua marcação, respectivamente, negativa e positiva. Discutiu-se, sobretudo, que, apesar de o traço *event of change* se aproximar da definição de telicidade, existem diferenças significativas entre esses, como o fato de telicidade ter, necessariamente, um ponto final intrínseco ao evento (SMITH, 1997).

Os resultados não nos permitiram dissociar o aspecto gramatical de Tempo e, por isso, a segunda hipótese não pôde ser inteiramente verificada. Apesar disso, os resultados indicaram que: i) o traço aspectual gramatical de imperfectividade é adquirido anteriormente ao traço de perfectividade e; ii) que a primeira informação temporal que emergiu na fala da criança, de fato, foi a de presente. Assim, a terceira hipótese desta dissertação também não pôde ser refutada.

Por fim, considerou-se a necessidade de testes de compreensão para aferir os resultados concernentes à morfologia de futuro do presente, bem como para revelar se são os

traços aspectuais gramaticais ou temporais que emergem primeiramente na gramática infantil, após a consolidação dos traços aspectuais semânticos.

Como passos futuros, acredita-se que é possível desenvolver um estudo comparativo da aquisição de diferentes línguas e a partir de dados de um maior número de crianças, uma vez que, nesta dissertação, investigou-se a aquisição de traços temporais e aspectuais apenas por meio de dados de fala do PB de uma única criança adquirindo o PB. Acredita-se também que uma análise que leve em conta as produções de advérbios temporo-aspectuais, e não apenas de morfologias verbais, possa trazer mais contribuições para o entendimento da aquisição de Tempo e Aspecto.

De modo geral, acreditamos que este trabalho tenha contribuído para a promoção de discussões teóricas sobre as categorias linguísticas de tempo e aspecto e para as pesquisas em aquisição de Tempo e Aspecto. No que concerne estas pesquisas especificamente, este trabalho trouxe duas contribuições relevantes para a literatura. A primeira delas diz respeito a uma maior compreensão acerca da ordem em que as diferentes informações aspectuais e temporais são adquiridas na gramática infantil, como a aquisição primeiramente do traço aspectual semântico [*-event of change*], do traço aspectual gramatical [*-perfectivo*] e do traço temporal [*-passado*]. A segunda diz respeito à contribuição para o que entendemos ser uma maior precisão na descrição dos traços aspectuais semânticos que guiam o uso das morfologias verbais, como o traço [*+/-event of change*] guiando a aquisição das morfologias de presente – em sua especificação negativa – e de pretérito perfeito – em sua especificação positiva.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A.J. **Usos e Abusos dos Estudos de Caso**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

ANDERSEN, R.; SHIRAI, Y. **The primacy of spect in first and second language acquisition: the pidgin- creole connection**. In: RITCHIE, W.C.; BHATIA, T.K. (Eds.) Handbook of second language acquisition. California: Academic Press, 1996. p. 527 - 560.

ANTINUCCI, F; MILLER, R. **How children talk about what happened**. Journal of Child Language, Cambridge, v. 3, n. 2, p. 169 - 189, 1976. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0305000900001434>

ARAÚJO, T.S.N. **Aquisição de aspecto no português brasileiro**. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

BELLETTI, A. **Generalized Verb Movement: Aspects of Verb Syntax**. Torino: Rosenberg et Sellier.1990.

BLOOM, L., LIFTER, K.; HAFITZ J. **Semantics of verbs and the development of verb inflection in child language**. Language, Nova Iorque, v.56, p. 386 - 412, 1980.

BONA, C. **A Aquisição de uma língua e os argumentos acerca da existência de um período crítico**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 233-246, jul. dez. 2013.

BORER, H. **Parameter Syntax: Case studies in semitic and Romance languages**. Dordrecht: Foris Publications.1984.

BORER, H and K. WEXLER: 1984. **The maturation of syntax**, Paper presented to the Amherst Symposium on Language Acquisition. May, 1984.

BRONCKART, J. P.; SINCLAIR, H. **Time, Tense and Aspect**. Cognition, v. 2, p.107 - 130, 1973. DOI: [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(72\)90032-7](https://doi.org/10.1016/0010-0277(72)90032-7)

CHOMSKY, N. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, N. **Review of Skinner**. *Language*, 35. pp. 26-58. 1959.

CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT, 1965

COMRIE, B. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

CURTISS, S., D. Kempler, and J. Yamada. 1981. **The relationship between language and cognition in development: Theoretical framework and research design**. *UCLA Working Papers in Cognitive Linguistics* 3:1–60.

DEL RÉ, Alessandra. **A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática**. In _____. (Org.). *Aquisição da linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006.

DOWTY, D. **Word meaning and montague semantics: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

EISENHARDT, K. M. **Building theories form case study research**. *Academy of Management Review*. New York, New York, v. 14 n. 4, 1989.

EMONDS, J. **A transformation approach to syntax**. Nova Iorque: Academic Press, 1976.

FERREIRA, V. A. F. **Relação entre aspecto gramatical e semântico na expressão do perfect: um estudo comparativo entre o português do Brasil e o francês da França**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022. (Comunicação oral)

FODOR, J.: **El lenguaje del pensamiento Madrid**: Morata, 1986. (V.O.1976).

GOMES, J, C, S. **O comprometimento do aspecto perfect na doença de Alzheimer.** Rio de Janeiro, 2020. 202f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GROLLA, E; FIGUEIREDO SILVA, M.C. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem.** São Paulo: Contexto, 2014.

GUILFOYLLE, E.; NOONAN, M. **Functional categories and language acquisition.** Canadian Journal of linguistics/ Revue Canadienne de linguistique, Cambridge, v.37, n.2, p.241-72,1992.

HADDAD, N. **Metodologia de estudos em ciências da saúde.** 1st ed. São Paulo: Roca, 2004.

HYAMS, N. **The underspecification of functional categories in early grammar.** In: CLAHSEN, H. Generative perspectives on language acquisition: Empirical Findings, Theoretical Considerations and Crosslinguistic Comparisons. Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 91-128.

KELLER, F. S. E Schoenfeld, W. N. (1970). **Princípios de Psicologia.** São Paulo: Herder e EDUSP.

LENNEBERG, E. H. **Biological foundations of language.** New York: Wiley. 1967.

LESSA, A.T.M. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem.** 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

LESSA, A. **A hipótese da primazia do aspecto e telicidade: um estudo de caso duplo.** Letrônica, 12(2), e32465. <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2019.2.32465>. 2019.

LI, P; SHIRAI, Y. **The acquisition of lexical and grammatical aspect.** New York: Mouton de Gruyter, 2000.

LOPES, R.V. **Uma proposta minimalista para o processo de aquisição da linguagem: relações locais.** Tese de Doutorado. van Gelderen, 1999.

LUST, B. **Universal Grammar: The Strong Continuity Hypothesis in First Language Acquisition.** In T. Bhatia e W. Ritchie (eds.), *Handbook of Language Acquisition*. San Diego: Academic Press: 111-155, 1999.

MARTINS, A. **Conhecimento linguístico de aspecto no português do Brasil.** 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MEISEL, J. **Getting FAT: Finiteness, Agreement and Tense in Early Grammars.** In: MEISEL, J. (Ed.) *Bilingual First Language Acquisition: French and German Grammatical Development*. Amsterdam: John Benjamins Publ. Co.1994.

MOREIRA, S. G. S. **Aquisição do aspecto imperfectivo contínuo no tempo presente por falantes do português do Brasil/L1 aprendizes do francês/L2.** 2020. 116f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NEVES, T. **A aquisição do aspecto progressivo no português do Brasil.** In: **33ª Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural da UFRJ.** Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.

OSGOOD, CE . **Dimensionality of the semantic space for communication via facial expressions.** *Scandinavian Journal of Psychology.* 7,1-30, 1966a.

OUHALLA, J. **Functional categories and parametric variation.** London: Routledge, 1991.

PIERCE, A. **Language Acquisition and Syntactic Theory: A Comparative Analysis of French and English Child Grammars.** Dordrecht: Kluwer, 1992.

PINKER, S. **Language learnability and language development.** Cambridge: Harvard University Press, 1984.

PINKER, S. **Why the child holds the baby rabbit: a case study in language acquisition.** In: GLEITMAN, L.R.; LIBERMAN, M. (eds.). *An Invitation to Cognitive Science: Language.* Cambridge: MIT Press, 1995. p.107-33.

POLLOCK, J. **Verb movement, universal grammar and the structure of IP.** *Linguistic Inquiry*, Massachusetts, v. 20, p. 365-424. 1989.

PURVES, W.K. et al. *Vida: A Ciência da Biologia.* 6.ed. Editora Artmed, 2005. v.2

RADFORD, A. **Small Children's Small Clauses.** *Bangor Research Papers in Linguistics*, 1, 1-38, 1986.

RADFORD, A. **Transformational Grammar: A First Course.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

RADFORD, A. **Syntactic theory and the acquisition of English syntax: the nature of early child grammars of English.** Oxford: Blackwell, 1990.

REBOUÇAS, E. S. **A realização morfosintática do aspecto perfect por falantes bilíngues de espanhol e inglês de Porto Rico.** Rio de Janeiro, 2021. 274f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logic.** New York: The Macmillan Company, 1947.

RODRIGUES, N. P. S. **Aquisição de perfect no português do Brasil.** 2019. 137f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

ROSA, M.C. *Introdução a (bio)linguística: Linguagem e mente.* São Paulo: Contexto, 2010.

ROTHSTEIN, S. **Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect.** Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2008. 453p.

SANTANA, A. P. **Idade Crítica para aquisição da linguagem.** São Paulo: Distúrbios da Comunicação, 2004. p. 343- 354.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Lingüística Geral.** Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 28.ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, M.C.S. **A realização morfológica aspectual em verbos prolongáveis temporalmente e de mudança de estado: dados de aquisição do português do Brasil.** Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/ Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.

SOARES, Maria Vilani. **Aquisição da linguagem segundo a Psicologia Interacionista: três abordagens.** In: Revista Gatilho. Ano II: V 4,Set. 2006. Juiz de Fora/MG: UFJF, 2006. Disponível em < <http://www.ufjf.br/revistagatilho/edicoes-antiores/ano-ii-volume-4-setembro-2006/> > Acesso em 05 jun 2018.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior.** New Jersey: Prentice Hall, 1957.

SMITH, C. **The acquisition of time talk: relations between child and adult grammars.** Journal of Child Language, Cambridge, v.7, p. 263-278, 1980.

SMITH, C. **The parameter of aspect.** Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.

GRICE, H.P. **Logic and Conversation.** In: P. Cole and J. Morgan (ed.), Pragmatics (Syntax and Semantics), vol. 9, Nova York: Academic Press, 1975.

TSIMPLI,Ianthi-Maria. **On the maturation of functional categories: early child speech.** UCL Working Papers in Linguistics, v. 3, p. 126, 1991.

VENDLER, Z. **Linguistics in Philosophy.** Ithaca: Cornell, 1967.

VENTURA, M.M. **O Estudo de Caso como Modalidade de Pesquisa.** Rev SOCERJ, Rio de Janeiro, v.20, n.5, p.383-86, 2007.

WEXLER, K. **The development of inflexion in a biologically based theory of language acquisition.** In: RICE, M. L. *Toward a genetics of language.* Mahwah: Lawrence. Erlbaum Assoc., 1996.

WEXLER, K. **Very early parameter setting and the unique chec king constraint: a new explanation of the optional infinitive stage.** *Lingua*, [s. l.], v. 106, p. 23-79, dec.1998. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384198000291>. Acesso em: 9 set. 2020

WEIST, Richard, 1986. **Tense and aspect.** In: Fletcher, P., Garman, M. (Eds.), *Language Acquisition. Studies in First Language Development.* Cambridge University Press, Cambridge, pp. 356–374.

WHITE, S. H. **The learning theory tradition in child psychology.** In P. H. Mussen (Ed.), *Carmichael's Manual of child psychology* (3rd ed., Vol. 1, pp. 657-701). New York: Wiley, 1970.

YANG, C. **Knowledge and Learning in natural language.** New York: Oxford University Press, 2002.

YIN, R. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2 a ed. Porto Alegre: Bookman. 2001.
Anexo - PRODUÇÕES MORFOLÓGICAS DE PRESENTE SIMPLES, PRETÉRITO PERFEITO E FUTURO DO PRESENTE NOS DADOS DE AC NAS IDADES INVESTIGADAS.

Morfologia de presente simples

Gravação 1 - 1;11

PP: Bruuuuuu. Bruuuuuu.

NR: Sua vez.

AC: Veze.Presto.

NR: Presto.

Gravação 3 1;11

NR: Hoje vocês elétricos, né?

AC: Ih, pula. Pulo. (p.10)

Gravação 4 - 2;00

NR: Pra mim?

AC: Pa mim au.

NR: Miau.

AC: É o miau.

Gravação 4 - 2;00

NR: Pra mim? Então, tá bom.

CM: E você? Não vai pintar, não?

NR: Não, ela só tá me vendo pintar. Eu to pintando tudo. Ela só tá...

AC: É pepexiiiiiiii.

Gravação 4 - 2;00

AC: Aaah! Aaah!

CM: Que lindos, filha!

AC: Aaah! Titi pinta peixi. E ei também.

Gravação 4 - 2;00

NR: A Minnie?

AC: Miná! Que é esse?

NR: Quê?

AC: Que é esse? Que é esse? Que é esse?

Gravação 4 - 2;00

CM: É, como é que chama o papai? Queriido. Tem alguém com soninho, né? Essa cama que a gente tá deitado é de quem?

AC: É do Chia.

CM: Não. É de quem? Essa de cima? É do ...?

AC: Pe-do.

Gravação 5 - 2;01

CM: Aqui, toma o tubarão.

AC: Nênem.

CM: (rugido)

AC: É meu.

NR: É seu? Ou é do Pedro?

PP: (resmungo)

NR: É nosso, né? Na minha casa, minha mãe falava assim: “Não é seu, não. É nosso.”

AC: É meu.

Gravação 5 - 2;01

NR: Vem cá, deixa eu ver o quê você fez aí. Huum , que lindo! O que quê é ? Fala pra mim o que quê você fez aí.

AC: É a boia e a outra boia.

Gravação 6 - 2;02

NR: Oi? Vocês foram no McDonald's ? Comer hambur...Comer hambúrguer? Nem posso mais entrar nessa vida.

AC: (risada)

NR: Que camisa legal é essa que você tá vestindo?

AC: É o Hulk.

Gravação 7 - 2;03

CM: Ai, o quê que houve? O quê que aconteceu?

PP: Abu. Dabu. (tosse)

AC: Eitiu. Tiu. Aiê tiúindo.

PP: (choro)

AC: É o livu.

Gravação 7 - 2;03

NR: Mas lá faz muito frio. Por que que ele mora lá no frio? Vamos ver quem mora lá? Quem é esse?

AC: É o piisu.

NR: É o pinguim!

AC: Pinguim.

Gravação 7 - 2;03

NR: Você? Você mora na fazenda?

CM: Alô?

NR: Quem é esse aqui?

AC: É o calo.

Gravação 7 - 2;03

CM: Alô?

AC: Tá aqui.

Gravação 7 - 2;03

CM: Você quer botar o Buzz para andar com você no... no patinete? Mamãe pega o Buzz. Quer?

PP: Dão!

AC: Quelo.

Gravação 7 - 2;03

CM: Bateu o cotovelo? Deixa eu dar um beijo.

PP: Gue!

AC: (resmungo) Eu queilo.

NR: Ali, o patinete ali. Cadê o patinete?

Gravação 9 - 2;04

CM: Toma.

NR: Nana é banana.

AC: É o peixe.

NR: É o Nemo.

Gravação 9 - 2;04

AC: Mo teituô. I tuô.

CM: Quer, Pedro?

AC: Queio. Nanana.

Gravação 9 - 2;04

NR: Cabelo? Igual ao seu?

PP: (risada)

AC: Neném tem cabelo.

Gravação 10 - 2;04

AC: É o Woody...

NR: É do Woody, mas cadê o Woody? Vamos procurar ele. Vem, vamos lá. Pedro, você sabe onde está o Woody?

Gravação 10 - 2;04

NR: Cadê o Home Aranha? Boneco do Homem Aranha?

AC: Tá ali, tá aliu.

Gravação 10 - 2;04.

NR: O quê que é seu?

AC: Hulk é meu.

Gravação 10 - 2;04.

NR: É um ovo? Você quer ovo? Você também quer o ovo?! Você quer tudo?!

AC: Quelo.

Gravação 11 - 2;05

CM: Olha, a Rainha Elsa, Pedro.

NR: (risada) Boladão.

AC: Essa é minha, Pedro.

Gravação 11 - 2;05

NR: Cadê o outro carrinho? Bruuuuu.

AC: Tem mais.

NR: Tem mais carrinho?

AC: Tem.

Gravação 11 - 2;05

NR: Cadê o carrinho?

AC: Tá ali.

Gravação 11 - 2;05

AC: É. A tá sujo, a tá calcinha.

CM: É, depois a mamãe lava a sua calcinha. Não tem problema.

Gravação 12 - 2;05

CM: Pedro está fazendo vários vídeos.

AC: Tá sujo.

Gravação 12 - 2;05

R: O que tem no seu pezinho?

AC: Tá sujo.

Gravação 12 - 2;05

AC: Eu dojo disso.

NR: Você gosta disso.

AC: Eu dojo disso.

NR: Você gosta?

Gravação 12 - 2;05

CM: Deixa eu desligar o papa. Deixa eu desligar o fogão.

AC: Está muito quente.

Gravação 12 - 2;05

CM: Quer ver?

AC: Quelo.

Gravação 13 - 2;06

AC: A roupa.

NR: De quem é essa roupa?

AC: É da fila.

NR: Pronto.

AC: Ponto. Quelo mais.

Gravação 13 - 2;06

NR: Tem outra tampa? Mas não tem outra panela.

AC: Não.

yNR: Não?

AC: Tem que cozinhar nessa.

Gravação 13 - 2;06

NR: Um prato? Mais um prato? O quê mais? Ih! A gente vai cozinhar o Nemo também?!

AC: Tem muito. Aqui.

Gravação 13 - 2;06

NR: Vamos cortar?

AC: Eu posso cutá?

Gravação 13 - 2;06

CM: Você vai fazer xixi no colo da tia Naná. Vai fazer xixi no colo da tia Naná?

AC: Eu quero fazer.

Gravação 13 - 2;06

NR: Quer mais molhinho?

AC: Eu quero o meu o tudo. Eu quero o meu o tudo.

Gravação 13 - 2;06

NR: Seu suco? Cadê seu suco?

AC: Quero mais suco melancia.

NR: Você quer mais suco de melancia?

AC: Quero mais suco.

Gravação 14 - 2;06

NR: De quem é essa bola? É do Fred?

AC: Não.

NR: É sua?

AC: É do Gael.

Gravação 14 - 2;06

NR: A mamadeira?

AC: É. Ela aperta.

Gravação 14 - 2;06

NR: Com a bola? Isso,tem que esfregar o sabonete na filha, né? Olha o sabonete a sua filha aí.

AC: Essa é a bola.

Gravação 14 - 2;06

NR: Aonde você vai com essa bolsa?

AC: Quelo biscoito.

Gravação 14 - 2;06

NR: Só tem essa hoje. Desligou? Você quer vasculhar minha bolsa?

AC: Eu quero é essa.

Gravação 14 - 2;06

NR: Tira uma foto do Fred, Pedro.

AC: Eu tiro uma foto do Quedi.

Gravação 14 - 2;06

NR: Não? Vamos desenhar?

AC: Eu quero ver... eu quero ver mando salo.

Gravação 14 - 2;06

NR: Aonde você vai com essa bolsa?

AC: Quelo biscoito.

Gravação 14 - 2;06

AC: Cadê meu pato?

NR: Opa! Pronto.

AC: É meu pato, PP!

Gravação 14 - 2;06

PP: Não! (risada)

AC: O PP! Eu quero conhecer o Mickey Mouse.

NR: Você quer conhecer o Mickey Mouse?

Gravação 14 - 2;06

NR: Que foi, meu amor?

AC: Quero tia.

NR: Você quer tirar a roda?

AC: Eu quero tia.

Gravação 14 - 2;06

Gravação 14 - 2;06

AC: Tá di tandália. Tá moiado. Tá moiado.

NR: O quê você está fazendo aí, garota? Está fazendo o quê? Bagunça, né?

Gravação 15 - 2;07

CM: Hoje Alice está com a calcinha de quem?

AC: É a calcinha da joaninha.

Gravação 15 - 2;07

AC: Minha mão tá suja.

NR: Tá suja de biscoito?

Gravação 15 - 2;07

NR: Vai brincar comigo? Então, tá.

AC: Tem um monte.

Gravação 15 - 2;07

AC: Tá aqui.

NR: Eu vou te ajudar. Cadê as outras peças? Estou procurando aqui mas não estou achando.

Gravação 15 - 2;07

NR: Faz aí que eu quero ver.

AC: Não consigo.

Gravação 15 - 2;07

AC: Esse é aqui, ó.

NR: Não, esse não é aí, não. Deixa eu pensar. Estão faltando peças ainda.

Gravação 15 - 2;07

AC: Não cabe no Woody. Não cabe no Woody.

NR: Esse é do Woody grandão.

Gravação 15 - 2;07

NR: Deixa eu ajeitar seu cabelo. Vem cá.

AC: Não quero.

Gravação 15 - 2;07

NR: Tem que montar aqui? Pega aquele pedaço lá, ô.

AC: Monta você, tia Naná.

Gravação 15 - 2;07

NR: Não sabe onde está?

AC: Não sei. Não sei onde tá o outo.

Gravação 15 - 2;07

NR: Esse aqui não dá pra encaixar, não, porque quebrou.

AC: Eu quero montá esse.

Gravação 15 - 2;07

AC: Eu quero outra caixa.

NR: Você quer outra caixa?

Gravação 15 - 2;07

AC: Eu quero botá um sapato.

NR: Um sapato também?

Gravação 15 - 2;07

AC: Eu quero botá um tênis.

CM: Tênis, não, filha. Tá muito calor.

Gravação 15 - 2;07

AC: Eu quero botá uma meia.

CM: Filha, tá um calor do cão.

Gravação 15 - 2;07

NR: Bota um chinquinho.

AC: Quero pegá uma meia.

Gravação 15 - 2;07

AC: A janela. Aanha. Quero abi.

NR: Você abrir o carro do Aranha? Deixa eu abrir para você.

Gravação 15 - 2;07

AC: O Woody tá aí (risada).

NR: O quê o Woody está fazendo aí?

Gravação 15 - 2;07

NR: Você não quer azul?

AC: Não quero.

Gravação 15 - 2;07

AC: Tenho esse aqui.

NR: Isso é carrinho. Não é lego.

AC: É do Hulk.

Gravação 15 - 2;07

NR: Cadê o prato da sua mãe? Acabaram-se os pratos?

AC: Tá quente.

Gravação 15 - 2;07

NR: É? Está quente. Cuidado! Tem que assoprar. Você assoprou?

AC: Quelo mamão.

Gravação 15 - 2;07

AC: Eu quero outro tênis.

CM: Então tira esse tênis.

Gravação 16 - 2;08

NR: É.

AC: Eu quero desenhar uma girafa. É.

NR: Desenha aí.

Gravação 16 - 2;08

NR: Ué, desenha você. É para desenhar o quê? Aqui, você.

AC: Quer ver?

NR: Quero. Quero ver.

Gravação 16 - 2;08

NR: Vamos procurar.

AC: Tá aqui! Tá aqui a Anna!

Gravação 16 - 2;08

NR: O Sven? Não sei se sei desenhar ele, não. Deixa eu ver se consigo.

AC: Tem que fazer o Sven.

Gravação 16 - 2;08

NR: Vou ver se eu consigo.

AC: É a Anna?

NR: Eu tô tentando... É...É.

PP: (incompreensível) Aqui! Obu.

AC: É um cavalo?

NR: (risada) Não. É um vestido.

CM: Achou?

AC: É a Elsa.

Gravação 16 - 2;08

AC: Não consigo desenhar esse.

NR: Não consegue? Por quê? Vamos pintar de rosa? Ah, tá sem ponta... Vamos pintar de azul?

Gravação 16 - 2;08

AC: É a varanda.

NR: Varanda?

AC: Essa é a varanda. Ela abre e fecha.

Gravação 16 - 2;08

CM: Filha, vamos colocar uma meia?

AC: Eu quero colocar uma meia.

Gravação 16 - 2;08

NR: Cadê a Anna para gente colocar a bota nela?

AC: Não tá aqui.

NR: Fred, você tá aí escondido?!

AC: Ele tá ali.

Gravação 16 - 2;08

NR: Ah! Olha a Anna aqui. Não é essa?

AC: Não. É a outra.

Gravação 16 - 2;08

NR: Você tem duas Annas?

AC: Eu tenho.

Gravação 16 - 2;08

AC: Não é. Não é. Essa é Elsa.

NR: É a Elsa. Deixa eu ver, vem cá. A bota dela aqui.

Gravação 16 - 2;08

NR: Olha ela canta, oh. Aqui, é ela sim. Cabe nela, oh. Opa!

AC: Não cabe.

Gravação 16 - 2;08

NR: A roupa dela tá aqui. Ela tá pelada e descalça por aí.

AC: É do sapato. Aqui.

Gravação 16 - 2;08

NR: Achou o Nemo?

AC: Achou. Não tá aqui.

Gravação 16 - 2;08

AC: Eu quero fazer xixi.

CM: Vem. PP, para. Eu não vou te dar o telefone. Eu posso lavar o banheiro enquanto você brinca com a tia Naná?

Gravação 16 - 2;08

NR: Sua Anna tá pelada por aí e a gente não acha ela. Já achei a roupa dela toda, menos ela.

AC: Não tá aqui. É massinha.

Gravação 16 - 2;08

NR: Tava aí, escondida?

AC: Tava. Ela canta.

Gravação 16 - 2;08

AC: Eu quero tomar banho.

NR: Você quer tomar banho?

Gravação 16 - 2;08

AC: Ela canta de novo.

NR: Gente, essa boneca não para de cantar nunca?

AC: Nunca.

Gravação 16 - 2;08

AC: Ela canta de novo.

NR: Ela canta sempre.

AC: Sempre.

Gravação 16 - 2;08

NR: Caiu, a boneca?

AC: Eu tenho um machucado aqui.

Gravação 16 - 2;08

NR: Jogou muito alto, sim.

AC: Tá ali embaixo. Tá ali embaixo.

Gravação 16 - 2;08

AC: Pode ser o Trolls.

CM: De novo, AC?

Morfologia de pretérito perfeito

Gravação 6 - 2;02

NR: Desligou? Deixa a tia colocar outra pilha, que essa pilha tá ruim. Deixa eu achar uma pilha que funcione, Alice. Deve ter aqui em algum lugar.

AC: Uou pia.

Gravação 6 - 2;02

CM: Minha nada mole vida.

NR: Que m&rd@, cara! Ih, meu Deus! Para! (risada)

AC: Abou.

Gravação 8 - 2;03

CM: Acho que colocou dentro da bolsa. Não colocou dentro da bolsa, não?

AC: Achou.

Gravação 8 - 2;03

AC: Ah! Chei!

NR: Apareceu?

Gravação 10 - 2;04

NR: Mais? Sua gulosa! Mais? Ai, desculpa.

AC: Comeu uá. ((ovo))

NR: Você comeu o ovo? Que delícia! Mais um? Quantos morangos a gente tem?

Gravação 11 - 2;05

PP:(resmungo)

AC: PP puxou.

Gravação 11 - 2;05

CM: Cara, deixa o PP brincar com a Rainha Elsa. Quem é a Rainha Elsa?

AC: Ió Elsa.

AC: Eu achei.

NR: Achou esse?

Gravação 11 - 2;05

NR: Pronto.

AC: Montá catelo. Tu, Du Du

Miau. Eu mentei (o casstelo).

AC: Eu montô isso.

Gravação 11 - 2;05

AC: PP caiu, tateu cabeça. O PP caiu tate cabeça.

NR: Olha aqui quem também está com fome. Quem vai dar mamar pro bebê?

AC: Abou.

Gravação 11 - 2;05

AC: É, o PP pouchu ((puxou)).

Gravação 11 - 2;05

AC: Toto ((sujou)). Toto, calcinha.

CM: Vou pegar mais pra você. Você pegar mais papá.

Gravação 11 - 2;05

NR: Ai, meu Deus! Você está tão fofinha! Agora só falta você, Pedro.

AC: Ficou bom.

Gravação 12 - 2;05

NR: Você quebrou?

AC: Não, foi o Fed.

NR: O PP quebrou?

Gravação 12 - 2;05

AC: Eu botei calu pequenininho.

Gravação 12 - 2;05

AC: Não achei a Jessy.

CM: Tá lá no armário, filha.

Gravação 12 - 2;05

AC: PP caiu, esse.

NR: Caiu?

Gravação 12 - 2;05

NR: Pedro voou?

AC: Pedo quis. Eu quis voar não.

Gravação 12 - 2;05

AC: Eu subi sozinha.

Gravação 13 - 2;06

NR: Carrinho? Depois a gente monta o carrinho, vamos montar o castelo. Vamos terminar o castelo do porquinho? Vamos?

AC: (risada) Caiu roda.

Gravação 13 - 2;06

CM: Achou o porquinho?

AC: Caiu.

NR: Caiu?

AC: Segura.

Gravação 13 - 2;06

NR: Eu adoro vocês.

AC: Caiu.

NR: Caiu? Vamos montar de novo?

Gravação 13 - 2;06

AC: Achei.

NR: Achou a neném?!

Gravação 14 - 2;06

NR: Ela faz barulho? Vamos dar banho na filha? Como é que dá banho na filha? A gente vai dar mamá ou vai dar banho primeiro? Cadê o mamá dela, falando nisso? Ah, tá ali. Deixa eu pegar pra você.

AC: Peguei!

NR: A mamadeira?

AC: É. Ela apeta.

Gravação 15 - 2;07

AC: Achei outro chapéu do Woody.

NR: Achou o chapéu do Woody?

AC: Achei outro chapéu do Woody.

Gravação 15 - 2;07

AC: Pulei.

Gravação 15 - 2;07

AC: Não sei. Não sei onde tá o outo. Não to poculando o outo também... Achei!

Gravação 16 - 2;08

AC: É a Anna. É a Anna aqui que a Vovó Clara desenhou.

NR: Ah...

AC: Cadê?

Gravação 16 - 2;08

AC: Desenhei.

NR: Hum... Ficou bonito.

AC: Eu desenhei é esse. Cadê o Sven?

Gravação 16 - 2;08

AC: Essa caneta acabou a tinta.

NR: Não acabou, não. Olha.

Gravação 16 - 2;08

NR: O hipopótamo?

AC: É. Desenhei.

Gravação 16 - 2;08

AC: Eu fiz xix na calça.

NR: Sua Anna tá pelada por aí e a gente não acha ela. Já achei a roupa dela toda, menos ela.

Gravação 16 - 2;08

AC: Mamãe achou? Tava aqui.

NR: Tava aí, escondida?

Gravação 16 - 2;08

CM: Sei lá.

AC: Eu já tomei banho?

CM: Já.

Gravação 16 - 2;08

NR: Você tava vendo a Branca de Neve?

AC: Aí... Aí... Aí... Aí...

NR: Ela canta pra sempre.

AC: Toma. Caiu. Caiu.

NR: Caiu, a boneca?

NR: Toma aqui, PP, seus mil carrinhos. Pra mim?

AC: É. Joguei muito alto.

NR: Jogou muito alto, sim.

Morfologia de futuro do presente

Gravação 10 - 2;04

NR: Ah, botar ele aí? Bota ele para dirigir.

AC: Vou dirigir.

Gravação 12 - 2;05

AC: É moita. Vamos mointá.

NR: Vamos montar? Vamos?

AC: Vamos.

Gravação 12 - 2;05

NR: Não, ele não quer brincar com a gente não?

AC: Não. Eu vou ficar aqui.

Gravação 12 - 2;05

AC: A mamae vai ve AC a cola.

CM: A mamae vai buscar.

Gravação 13 - 2;06

AC: Vamo cutá. Vamo cutá.

NR: Vamos cortar?

Gravação 13 - 2;06

AC: É.

NR: Com essa daí? A pizza?

AC: Vamos cozinhá.

NR: Ah, vamos cozinhar a pizza? Cadê a panela? Aqui.

Gravação 13 - 2;06

AC: Vamos cotá.

NR: Vamos cortar. Cadê a faca? Toma.

Gravação 13 - 2;06

NR: Ah, vai com colher?

CM: Cenoura para mim? Posso comer? Alice, vamos fazer xixi, filha.

AC: Eu vou papá.

Gravação 13 - 2;06

NR: Fazer pizza pra mamãe também? Vamos fazer pizza para todo mundo? Já está pronta? Já mexeu? Tem que mexer. Agora está pronto, né?

AC: Vai no fogo. Mi vai mexe.

NR: É para eu mexer?

AC: Eu vou papá agora. Nesse pato.

Gravação 14- 2;06

NR: Cadê a câmara, falando nisso? Ah, está aqui.

AC: Vamo cozinhá.

Gravação 14- 2;06

NR: Ah, essa é a Júlia, né? Não? Tem uma que é a Júlia. Qual é a Júlia?

AC: A bola. Júlia. Vamos tomá banho. A bola.

NR: A bola também vai tomar banho? Passa shampoo nela.

NR: Empresta uma pro PP, AC. Tem duas. Uma pra você e outra pro PP.

AC: Ela vai tomar banho.

Gravação 14- 2;06

NR: Opa! Pronto.

AC: É meu pato, PP! Ah! A gente vai cozinhar! É aqui.

NR: Ué, vocês estão guardando? Não vamos cozinhar mais, não?

Gravação 14- 2;06

NR: “Não deixa o PP.” PP botou e vai fazer tudo de novo. Tenho certeza.

PP: (risada)

AC: Vamos guadá.

Gravação 14- 2;06

NR: Fazer pizza pra você?

PP: A mou. A mou mou.

AC: A faca! Vamos cotá.

Gravação 14- 2;06

AC: Eu vou entrar.

CM: Não pode entrar. Ele está molhado. A mamãe lavou na máquina.

Gravação 14- 2;06

AC: Aqui. Aqui a bola, Naná.

NR: Pra mim?

AC: Eu vou me esconder.

PP: Aei!

NR: Achou?

Gravação 15 - 2;07

NR: Tá suja de biscoito?

AC: Vamos montá.

NR: Vamos montar?

AC: Vamos brincá.

Gravação 15 - 2;07

NR: Eu vou te ajudar. Cadê as outras peças? Estou procurando aqui mas não estou achando.

AC: Vamos montá. Assim.

NR: Tem mais.

Gravação 15 - 2;07

NR: Você está escondida?

AC: Eu vou trás... Eu vou atrás de você.

NR: Você vai ficar atrás de mim?

Gravação 15 - 2;07

NR: Me pegou? Você me pegou?

AC: Epa! Eu vou pular igual dinossauro.

CM: Pulou igual ao dinossauro?

Gravação 15 - 2;07

NR: Patinete? Vai andar de patinete?

AC: You

Gravação 15 - 2;07

NR: Guarda o meu também com você. Eu sei que com você está seguro. Pronto. Já guardou?
Vamos brincar agora?

AC: Eu vou binca de esse.

NR: Vai brincar com esse?

Gravação 15 - 2;07

NR: Rodinha quebrou.

AC: Vamos montá o trem.

NR: Tem que montar aqui? Pega aquele pedaço lá, ô.

Gravação 15 - 2;07

NR: Esse também é do trem? Encaixa nesse aqui, ô.

AC: Aqui o outo. Vamos poculá. Vamos poculá o outo. Não sei. Não sei.

NR: Não sabe onde está?

Gravação 15 - 2;07

AC: Vou pegá um tênis. Peguei um tênis legal!

NR: Legal? Você pegou um tênis legal? (risada) Cadê o outro pé?

AC: Aqui.

NR: É igual, né?

AC: É! Vou botá o tênis.

Gravação 15 - 2;07

AC: Faz assim, ô. Sigula aqui.

NR: Hum.

AC: Vou cola aqui.

NR: Vai colar o Aranha ali?

Gravação 15 - 2;07

NR: Então, tá. Você não queria que eu montasse pra você?

AC: Vou guada.

NR: Você vai guardar? Então, tá.

AC: Bola aqui bincá do... Vamos bincá do lego.

NR: Brincar de lego?

AC: Vamos achá. Vou achá. Onde tá o lego?

NR: Está aí do seu lado, ô.

Gravação 15 - 2;07

NR: Toma o verde, então.

AC: Vou botá vede no meu também. Bem gande!

NR: Bem grandão?!

AC: Vai cai, vai cai.

NR: Vai cair? Será que vai?

AC: Não vai.

NR: Não vai cair, não?

AC: Não vai cai.

Gravação 16 - 2;08

AC: É. E o Kristoff e...a Anna. Vou desenhar o...o...o...o

NR: Desenhar quem?

AC: O...O...O Olaf

Gravação 16 - 2;08

NR: Ah, então, tá.

AC: Vou botar a casa nela.

NR: Ah?

AC: Vou botar a casa nela. .